

UNIVERSIDADE ANHEMBI MORUMBI  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM COMUNICAÇÃO

JENNIFER ALINE DO LAGO SOUZA

**REPRESENTAÇÕES PERIFÉRICAS E LUTA SOCIAL NA CULTURA  
MIDIÁTICA: DIALOGIZAÇÃO DE VOZES SOCIAIS NO PODCAST  
MANO A MANO**

São Paulo

2024

**JENNIFER ALINE DO LAGO SOUZA**

**REPRESENTAÇÕES PERIFÉRICAS E LUTA SOCIAL NA CULTURA MIDIÁTICA:  
DIALOGIZAÇÃO DE VOZES SOCIAIS NO PODCAST MANO A MANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, na Área de Concentração “Comunicação Audiovisual”, como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ignês Carlos Magno.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nara Lya Cabral Scabin.

São Paulo

2024

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca UAM  
com os dados fornecidos pelo (a) autor (a)

Lago-Souza, Jennifer Aline do.

Representações periféricas e luta social na cultura midiática: dialogização de vozes sociais no podcast *Mano a Mano* / Jennifer Aline do Lago Souza. – 2024.

143 f.: 30 cm.

Orientadora Maria Ignês Carlos Magno

Coorientadora Nara Lya Cabral Scabin

Dissertação (Mestrado em Comunicação Audiovisual) – Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, 2024.

Bibliografia: f. 131

1. Movimentos Sociais Periféricos. 2. Representação. 3. Mídias Digitais. 4. Podcast. 5. Mano Brown.

**JENNIFER ALINE DO LAGO SOUZA**

**REPRESENTAÇÕES PERIFÉRICAS E LUTA SOCIAL NA CULTURA MIDIÁTICA:  
DIALOGIZAÇÃO DE VOZES SOCIAIS NO PODCAST MANO A MANO**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Anhembi Morumbi, Área de Concentração “Comunicação Audiovisual” como requisito para a obtenção do título de Mestre em Comunicação.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Ignês Carlos Magno.

Coorientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Nara Lya Cabral Scabin.

**Banca Examinadora:**

---

Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno (Orientadora)

Universidade Anhembi Morumbi (UAM)

---

Prof. Dr. Rogério Ferraraz (Titular Interno)

Universidade Anhembi Morumbi (UAM)

---

Prof. Dr. Ivan Paganotti

Universidade Metodista de São Paulo (Umesp)

*À Nair e Thiago, com intenso amor*

## AGRADECIMENTOS

Agradeço profundamente a Deus, pois sou convicta de que ninguém caminha desamparado do Amor e nada se constitui sem ajuda e partilha.

À minha avó, Nair, minha base. Ela é a motivação das minhas conquistas. Ao meu querido esposo, Thiago, por ser meu maior apoiador e companheiro de vida.

À minha orientadora, Profa. Dra. Maria Ignês Carlos Magno, por me aceitar em um desafio tão grande, dentro das circunstâncias que lhes foram propostas. Sua gentileza e doçura me passaram segurança nesta etapa final.

À minha coorientadora, Profa. Dra. Nara Lya Cabral Scabin, pela generosidade, apoio e paciência neste período de elaboração da dissertação. Agradeço a partilha de conhecimento e acolhimento, que foram essenciais para minha formação. Você inspira!

Ao meu primeiro orientador neste processo, Prof. Dr. Daniel Gambaro, pelas conversas, experiências, aulas, orientações em estágio docente e orientações no metrô. Agradeço especialmente sua sinceridade nos momentos em que mais precisei.

Aos professores que aceitaram participar da banca de defesa desta dissertação, pelo tempo dedicado à leitura e por compartilhar com cuidado e generosidade seus apontamentos. À Profa. Dra. Rosana de Lima Soares por tanta gentileza e cuidado com minha pesquisa, desde a banca de qualificação; seu auxílio foi indispensável para o desenvolvimento deste estudo. À Profa. Dra. Laura Loguécio Cánepa pela prontidão em compor a banca de qualificação como suplente, contribuindo com excelência os apontamentos que me foram feitos. E uma menção especial ao Prof. Dr. Rogério Ferraraz, que, mesmo não estando diretamente envolvido na minha pesquisa, aceitou substituir a professora Laura na banca e ao Prof. Dr. Ivan Paganotti que aceitou prontamente o convite e foi um professor extremamente parceiro e gentil em seus comentários nos congressos que nos encontramos.

Aos amigos que a Anhembi Morumbi me trouxe, em especial à Nina, Pati, Kiko e Marcão. A vocês, minha profunda gratidão por tudo, o dia a dia sem vocês não teria sido tão leve.

Aos queridos amigos que a vida me trouxe, Paulo Lira e Wellington Fernandes. Sem eles, eu ainda não teria tomado a decisão de encarar o mestrado. Não agora. Eles acreditaram mais em mim que eu mesma. Ao irmão de alma, Lucas Felix, que nunca deixou meus devaneios acadêmicos sem resposta. Sempre estive pronto para uma boa discussão.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES), que apoiou financeiramente esta pesquisa.

*A Periferia nos une pelo amor, pela dor e pela cor. Dos becos e vielas há de vir a voz que grita contra o silêncio que nos pune. Eis que surge das ladeiras um povo lindo e inteligente galopando contra o passado. A favor de um futuro limpo, para todos os brasileiros.*

- Sérgio Vaz em **Manifesto da Antropofagia periférica**

## RESUMO

Esta pesquisa tem como objetivo analisar a representação do movimento social periférico no espaço midiático, em especial no podcast "Mano a Mano", conduzido pelo rapper Mano Brown, e compreender como essa representação pode contribuir para o fortalecimento cultural e político do discurso presente nesses movimentos. Através da análise de discurso do círculo de Bakhtin, a pesquisa busca identificar as diferentes vozes presentes no podcast, bem como suas relações de poder e de significado, e compreender como a representação dos movimentos sociais periféricos pode contribuir para o fortalecimento cultural e político desses grupos. A pesquisa contribuirá para uma reflexão sobre a importância da representação no campo midiático e como essa representação pode ser uma ferramenta importante para a conquista de direitos e a luta contra a exclusão social, trabalhando para uma representação mais justa e igualitária.

**Palavras-chave:** Movimentos Sociais Periféricos. Representação. Mídias digitais. Podcast. Mano Brown.

## ABSTRACT

This research aims to analyze the representation of the peripheral social movement in the media space, especially in the podcast "Mano a Mano", conducted by rapper Mano Brown, and understand how this representation can contribute to the cultural and political strengthening of the discourse present in these movements. Through discourse analysis of the Bakhtin circle, the research seeks to identify the different voices present in the podcast, as well as their relationships of power and meaning, and understand how the representation of peripheral social movements can contribute to the cultural and political strengthening of these groups. The research will contribute to a reflection on the importance of representation in the media field and how this representation can be an important tool for achieving rights and the fight against social exclusion, working towards fairer and more equal representation.

**Keywords:** Peripheral Social Movements. Representation. Digital media. Podcast. Mano Brown.

## SUMÁRIO

1. Introdução.....	13
<b>2. Capítulo 1. Movimentos sociais e trajetórias: percursos históricos e disputas conceituais.....</b>	<b>19</b>
2.1. A organização social .....	20
2.2. Correntes teóricas .....	21
2.2.1. Movimentos sociais sob o enfoque do paradigma marxista.....	22
2.2.2. Movimentos Sociais sob a perspectiva culturalista-identitária...25	
2.2.3. Movimentos sociais sob a ótica da corrente institucional/ organizacional-comportamentalista.....	26
2.3. Estudos contemporâneos dos movimentos sociais.....	28
2.3.1. Premissas críticas de descolamento dos estudos clássicos .....	29
2.3.2. Matrizes teóricas dos novos movimentos sociais.....	31
2.3.3. Correntes teóricas europeias dos novos movimentos sociais...33	
2.3.3.1. Alain Touraine: o paradigma acionalista e os atores coletivos.....	33
2.3.3.2. Alberto Melucci: o paradigma da identidade coletiva....35	
2.3.3.3. Claus Offe: corrente neomarxista e a abordagem sociopolítica.....	37
2.4. O impacto das redes nos movimentos sociais: Manuel Castells.....	39
2.4.1. A organização do estudo dos movimentos sociais na América Latina.....	42
2.5. Cultura e política representadas em grupos periféricos.....	44
2.5.1. O movimento hip hop sob a lógica do fortalecimento cultural periférico.....	47
2.5.2. Mano Brown: luta e representação popular.....	49
<b>3. Capítulo 2. A construção da figura midiática de Mano Brown.....</b>	<b>55</b>
3.1. Representação periférica.....	56
3.1.1. Representação periférica e o audiovisual.....	58
3.2. Gênese do movimento hip hop no Brasil.....	60
3.2.1. Histórico dos Racionais MC's.....	63
3.3. Jornada pós anos 2000 .....	67
3.4. Mano Brown.....	70
3.4.1. A figura midiática.....	72

3.4.2. Ethos discursivo.....	73
3.4.3. A trajetória de um discurso midiático.....	74
3.4.3.1. Folha de São Paulo e o rap visto de fora.....	76
3.4.3.2. Mano Brown em sabatina no Roda Viva.....	78
3.4.4. Atualização da imagem de Mano Brown por meio do podcast..	80
3.4.4.1. Um novo Mano Brown: figura ilustre no Podpah.....	80
3.4.4.2. O Mano, no Mano a Mano.....	81
3.4.4.3. Enfim, um contador de histórias?.....	83
3.5. Podcast.....	84
3.5.1. Trajetória e disputas conceituais.....	86
3.5.2. Podcast e gênero discursivo.....	88
3.6. <i>Mano a Mano</i> : materialidades.....	90
3.6.1. Histórico/apresentação.....	91
3.6.2. O programa: características, convidados e pautas discutidas...	93
<b>4. Capítulo 3. <i>Mano a Mano</i> e vozes sociais: uma análise dialógica.....</b>	<b>96</b>
4.1. A perspectiva dialógica sobre o discurso: gênese e contribuição.....	97
4.2. O enunciado como operador analítico.....	99
4.3. Vozes sociais: perspectivas e posições ideológicas.....	101
4.4. Delimitação do objeto empírico.....	103
4.4.1. Temporada analisada: métodos e objetivos.....	105
4.5. Análise dos episódios.....	106
4.5.1. Karol Conká no Mano a Mano.....	106
4.5.1.1. Grade analítica: falas e posicionamentos.....	108
4.5.2. Holiday no Mano a Mano.....	111
4.5.2.1. Grade analítica: falas e posicionamentos.....	113
4.5.3. Djonga no Mano a Mano.....	116
4.5.3.1. Grade analítica: falas e posicionamentos.....	118
4.5.4. Glória Maria no Mano a Mano.....	120
4.5.4.1. Grade analítica: falas e posicionamentos.....	123
4.6. Discussão de resultados.....	127
<b>5. Considerações finais.....</b>	<b>129</b>
<b>Referências Bibliográficas.....</b>	<b>131</b>

## 1. INTRODUÇÃO

Pensar as múltiplas formas de representações da periferia, pode ser, de certa forma, deveras trabalhoso para algumas camadas sociais, que cresceram assistindo novelas ou programas de auditório que retratavam nos anos 90 uma forma mais popularesca e estereotipada de uma população historicamente marginalizada (MOREIRA, 2009a). Talvez estas reproduções tenham tornado difíceis as formações de significados, inclusive, para essas pessoas que cresceram em condições periféricas; dificuldade esta que, por vezes, pode ter sido traduzida em vergonha, em desesperança ou anulação, quem sabe. Nos filmes, pessoas pobres eram criminosas, usavam drogas, eram doentes, bregas, ridicularizadas, viviam em confusão, tinham famílias despedaçadas e nunca, mas nunca, poderiam ter um “final feliz”.

Desde o surgimento da televisão, a periferia ficou à margem, sendo representada de maneira romantizada (carnaval), estereotipada (novelas, programas de auditório e humorísticos) ou relegada ao universo da criminalidade (telejornais). [...] A cultura da periferia funciona como uma economia simbólica coexistente à do discurso hegemônico, ajustada tanto à rede financeira quanto aos circuitos de produção e consumo de bens culturais. Coexistente não significa oposta. Não é uma contracultura que quer contestar os cânones culturais da sociedade de consumo: quer, ao contrário, participar desse universo. A maioria dos canais televisivos alcança todas as camadas da população, mas não desenvolve uma grade de programação planejada prioritariamente para as classes com menor poder aquisitivo (MOREIRA, 2009b, p. 212).

A condição subalterna pode levar o indivíduo a sentir falta de potência e a desesperança de conseguir superar as situações de dificuldade. Tal situação pode se manifestar em diversos contextos, sendo nas dificuldades financeiras, problemas emocionais, relacionamentos familiares frustrados, falta de segurança em seu perímetro de moradia, ou até mesmo a formação profissional que muitas vezes é prejudicada mediante aos conflitos da vida pessoal. Isso pode resultar em um ciclo de

negatividade, onde a pessoa se sente presa em uma rotina de desafios aparentemente insuperáveis.

Crescer sob esta representação limitada e fadada ao fracasso de quem vive na periferia pode ter sido fator determinante para grupos de pessoas que não tiveram a oportunidade de descobrir outros lugares para ocupar e conquistar oportunidades legítimas. Sorte de quem pôde – mesmo sem a época compreender seu significado – partilhar da força da linguagem, da palavra, dos enunciados, capazes de construir sentidos para caminhar, persistir e conquistar direitos. E que sorte a minha em ter crescido ao lado de uma avó que, sob a função de mãe e pai, foi essencial em auxiliar na construção de significados que sobressaíram à vergonha que eu senti, por anos, em ser uma menina periférica. Vergonha esta que sempre aparecia quando eu tentava ocupar lugares que pareciam “não serem meus”. Quantas pessoas ainda não se sentem envergonhadas e inseguras quando tentam, por vezes, fazer este movimento sem sucesso?

Foi por meio do enunciado “pobres vencem na vida estudando”, sempre repetidos por minha avó, que, para mim, foi possível sair da vulnerabilidade financeira, da insegurança alimentar, da violência simbólica causada pelas camadas que subjagam o periférico, o pobre, o “sem condições”, e, sobretudo, da vergonha de contar tudo isso e ter orgulho de onde eu vim e me formei gente.

Meus colegas de quebrada precisam disso, eu precisei disso. Não foi sozinha esta conquista, ela nunca será só minha. Quebrar essas ideias limitadoras de que pobre nunca poderá ter nada, não será feita mediante a apenas um grito. Esse grito tem que ser em grupo, tem que ser alto, forte e contínuo.

Inconscientemente, desde pequena, flerto com a importância da construção de significados, pois foi ela, por meio do dialogismo vivido dentro de minha casa, que permitiu meu desenvolvimento para ocupar espaços e abandonar a vergonha e o medo da insegurança causados pela representação que o ser periférico traz consigo. É sob este mote, parte sentimental e parte necessária para um grupo significativo de pessoas periféricas que nasce esta pesquisa.

Por mais periféricos encontrando e formando seus significados, sempre.

\*\*\*

A presente dissertação busca compreender como se constituem as representações de movimentos sociais e ativismos periféricos no podcast *Mano a Mano*, conduzido pelo rapper Mano Brown. Pretende-se identificar temas relacionados a esses movimentos, analisar episódios do podcast do ponto de vista de sua constituição discursiva, e correlacionar a materialidade discursiva do podcast a um contexto de fortalecimento de ações de afirmação da(s) identidade(s) periférica(s) e de ampliação da visibilidade das lutas de grupos historicamente marginalizados.

A justificativa desta pesquisa reside na relevância social e política da representação de movimentos sociais e ativismos periféricos na cultura midiática. Estes movimentos nascem como formas de organização e luta por direitos e melhorias nas condições de vida das populações marginalizadas, negligenciadas pelo poder público e pelas elites políticas e econômicas. A representação desses movimentos no podcast *Mano a Mano* tem sido uma ferramenta importante na busca por direitos, visibilidade e representatividade dessas populações marginalizadas.

Para que esta afirmativa seja possível, trataremos de estruturar sua fundamentação teórica sobre autores que contribuem para a compreensão dos Movimentos Sociais como uma forma de luta política, como a concepção de Marx e Engels dos Movimentos Sociais, com estudos adicionais de Maria da Glória Gohn sobre ações coletivas e transformação social. Tiaraju D'Andrea fornece perspectivas sobre movimentos sociais populares nas periferias, enquanto Stuart Hall elucida a importância da visibilidade midiática e da representação para grupos marginalizados.

Recorreremos à análise discursiva do podcast, sob a luz das reflexões de Mikhail Bakhtin e Valentin Voloshinov, explorando conceitos de dialogismo e gênero discursivo, além da inter-relação entre linguagem, ideologia e consciência. Carlos Alberto Faraco complementa o estudo com suas reflexões sobre o Círculo de Bakhtin e as relações entre linguagem, sociedade e ideologia, e a importância do gênero discursivo na construção dos sentidos.

A metodologia desta pesquisa é baseada em uma abordagem qualitativa e discursiva, que envolve várias etapas. Primeiramente, será realizada uma pesquisa

teórica e bibliográfica para estabelecer uma base sólida de conhecimento sobre o apresentador do programa e sua figura midiática. Em seguida, procederemos à análise discursiva de uma amostra selecionada de episódios do podcast. Durante essa análise, nosso objetivo é identificar as diferentes vozes sociais que ecoam no podcast e entender como elas interagem entre si. Este processo nos permitirá compreender como as representações de movimentos sociais e ativismos periféricos são construídas no podcast Mano a Mano.

O procedimento metodológico para esta pesquisa se inicia com uma pesquisa teórica e bibliográfica, que envolve a revisão de literatura existente sobre movimentos sociais, ativismos periféricos e a cultura midiática. Através desta etapa, será possível compreender o panorama dos estudos sobre movimentos sociais e seus desdobramentos até a incorporação do impacto nos Novos Movimentos Sociais, incluindo a categoria Movimentos Periféricos.

Após a revisão da literatura, o próximo passo é o levantamento de informações sobre o rapper e apresentador do programa Mano a Mano, Mano Brown. Esta etapa considerará a trajetória artística de Mano Brown e a construção de sua figura midiática, o que é crucial para entender o contexto no qual o podcast é produzido e o papel do apresentador na condução do discurso do programa.

O podcast será então caracterizado enquanto gênero discursivo, de acordo com a definição de Bakhtin (2016). Esta etapa se concentrará nas características e formatos do podcast, o que proporcionará uma compreensão mais detalhada do meio de comunicação utilizado.

A etapa final, e talvez a mais crítica do procedimento metodológico, é a análise discursiva do podcast. Esta análise envolverá a identificação dos temas abordados nos episódios e a transcrição dos episódios selecionados. Além disso, a análise considerará o contexto social no qual a interação discursiva ocorre, identificará os interlocutores presentes nos episódios e examinará as interações e as vozes sociais representadas no podcast.

Ao combinar a pesquisa teórica, o levantamento de informações, a caracterização do podcast e a análise discursiva, este método permitirá uma compreensão profunda de como as representações de movimentos sociais e ativismos periféricos são constituídas no podcast Mano a Mano.

\*\*\*

Para alcançar os objetivos propostos, trataremos no capítulo Movimentos sociais e trajetórias: percursos históricos e disputas conceituais, a construção histórica dos sujeitos periféricos, desde a compreensão histórica dos Movimentos Sociais até a produção de uma visibilidade emergente das periferias urbanas por meio da cultura midiática. Analisamos a evolução do discurso do Racionais MC's, focando em Mano Brown. Sua figura representa os sujeitos periféricos e denuncia a realidade das periferias brasileiras, buscando justiça social. Através de sua arte, Brown mostra como a cultura pode ser uma ferramenta de transformação social. Discutimos a relação entre ativismo e movimentos sociais, e a importância da autonomia para fortalecer a voz dos sujeitos periféricos, conscientizando sobre o "ser periférico" e seus direitos.

No capítulo A construção da figura midiática de Mano Brown, discutiremos as representações do rapper, o histórico do Racionais MC's, sua arte, e a imagem de Mano Brown, incluindo seu podcast "Mano a Mano". Situaremos a trajetória do podcast como formato midiático e suas disputas conceituais. Propomos uma reflexão sobre o "podcast de entrevista" como gênero discursivo, ligando-o ao Círculo de Bakhtin. Exploraremos o "podcast de entrevista" como gênero a partir de seus contextos de produção e consumo, base para a análise do "Mano a Mano" na sequência da dissertação.

Já o capítulo Mano a Mano e vozes sociais: uma análise dialógica, analisamos o podcast "Mano a Mano" usando a perspectiva dialógica de Bakhtin. Por meio de conceitos como gêneros discursivos e vozes sociais, buscamos entender como essas vozes são orquestradas em cada episódio. O objetivo é identificar e categorizar as vozes sociais representadas nos discursos dos participantes. Iniciamos com a caracterização do \*corpus\* e as premissas para análise, contribuindo para a reflexão sobre as posições dos entrevistados. A compreensão desses elementos é essencial para identificar as articulações discursivas que representam um espaço periférico na cultura midiática atual.

E, por fim, mas não menos importante, o capítulo Considerações Finais consolidará as principais descobertas, análises e reflexões feitas ao longo do estudo. Ele serve para reafirmar a relevância do tema estudado, neste caso, a representação de vozes periféricas no podcast "Mano a Mano", apresentado por Mano Brown. Além disso, esta seção também poderá apontar possíveis caminhos de estudos e pesquisas futuras.

## 2. CAPÍTULO 1: MOVIMENTOS SOCIAIS E TRAJETÓRIAS: PERCURSOS HISTÓRICOS E DISPUTAS CONCEITUAIS

Esta seção é sobre luta.

A luta é a expressão da resistência e da revolta contra a opressão e a exploração, e pode ser vista como uma forma de exercício da liberdade e da autonomia dos indivíduos e grupos sociais (SCHMIDT, 2013). A construção de uma sociedade mais justa e igualitária é processo de aprendizado e de construção coletiva de conhecimento, em que os indivíduos e grupos envolvidos se tornam sujeitos ativos da sua própria história e se engajam na construção de um futuro melhor para todos.

Manuel Castells disse, em entrevista à Revista Época, em 2013<sup>1</sup>: “A mudança está na cabeça das pessoas. Os movimentos sociais não tomam o poder. Eles dissolvem o poder por meio da transformação mental”. Esta frase ilustra a importância da conscientização e da mudança de pensamento para a realização de mudanças sociais significativas. No entanto, a transformação mental não ocorre de forma isolada, mas em conjunto com mudanças estruturais na sociedade; por isso, nosso intuito neste capítulo é refletir sobre as formas de organização das lutas e suas representações, conhecer sua trajetória e pensar suas articulações possíveis em relação ao que hoje significa a presença de um *podcast* como o *Mano a Mano* na plataforma Spotify.

Para tanto, será necessário nos debruçarmos sobre as aproximações teóricas e empíricas entre noções e conceitos como *movimentos sociais*, *ativismos* e *coletivos culturais*, a fim de intentar uma reflexão sobre a trajetória de Mano Brown – considerando-a desde sua atuação no grupo Racionais MC's, que começa no final da década de 1980, até a condução do *podcast Mano a Mano*, nosso objeto de estudo.

Nesse sentido, propomos refletir sobre o *podcast Mano a Mano*, apresentado pelo *rapper* Mano Brown, à luz de proposições dos estudos sobre movimentos sociais. A opção por abordar esse tema se dá pela forte presença de questões sociais e políticas na obra do *rapper* e do grupo Racionais MC's, além da relevância dos movimentos sociais como instrumento de luta e resistência das classes populares. A proposta aqui é evidenciar como o *podcast* pode ser compreendido como forma de

---

<sup>1</sup> Disponível em: <https://epoca.oglobo.globo.com/ideias/noticia/2013/10/bmanuel-castellsb-mudanca-esta-na-cabeca-das-pessoas.html>. Acesso em: 05 jun. 2023.

expressão do engajamento político e social por parte de Mano Brown, bem como discutir como (e se) ele pode ser visto como espaço de articulação e mobilização em relação às lutas dos movimentos sociais.

Mais precisamente, propomos entender as possíveis relações entre o *podcast Mano a Mano* e os movimentos sociais sob a ótica da abordagem de temas que são pertinentes às lutas desses movimentos, tais como a violência policial, o racismo, a desigualdade social e a exclusão. Além disso, Mano Brown e os Racionais MC's sempre foram reconhecidos por sua postura engajada politicamente e por suas letras que denunciam a realidade das periferias brasileiras.

A fim de aprofundar essa discussão, realizaremos uma revisão teórica sobre o conceito de movimentos sociais, de forma a entender o contexto em que surgem diferentes formas de ação popular periférica e ativismos na contemporaneidade. O propósito é cotejar, a partir desses conceitos, a trajetória de Mano Brown – mesmo que ele próprio não se intitule como ativista ou porta-voz de movimentos específicos. Ao longo do capítulo, serão abordadas as aproximações teóricas e empíricas entre movimentos sociais, ativismos e coletivos culturais, entre outras denominações, a fim de refletir sobre a trajetória de Mano Brown como integrante do grupo Racionais MC's e como apresentador do *podcast Mano a Mano*.

Em suma, esperamos mostrar, nas próximas páginas, que, embora Mano Brown e os demais integrantes dos Racionais não se reconheçam como representantes de movimentos sociais, é possível identificar aproximações teóricas e empíricas entre eles no espaço das sociabilidades nas periferias. A partir dessas discussões, proporemos, mais adiante, o conceito de *ativismo* como categoria analítica para definir a trajetória de Mano Brown e sua atuação na sociedade. Esse conceito busca evidenciar como o engajamento político e social do *rapper* se reflete em sua obra e como o *podcast Mano a Mano* pode ser um espaço de mobilização e articulação para as lutas presentes nos espaços periféricos.

## **2.1 A organização social**

O tecido social é composto por uma série de camadas que, diante de sua densidade, costuram a complexidade da vida individual, conjugando em si

configurações e reconfigurações que geram a manutenção da interatividade dos grupos, bem como seus limites e zonas de interesse.

A formação grupal dentro de uma sociedade se dá a partir do reconhecimento de semelhanças e diferenças pelos indivíduos. Segundo Simmel (2006), seu significado sociológico compreende a formação do indivíduo a partir da diferença que se vê no outro; a observância das diferenças compreende o posicionamento adequado dentre as disputas de interesses. Nesse sentido, “o objeto do interesse prático e que forma a base evidente da ação dinâmica é o que nos garante vantagem ou desvantagem perante os demais indivíduos, e não aqueles aspectos pelos quais coincidimos com eles” (SIMMEL, 2006, p. 46).

Da mesma forma que as Ciências Sociais buscam compreender o fenômeno da formação social, esta é acompanhada pelo estudo e compreensão da mobilização dos grupos por meio do que pode ser denominado “Movimentos Sociais” (MS). Compreendemos a necessidade de organização que os indivíduos possuem no sentido de se atingir um benefício ou direito em comum, ou, até mesmo, na defesa de um ideal. Entretanto, a Sociologia, que é o campo que primeiramente irá abordar a construção dessa teoria, dialoga inicialmente com diversos autores que buscam em sua complexidade analisar e descrever o fenômeno em observação.

## **2.2 Correntes teóricas**

Segundo Maria da Glória Gohn<sup>2</sup> (2014a), podemos compreender a divisão dos pilares teóricos que buscam conceituar e dialogar com os movimentos sociais em três correntes iniciais: (i) a corrente histórico-estrutural, que diz respeito às discussões referenciadas em fontes de Marx, Gramsci, Rosa de Luxemburgo, Lenin, Trotsky etc.; (ii) a corrente culturalista-identitária, que parte de influências mais diversificadas, envolvendo não apenas o idealismo de Kant, mas também o romantismo de Rousseau, algumas teorias utópicas e libertárias do século XIX, bem como referências de Nietzsche, Weber e Hegel – corrente esta que também será conhecida como o pilar

---

<sup>2</sup> Maria da Glória Gohn é uma socióloga brasileira, graduada em Ciências Sociais pela Universidade de São Paulo (USP), com mestrado e doutorado em Ciência Política pela mesma instituição. Ela é reconhecida como uma das principais referências na área de estudos dos Movimentos Sociais no Brasil e no mundo. Frequentemente, ela será citada ao longo da pesquisa por ser uma das únicas referências com robustez em pesquisa e avanço do conhecimento nesta área, sobretudo no que diz respeito ao estudo dos Movimentos Sociais na contemporaneidade.

que fundamentou os novos movimentos sociais, que trataremos em mais detalhes; e (iii) a corrente institucional/organizacional-comportamentalista, que teve desenvolvimento a partir dos Estados Unidos, com base nas teorias liberais dos séculos XVII e XVIII, e que posteriormente se desdobraria nos paradigmas de Mobilização de Recursos e Mobilização Política. Passaremos, a seguir, à caracterização de cada uma dessas correntes teóricas.

### **2.2.1. Movimentos sociais sob o enfoque do paradigma marxista**

O pilar histórico-estrutural trata da leitura de formação dos movimentos sociais a partir da conexão de um contexto de mudança social, bem como de suas carências e necessidades originadas de um processo de opressão econômica, política e histórica (GOHN, 2014a). Aqui, o interesse não é tratar da revolução propriamente dita, mas sim, da ação coletiva das classes e camadas sociais em situação de subordinação.

Considerando os estudos de Marx e Engels<sup>3</sup>, dividiremos o desenvolvimento de seus arcações intelectuais em três momentos: (i) o heterodoxo; o (ii) ortodoxo; e o (iii) neomarxista.

Ainda segundo Gohh (2014a), a corrente heterodoxa trata da abordagem de Marx em sua juventude, ligada a estudos sobre a consciência, alienação e ideologia<sup>4</sup>. Esta vertente orientou o trabalho humanista desenvolvido posteriormente por Rosa Luxemburgo, Gramsci, Trotsky, Lenin e Lukács, seguidos pela Escola de Frankfurt após a Segunda Guerra Mundial. A contribuição dessa corrente teórica não se dedica especificamente à complexidade da construção e atuação dos movimentos sociais, no entanto, apresenta o estudo do movimento operário e das lutas sindicais, bem como sua necessidade de construir uma base social que tenha um projeto adequado à vontade e necessidade das massas.

---

<sup>3</sup> A teoria de Marx e Engels sobre a luta de classes e a exploração econômica fornece uma base sólida para a compreensão dos movimentos sociais e suas causas. Eles argumentavam que os grupos dominantes na sociedade usam seu poder econômico e político para manter o status quo e explorar os trabalhadores (SCHMIDT, 2013).

<sup>4</sup> A ideologia presente no capitalismo é geralmente a visão de mundo da classe dominante, expressa nas relações concretas estabelecidas entre os proprietários privados e os trabalhadores assalariados, sendo esta ideologia responsável pela alienação dos indivíduos (MANDARINO, 2022).

Para Rosa Luxemburgo, por exemplo, a revolução socialista não significava apenas um projeto dos líderes políticos, mas sim, o empenho coletivo das massas. O poder estabelecido deveria ser transformado para se encaixar nas necessidades e desejos da população, mesmo que isso pudesse requerer uma subversão do sistema vigente. Ou seja, as organizações de grupos sociais, dentro do paradigma marxista, até os anos 1950, estariam atreladas à luta de classes, subordinadas a uma chave reformista, revolucionária ou reacionária (GOHN, 2014b).

Segundo a autora, Lukács e a Escola de Frankfurt, por sua vez, contribuíram ao desenvolvimento da corrente de pensamento da alienação como a limitação da autonomia humana, decorrente da dominação de indivíduos por forças externas, que podem ser tanto "forças da natureza" quanto aquelas advindas da organização social. Para alcançar a emancipação, é preciso libertar-se desses elementos externos e desenvolver seu potencial pleno.

Lenin e Trotsky acreditavam que um grupo de líderes partidários, formado por elites de operários e intelectuais vanguardistas, era necessário para dirigir o movimento de massa (GOHN, 2014b). Apesar de ter suscitado críticas e revisões posteriores, a teoria da vanguarda partidária teve grande influência no movimento comunista internacional e inspirou a criação de partidos políticos de vanguarda em vários países ao longo do século XX. No entanto, a experiência desses partidos mostrou que a vanguarda partidária não era uma solução garantida para a liderança revolucionária, e que a relação entre a vanguarda e as massas era complexa e sujeita a tensões e contradições (DEO; MAZZEO; ROIO, 2015).

Já Gramsci teve suas obras utilizadas a serviço de diversas interpretações, contribuindo para perspectivas que analisam a hegemonia no sentido da politização e desenvolvimento das massas, caracterizando o alcance de uma hegemonia popular. Essa vertente de pensamento visa ao objetivo de uma transformação gradual, inicialmente contemplando a mudança da sociedade civil, compreendida pela transformação de suas práticas e valores, capaz de construir uma contra hegemonia sobre a ordem dominante.

Já o pilar ortodoxo<sup>5</sup> representa uma corrente baseada nos fundamentos abordados pelo Marx maduro, após os anos 1850, em que foram discutidos conceitos

---

<sup>5</sup> O pilar ortodoxo marxista é uma visão que busca manter a pureza das ideias originais de Karl Marx, sem adaptações ou modificações. Essa visão é baseada em um entendimento rígido do materialismo histórico-dialético, que é a teoria marxista que explica o desenvolvimento da história humana através

em torno do estudo do capital, formação social, forças de produção, mais-valia e superestrutura. Marx desenvolve o estudo da sociedade capitalista a partir da centralidade da mercadoria; este se torna o ponto de partida do processo de acumulação e entendimento do desenvolvimento social (GOHN, 2014a).

No entanto, são os autores que se destacaram depois dessa fase que irão não apenas rejeitar a linha ortodoxa de pensamento marxista – em seus parâmetros econômicos e macroestruturais –, como também contribuir para a construção de uma releitura dos movimentos sociais na Europa sob um paradigma neomarxista. Gohn (2014a) ainda lista, dentre os teóricos marxistas que promoveram esta releitura, os nomes de Manuel Castells, Jean Lojkine, Ernesto Laclau e Claus Offe, além dos historiadores liderados por Eric Hobsbawm.

Muitos autores continuaram referenciando-se em elementos teóricos-chaves do marxismo, passando a ser chamados de neomarxistas. Seus estudos e teorizações sobre os movimentos sociais vão, paulatinamente, abrandando o peso das determinações estruturais e assumindo pressupostos teóricos que dão maior autonomia de ação aos atores sociais (PICOLOTTO, 2007, p. 160).

Ainda que a corrente neomarxista não desconsidere a problemática das classes sociais, seu destaque está na não espontaneidade do surgimento dos movimentos. Sob essa perspectiva, os movimentos sociais são alimentados pela organização dos cidadãos, consumidores e usuários de bens e serviços que atuam em conjunto com as bases sociais mobilizadas para lutar contra questões relacionadas a seus interesses diários (GOHN, 2014a).

Como principal problematização apontada por críticos da visão marxista, está o fato de essa vertente não ter priorizado a valorização da autonomia entre os demais nichos (para além da dimensão classista) de relação social e política dos indivíduos; de modo que, conforme Assies (1990, p. 107-108, tradução nossa):

Elementos como socialização, processos educacionais, interação social, autoconsciência, o inconsciente, identidade coletiva e individual com base em gênero, preferência sexual, etnia e assim por diante, permaneceram fora do mainstream da análise e reflexão marxista<sup>6</sup>.

---

da luta de classes e da interação entre as forças produtivas e as relações sociais de produção (PUZONE; MARIA, 2017).

<sup>6</sup> No original: “Elements such as socialization, educational processes, social interaction, self - consciousness, the unconscious, collective and individual identity on the basis of gender, sexual preference, ethnicity and so forth, have remained outside the mainstream of marxist analysis and reflection”.

## 2.2.2. Movimentos Sociais sob a perspectiva culturalista-identitária

A corrente culturalista-identitária, conforme descrita por Gohn (2014a), diferentemente da vertente marxista, caracteriza-se pelo destaque conferido às novas identidades como força influenciadora das ações sociais. Autores como Bobbio, Habermas, Melucci e Touraine ganharam destaque com suas contribuições neste pilar teórico acerca dos movimentos sociais; a crítica apresentada pelos autores remete à compreensão de que os estudos marxistas considerariam apenas as classes operárias como categorias econômicas, descuidando da relevância dos demais grupos sociais.

Dada a diversidade teórica<sup>7</sup> que inspirou essa corrente, a partir dos anos 1960, observa-se o crescimento de seus estudos, principalmente no continente europeu, reforçando a densidade da capacidade de produção de novas formas de ação social, formatadas a partir de novos significados. Esse trabalho compreende uma crítica à ortodoxia marxista, ao mesmo tempo em que se beneficia do diálogo com o marxismo e destaca-se através de produções que até hoje perduram, como a produção intelectual de Touraine e Melucci.

Esta corrente construiu a chamada novidade dos “novos movimentos sociais” ao destacar que as novas ações abriam espaços sociais e culturais, eram compostas por sujeitos e temáticas que não estavam na cena pública ou não tinham visibilidade, como mulheres, jovens, índios, negros etc. (GOHN, 2014b, p. 29).

Segundo Dutra e Nunes (2015), esses autores apresentaram críticas ao marxismo, mas mantiveram um diálogo constante com ele, não o rejeitando completamente. O grande legado da corrente culturalista-identitária foi mostrar ao mundo a habilidade dos movimentos sociais em criar novos significados e novas maneiras de viver e agir socialmente.

Essa produção possibilitou a expansão da compreensão dos movimentos sociais em divisões categorizadas por códigos culturais, bases simbólicas, novas

---

<sup>7</sup> Segundo Gohn (2014b, p.29), a corrente teórica foi “influenciada por uma complexa e variada gama de influências que incluem o idealismo katiano, o romantismo rousseauiano, teorias utópicas e libertárias do século XIX, o individualismo nietzschiano, a abordagem da fenomenologia e teorias weberianas, Escola de Frankfurt e a teoria crítica de forma geral”.

experiências produzidas pelas dinâmicas sociais e pela concepção do indivíduo como constituído a partir de uma identidade. Segundo Camoleze (2022, p. 37), “os Novos Movimentos Sociais formam um contraponto à imposição de um modelo predeterminado para certos grupos da sociedade, constituindo, assim, uma ampliação da luta pelos direitos”.

A corrente culturalista-identitária será utilizada como fundamento para discussão posterior e é uma importante ferramenta para entender as questões de identidade e diversidade que permeiam a sociedade atual. Ela auxilia a compreensão das lutas e desafios enfrentados por grupos historicamente marginalizados, promovendo a igualdade e a inclusão social.

As lutas identitárias são um dos pilares dessa corrente, tendo como objetivo a reivindicação de reconhecimento e valorização de diferentes grupos. Elas buscam não apenas a igualdade formal, mas também a valorização e o respeito às diferenças que caracterizam esses grupos, reconhecendo que cada um tem suas particularidades e desafios (DELGADO, 2018).

Da mesma forma, essa corrente nos possibilitará subsidiar, mais adiante, a discussão sobre políticas identitárias, que, por sua vez, são estratégias utilizadas para promover a igualdade material e simbólica para os grupos representados. Elas levam em consideração a complexidade das identidades sociais, culturais e políticas, buscando combater a discriminação e o preconceito a partir do reconhecimento e valorização das diferenças (DELGADO, 2018). Dessa forma, as políticas identitárias devem ser vistas como fundamentais para garantir que esses grupos tenham acesso a direitos básicos, como saúde, educação e segurança.

Por seu turno, as lutas por reconhecimento são pautadas na demanda por visibilidade e valorização de determinados grupos e suas identidades. Ainda sobre Delgado (2018), elas buscam combater a invisibilidade e a marginalização social, permitindo que esses grupos tenham voz e participem ativamente da sociedade. Essas lutas são fundamentais para a construção de uma sociedade mais justa e democrática, que respeite e valorize a diversidade humana, promovendo o diálogo e a inclusão social.

### **2.2.3. Movimentos sociais sob a ótica da corrente institucional/organizacional-comportamentalista**

A corrente denominada institucional/organizacional-comportamentalista teve origem nos Estados Unidos, ganhando certa adesão na Europa em países como Inglaterra, Alemanha e Holanda; a base de sua orientação parte do arcabouço das teorias liberais dos séculos XVII e XVIII e do pensamento utilitarista<sup>8</sup>, somados ao pragmatismo ocidental<sup>9</sup>. Com base nesses fundamentos, o movimento social é abordado sob uma perspectiva econômica e sociopsicológica, considerando que os objetivos do movimento são atingidos quando são institucionalizados (GOHN, 2014a).

Assim, a discussão proposta pela vertente teórica em questão busca compreender os interesses e recursos, bem como a forma com que os movimentos sociais se organizam e desmobilizam na atualidade, ainda que dentro de uma perspectiva econômica ou sociopsicológica.

Ainda segundo Gohn (2014a), por volta dos anos 1960, os teóricos buscaram uma revisão crítica da leitura feita pela corrente, resultando em uma nova teoria, a saber: aquela sobre a *Mobilização de Recursos* (MR). Essa perspectiva procurou explicar os movimentos sociais emergentes na época, enquadrando as ações coletivas em explicações comportamentalistas organizacionais. Esta lógica postula que os movimentos podem surgir quando há oportunidades políticas para ações coletivas. Essa teoria foi considerada adequada nos anos 1960 e 1970 pela sociedade norte-americana porque os movimentos estudados constituíam uma extensão dos conceitos básicos do liberalismo americano.

Revisitando os discursos elaborados a partir da corrente da MR, diversos autores, como Cohen (1985), Ferree (1985), Piven e Cloward (1992), contestaram a abordagem central dos movimentos sociais sob essa teoria, apontando que ela excluiria normas, valores, projetos, ideologias, identidades e cultura dos grupos sociais estudados, bem como os impactos conceituais percebidos a partir da similaridade entre os comportamentos convencional e de protesto, desconsiderando as particularidades situacionais (GOHN, 2014a).

Dessa forma, a partir dos anos 1970, uma nova fase da corrente norte-americana de pensamento concernente à estrutura dos movimentos sociais foi

---

<sup>8</sup> Segundo Gohn (2014), o pensamento utilitarista é uma corrente filosófica que surgiu na Inglaterra no século XVIII e que defendia que as ações humanas devem ser guiadas pelo princípio da utilidade, ou seja, devem buscar maximizar a felicidade e minimizar o sofrimento.

<sup>9</sup> O pragmatismo é uma corrente filosófica que surgiu nos Estados Unidos no final do século XIX e que defendia que o conhecimento deve ser avaliado em termos de sua utilidade prática. Alguns dos principais representantes do pragmatismo são Charles Sanders Peirce, William James e John Dewey (DOURADO, 2018).

construída. Uma lógica que, objetivando complementar a teoria da Mobilização de Recursos – que cumpriu o papel de conferir destaque aos aspectos organizacionais vinculados à perspectiva econômica –, foi desenvolvida para pensar o racional político dos movimentos sociais.

Com isso, a nova teoria, denominada teoria da *Mobilização Política* (MP), enfatizou a estrutura das oportunidades políticas, o nível de organização dos grupos demandantes e a análise cultural para interpretar os discursos dos atores dos movimentos. Assim, passou-se a enxergar a linguagem, os símbolos, as ideologias e as práticas culturais de resistência como parte dos embates expressos nos discursos. A análise foi menos focada na desconstrução textual e mais no significado social das ideias e imagens contidas nesses discursos, os quais, por sua vez, dão forma às ações coletivas.

Ainda segundo Gohn (2014a), a MP é norteada por três conceitos-chave: (i) a mobilização das estruturas, herdada da MR; (ii) a ideia de *frame*, que considera a matriz cultural de cada indivíduo como o ponto norteador de interpretação de sua realidade, de modo que os movimentos sociais se formariam a partir da conexão entre os *frames* de um grupo de indivíduos; e, por fim, (iii) as oportunidades políticas, uma vez que, segundo Tarrow *apud* Gohn (2014a), os movimentos sociais emergem quando há oportunidade política para o público mais carente, ou seja, trata-se de um fenômeno que viabiliza o nascimento de novos movimentos.

Dessa forma, a Teoria da Mobilização Política busca resgatar elementos do paradigma tradicional da ação coletiva e postulados marxistas para fornecer novas explicações sobre como os membros de um movimento social compreendem a si mesmos, compartilham suas experiências e as reinterpretam em um contexto de grupo. Dadas as postulações consideradas por diversos autores contribuintes das teorias norte-americanas, houve a consolidação de um enfoque articulado para a compreensão da identidade coletiva, bem como da interação com sua cultura. Nesse sentido, a MP se aproximou das teorias europeias denominados “Novos Movimentos Sociais”, como veremos na sequência do capítulo.

### **2.3. Estudos contemporâneos dos movimentos sociais**

O pensamento contemporâneo traz consigo a reconfiguração das matrizes orientadoras da modernidade e novas maneiras de compreensão da racionalidade. Nesse sentido, discussões sobre globalização, novos padrões de relação social, emergências de novas tecnologias e inovações tornam perceptível a existência de novos caminhos para uma transição eminente.

A partir dos anos 1960, com o intuito de confrontar as discussões relacionadas aos movimentos sociais em voga, especialmente no que diz respeito aos esquemas utilitaristas e estudos baseados nas perspectivas racional e estratégica de atores, pensadores como Foucault, Guattari, Touraine, Offe e Melucci, entre outros, debruçaram-se sobre uma nova forma interpretativa visando à ênfase na cultura, na ideologia, nas lutas cotidianas, na solidariedade entre os indivíduos de um grupo ou movimento e nas percepções de identificação criadas.

Foucault (1994) chamou a atenção para essa dimensão ético-política criativa, extrajurídica, ao pensar os movimentos sociais de minorias a partir da noção de modo de vida, com a qual ele pretendeu introduzir no pensamento político contemporâneo outras formas de consideração das relações entre os indivíduos, para além das fronteiras identitárias e dos mecanismos convencionais de regulamentação jurídico-política de tais relações (DUARTE; CÉSAR, 2014, p. 412).

### **2.3.1. Premissas críticas de descolamento dos estudos clássicos**

Como mencionado, algumas linhas de pensamento diferem da construção dos estudos nomeados “Novos Movimentos Sociais” (NMS), as quais devem ser descritas, a fim de enfatizar esse marco de transição que os movimentos sociais apresentam e representam, por meio da complexidade – não de um sentido burocrático, mas sim, da densidade teórica e ganho de amplitude – que alcançam através dos autores que aqui serão relacionados.

A premissa que representa essa nova categoria teórica é a base fundamentada em um modelo cultural. Uma visão funcionalista predominante até então tratava da correlação da cultura com o conjunto fixo de valores e atributos herdados do passado. Embora os teóricos dos NMS tenham simpatia pelo neomarxismo, pois acreditam que a consciência, ideologia, lutas sociais e solidariedade são fundamentais à ação

coletiva, o marxismo clássico foi desconsiderado por esses pensadores porque se prende às determinações macrossociais (GOHN, 2014b).

Mais adiante, na compreensão dos NMS, identificamos a negação do sujeito histórico construído no marxismo ortodoxo, redutor da humanidade; segundo Gohn (2014a, p. 122): esse sujeito “é predeterminado, configurado pelas contradições do capitalismo e formado pela consciência autêntica de uma vanguarda partidária”, devendo ser reconfigurado para um enquadramento dos “participantes das ações coletivas como atores sociais”.

O pilar que enquadra a política neste novo eixo passa a enxergá-la dentro de uma perspectiva central. Essa redefinição trata da expansão da compreensão política para as demais dimensões sociais, expandindo o olhar para além das limitações do Estado, criando-se possibilidades para as relações culturais, microssociais e civis (CAMOLEZE, 2022). Dessa forma, os teóricos dos NMS interessam-se principalmente pelas ações coletivas e pela identidade coletiva criada pelo processo de interação, negociação e oposição entre diferentes orientações. A ideia de identidade, no entanto, não foi proposta pela primeira vez por esses teóricos: ela já estava presente no trabalho de Turner e Klapp, realizado em 1969.

Sobre a proposição do termo “novo” que acompanha a denominação da corrente teórica em questão, alguns autores, como Melucci *apud* Foweraker (1995), afirmaram uma questão aberta em sua explicação<sup>10</sup>; Foweraker (idem, p.40) observa:

Uma das principais afirmações da tese dos Novos Movimentos Sociais é que eles são novos porque não têm uma clara base classista como nos velhos movimentos operários ou camponeses; e porque não têm um interesse especial de apelo para nenhum daqueles grupos. São interesses difusos.

Ainda que se trate de um tema particularmente sujeito a disputas, que passa por redefinições e múltiplas interpretações, é possível identificar um conjunto de características mais ou menos estáveis que definem os NMS a partir da abordagem de diferentes autores dessa corrente de estudo (GOHN, 2014b). Dessa forma,

---

<sup>10</sup> Ao discutir o conceito de "novo" em relação aos Novos Movimentos Sociais, Melucci aponta que há uma questão em aberto sobre esse conceito, que esses movimentos são novos precisamente porque não possuem uma base classista clara e não têm um interesse específico em apelar a nenhum desses grupos. Portanto, os Novos Movimentos Sociais são mais flexíveis e menos rígidos do que seus antecessores, e as questões que eles levantam muitas vezes vão além das divisões tradicionais de classe e podem ser compartilhadas por pessoas de diferentes origens e posições sociais (FOWERAKER, 1995).

buscaremos sistematizar a seguir suas particularidades, a fim de delimitar de maneira mais assertiva os traços do novo pensamento teórico:

- 1) Não existe uma compreensão clara sobre quais são os papéis desempenhados pelos participantes. Ocorre uma tendência para que a base social dos NMS transcenda as fronteiras de classes sociais;
- 2) Os NMS apresentam uma visão diferente em termos de características ideológicas em comparação com os movimentos da classe trabalhadora e a abordagem marxista de ideologia. Os NMS exibem um amplo leque de ideias e valores e tendem a ser mais pragmáticos, optando por reformas institucionais que expandam a participação de seus membros na tomada de decisões;
- 3) Os NMS permitem a emergência de novas formas de expressão da identidade;
- 4) Não há compreensão única a respeito da conexão entre o indivíduo e o grupo;
- 5) Os NMS abrangem particularidades pessoais e íntimas da existência humana;
- 6) Os trabalhadores usam táticas não-violentas, como desobediência civil, para resistir aos sistemas de opressão;
- 7) A proliferação e utilização de mecanismos de participação não-convencionais estão relacionadas à crise de credibilidade dos processos democráticos tradicionais nas democracias ocidentais;
- 8) Os NMS são organizados de forma alastrada, fragmentada e não concentrada, ao contrário dos partidos tradicionais de massa, que são centralizados e burocratizados.

### **2.3.2. Matrizes teóricas dos novos movimentos sociais**

Conforme apontamos anteriormente, a constituição dos novos movimentos sociais não trata da formulação de uma nova teoria, mas sim, da composição de estudos resgatados, revisitados, reconsiderados e reformulados. Logicamente que este exercício abriu possibilidades para outros autores conquistarem espaço, como

os frankfurtianos, especificamente Adorno e Habermas, e idealistas que contribuíram após essa fase, como Felix Guattari, Michel Foucault e Giles Deleuze (GOHN, 2014b).

A abordagem apresentada por esses autores viabilizou o surgimento das teorias micro centradas na ação social – discursos focados na liberdade negociada em contraposição à ordem de origem estrutural ou conjuntural; essa corrente constitui uma articulação significativa do pensamento moderno, consolidando a sustentação da integridade do indivíduo racional. Tais discussões impactaram diretamente a formulação de estudos voltados para movimentos sociais “alternativos”<sup>11</sup>: ecológicos, feministas, de pessoas LGBTQIAPN+, de pessoas não-brancas, pela paz etc.

Essa busca pela perspectiva microssocial traz subsídios característicos da autonomia, inspirando a teorização dos movimentos sociais sob diversos aspectos, como, por exemplo, o trabalho de Foucault, que consiste em recuperar a voz e os discursos dos que lutam contra a opressão. Seus estudos visam denunciar os pontos de poder e influência existentes. Essas ideias foram absorvidas por intelectuais que lideram os novos movimentos sociais, especialmente os que lidam com questões relacionadas à raça e ao gênero (GOHN, 2014a). Já Guattari focou na análise dos movimentos sociais alternativos ou da contracultura. Esses movimentos não buscam o poder ou o conhecimento, mas sim, a disseminação, na sociedade, de novas maneiras de organizar e de pensar as relações entre a vida cotidiana, o trabalho, a economia, o desejo etc (GUATTARI *apud* GOHN, 2014a).

Outra menção muito importante dentro dessa abordagem é a da fenomenologia. Essa ciência trata do cruzamento de pressupostos relacionados à abordagem subjetivista dos fenômenos com a consciência dos indivíduos, no entendimento cotidiano da vida social. Autores como Husserl e Schutz (1962) dão conta desse raciocínio como uma forma explícita de se dar significado às experiências subjetivas dos indivíduos no que diz respeito ao convívio social e ao impacto na construção de suas ações.

E, por fim, mas não menos importante, deve-se considerar, complementarmente a esse olhar dos novos movimentos sociais, o conceito de “mundo da vida”, como desenvolvido por Habermas. O mundo da vida, segundo

---

<sup>11</sup> Para Habermas, os genuinamente “novos” movimentos sociais seriam os insurgentes contra a colonização do mundo da vida, contra os papéis institucionalizados de consumidor da sociedade de mercado, e mesmo de cidadão, fazendo a crítica das instituições políticas. Seriam, portanto, propositores de novas formas de cooperação e de comunidade (ALONSO, 2009).

Habermas, é formado por três componentes distintos: a cultura, a sociedade e a personalidade (BRESOLIN; SILVA, 2020). Esses componentes estão entrelaçados e possuem uma tradição implícita de pressupostos compartilhados e de convenções linguísticas e culturais que são usadas pelas pessoas no seu dia a dia. Ao mesmo tempo, as ações dos indivíduos são coordenadas por meio de normas reconhecidas intersubjetivamente, dando forma a uma comunidade social solidária.

Tendo em vista essa breve revisão de conceitos que sustentam as matrizes referenciais básicas dos novos movimentos sociais, apreendemos que não há contribuições exclusivas e novas teorias expressas, mas sim, um composto e rearranjo das percepções abordadas em outros momentos de discussão sobre os movimentos sociais. Dessa forma, podemos abrir o leque de sentidos e aplicações do olhar social para novas configurações de grupos que anteriormente não possuíam discriminação própria dentro dos eixos conceituais tradicionais.

### **2.3.3. Correntes teóricas europeias dos novos movimentos sociais**

Como vimos, os estudos dos NMS não constituem um consenso homogêneo de teorias, mas resultam da reunião de diversas discussões; nesse sentido, a fim de tratar de forma didática e objetiva dessa questão, traçaremos três pilares europeus que foram fundamentais para referenciar discussões posteriores sobre o tema. Serão consideradas as correntes: (i) francesa, com a contribuição de Alain Touraine; (ii) italiana, com os estudos de Alberto Melucci; e (iii) alemã, liderada por Claus Offe.

#### **2.3.3.1. Alain Touraine: o paradigma acionista e os atores coletivos**

O estudo de Touraine contribui para a formação do pensamento sobre os novos movimentos sociais desde a década de 1960 e possui relevância significativa nas discussões sobre os movimentos sociais, que, em sua análise, dizem respeito a um conceito que deve ser revisitado periodicamente, dadas as mudanças e o impacto da globalização da territorialidade e na soberania das nações (TOURAINÉ, 1996).

Seu estudo na década de 1960 teve início pautado em um paradigma acionista, objetivando avaliar o movimento social como produto das condutas, comportamentos, sistemas e mudanças sociais; segundo Gohn (2014b), esse pensamento evoca a

retomada dos pressupostos funcionalistas, uma vez que toda ação é vista como a resposta a um estímulo social.

Nesse sentido, o estudo de Touraine se debruça sobre a abordagem do indivíduo como ator portador de dinamismo, produtor de reivindicações e/ou demandas. Seu estudo trata de desenvolver a observação sobre o contexto, reconhecendo a arbitrariedade sobre o indivíduo, dotado de condutas e comportamentos – e, ao contrário do marxismo ortodoxo, enfatiza o papel do indivíduo e não da classe social. Esse raciocínio pode ser aplicado à formação da ação coletiva, caracterizada pela reivindicação e oposição a um grupo, enquadrado nas dinâmicas da sociedade industrial (GOHN, 2014b).

Outra representação teórica, ainda na mesma década, confere destaque para a consolidação de seus estudos, que é a compreensão de que o movimento social só pode existir dentro de uma sociedade industrial, uma vez que esta contextualiza o exercício da ação coletiva. Sua análise aponta que existem três dimensões características: (i) classe; (ii) nação; e (iii) industrialização (TOURAINÉ, 1996).

Esse cenário viabiliza a manifestação entre classes antagônicas, dada sua característica dependentista<sup>12</sup> e uma dualidade da modernização em que a oposição entre o urbano – massivamente representado por uma burguesia estrangeira – e o rural geraria a tensão necessária para a legitimação de um grupo reivindicativo. Assim, a abordagem da teoria dualista da modernização<sup>13</sup> justifica, para Touraine, que, dentro de uma sociedade industrial, todo movimento social seja entendido como um movimento de classe e anticapitalista.

Já nos anos 1970, percebe-se um afastamento dos estudos das classes operárias e uma concentração nas ações sociais de outros grupos, como, por exemplo, o movimento estudantil; seu paradigma teórico se aproxima, então, da teoria da ação social, que possui sua gênese nas relações sociais. Para Touraine, os movimentos sociais são produto da relação e organização social, considerando a combinação entre identidade e oposição.

---

<sup>12</sup> Segundo a teoria da dependência, os países subdesenvolvidos são dependentes dos países desenvolvidos, que exercem influência econômica e política sobre eles. Essa dependência é resultado da forma como o sistema capitalista se desenvolveu ao longo da história, favorecendo os países mais ricos e prejudicando os mais pobres (CARDOSO; FALETTO, 2004).

<sup>13</sup> A teoria dualista da modernização explica as diferenças no processo de desenvolvimento econômico e social entre países desenvolvidos e subdesenvolvidos. Para essa teoria, a modernização ocorre de forma desigual, com a presença de dois setores: um moderno, dinâmico e voltado para a exportação; e um tradicional, estagnado e voltado para o mercado interno (MACHADO, 1970).

Por volta da década de 1980, seus estudos desdobram-se em uma vertente mais metodológica, visando a compreender o método de investigação da pesquisa e análise empírica sobre a ação coletiva, já que a reconstrução de fatos viabiliza a capacidade de distanciamento ideológico entre o pesquisador e o objeto de pesquisa.

Muito frequentemente, os autores, enquanto pensam estar descrevendo ações coletivas ou eventos históricos, expressa, cruamente suas próprias opiniões, é indispensável comparar nossas próprias categorias com outros tipos de construção da realidade social. O problema, entretanto, não é perseguir uma objetividade pura, abstrata, mas determinar os limites da ideologia e realizar discussões entre os cientistas sociais mais significativos, submetendo nossos trabalhos à crítica (TOURAINÉ, 1985, p. 750-751).

Já a década de 1990 marca a contribuição do autor para a reflexão sobre a sociedade em geral e os rumos da humanidade. Para Touraine, a noção de movimento social se desenvolve ao longo das décadas, considerando que o conflito é produto da relação entre os grupos antagônicos. Na sociedade industrial, essa interface costumava se dar na dinâmica do processo de produção, entretanto, esse cenário se reconfigura dadas as transformações da era da globalização. Nesse sentido, Touraine compreende a transformação do espaço de relações entre os grupos, que passam a ser viabilizadas pela alteração dos processos de produção, consumo e comunicação (GOHN 2014b).

Por fim, em seus estudos, é possível identificar traços de transformação dos novos movimentos sociais de um sentido de história para uma formação de autogestão, que se desloca do objetivo de tomada de poder para a constituição de democracia interna (GOHN, 2014b).

### **2.3.3.2. Alberto Melucci: o paradigma da identidade coletiva**

O autor traz consigo décadas de contribuição para os estudos dos movimentos sociais, porém, ganha relevância internacional somente no final dos anos 1980. Seu destaque se deu ao introduzir o paradigma da identidade nas discussões relacionadas às ações coletivas. Esse estudo dá conta de relacionar os movimentos sociais às redefinições da identidade dos indivíduos modernos, como a intervenção na estrutura biológica, na organização da natureza, nas formas de comunicação entre os homens e na própria definição da cultura.

Sua formação e atuação nas ciências sociais e psicologia clínica combinam a análise da subjetividade das pessoas com a análise das condições político-ideológicas de um dado contexto histórico. Ou seja: seus estudos tratam de relacionar e compreender a conexão entre os movimentos sociais e as necessidades individuais da sociedade contemporânea (GOHN, 2014a).

Ao longo dos anos, o autor vem contribuindo com seus estudos, combinando os movimentos sociais com o produto das necessidades individuais na sociedade contemporânea, até o ano de 1996, em que Melucci publica uma de suas mais importantes obras. *Challenging Codes* foi publicada em 1996; nela, o autor faz uma reflexão sobre o papel da ação coletiva no mundo contemporâneo e como as mudanças sociais afetam e são afetadas por ela. Melucci argumenta que as ações coletivas não são mais organizadas em torno de questões políticas clássicas, mas sim, em torno de identidades e valores compartilhados (MELUCCI, 1996). Ele também discute a importância da comunicação e da cultura na formação e expressão dessas identidades coletivas. Essa obra é uma referência importante para estudiosos da sociologia e da teoria da ação coletiva que, segundo o autor,

É um conjunto de práticas sociais que envolvem simultaneamente certo número de indivíduos ou grupos que apresentam características morfológicas similares em contiguidade de tempo e espaço, implicando um campo de relacionamentos sociais e a capacidade das pessoas de incluir o sentido do que estão fazendo (MELUCCI, 1996, p. 20).

De acordo com Melucci, o movimento social é algo que se constrói analiticamente e não pode ser considerado como objeto empírico ou fenômeno observável. A abordagem analítica é desenvolvida para destacar as qualidades da ação coletiva. Os movimentos não são considerados como unidades dotadas de um objetivo comum, mas sim, como sistemas de ações, formados por diversos níveis e significados da ação social.

Segundo Gohn (2014a, p. 155), “nesta conceituação, a mera existência de um conflito não é suficiente para qualificar uma ação como movimento social. [...] O que caracteriza a sua existência seria a luta entre dois atores por uma mesma coisa”. A formação do conflito, para Melucci, está relacionada a um sistema complexo, sendo produzida relacionalmente, excluindo-se a propriedade individual de produzir a reivindicação. Outro ponto de destaque para o autor é a gênese dos movimentos sociais, que não se daria entre as camadas subalternizadas, mas sim, entre lideranças

com experiência anterior. A experiência da participação possui capacidade mobilizadora para o início e sugestão de uma ação coletiva.

Ao longo das décadas, podemos identificar algumas concordâncias entre Melucci e Touraine no sentido de relacionar o movimento social como o produto de abordagem dos problemas gerais percebidos. Outra concordância entre os teóricos é a forma com que a cultura é impactada e transformada; as práticas sociais tornam-se agentes transformadores da linguagem cultural de uma época, como ocorre, por exemplo, no caso do surgimento e legitimação das preocupações com ecologia, raça, gênero, infância etc.

Na década de 1990, Melucci trabalha novamente sobre o conceito de identidade coletiva e chega à afirmação:

A identidade coletiva é um processo que envolve três mecanismos para sua definição/constituição: a definição cognitiva concernente a fins, meios e campo da ação; a rede de relacionamentos ativos entre os atores que interagem, comunicam-se, e influenciam uns aos outros, negociam e tomam decisões; e, finalmente, a identidade coletiva requer um certo grau de investimento emocional, no qual os indivíduos sintam-se, eles próprios, parte de uma unidade em comum (MELUCCI, 1995, p. 44-45).

Por fim, no sentido de enfatizar a complexidade da rede de relacionamentos para o acontecimento de um movimento social, Melucci compreende que a maioria dos movimentos sociais não é resultado da ação isolada de indivíduos. Grupos pré-definidos são os responsáveis por estabelecer metas, planos, acordos e obrigações. Portanto, não se pode considerar um movimento como um processo espontâneo que surge unicamente de necessidades e desejos individuais.

### **2.3.3.2. Claus Offe: corrente neomarxista e a abordagem sociopolítica**

Claus Offe não é um autor com vasta dedicação aos estudos dos movimentos sociais, porém, uma de suas publicações em 1985 tornou-se emblemática para a construção do paradigma dos novos movimentos sociais. Seus trabalhos são considerados neomarxistas ou pós-marxistas e seguem a Teoria Crítica iniciada na Escola de Frankfurt.

Contrário aos estudos de Touraine, que se debruçava sobre a matriz sociocultural, e de Melucci, que considerava articular suas discussões sob o prisma psicossocial, Offe enquadrava sua discussão em uma chave sociopolítica, dialogando

com o sistema capitalista avançado. Segundo Offe (1988, p. 169), “em qualquer momento e em qualquer sociedade dada, há sempre uma configuração ‘hegemônica’ dos temas que, em geral, consideram-se prioritários e que sejam tratados como centrais”. Por isso, sob essa perspectiva, desde a Primeira Guerra Mundial até os anos 1970, os assuntos políticos mais importantes eram o crescimento econômico e a garantia da seguridade social<sup>14</sup>.

A Alemanha foi usada como objeto de investigação para avaliar as teorias conservadoras que estavam sendo discutidas no final dos anos 1970 e 1980. Ao aplicar os princípios da análise dialética, procurou descobrir as raízes dos problemas na mudança das relações sociais e compreender as consequências dessas transformações para as necessidades materiais e simbólicas da sociedade durante uma era de transição desorganizada do capitalismo (GOHN, 2014a).

Offe discute a incapacidade das instituições políticas e econômicas em lidar com as necessidades, riscos e ameaças globais que estavam afetando os planos essenciais da vida física, pessoal e social dos indivíduos; é esta geração de novas formas de controle social e dependência que daria lugar e argumento para a constituição dos novos movimentos sociais. Segundo Offe (1988, p.212), “os novos movimentos sociais, cujo modo de atuar politicamente aparece como uma resposta racional a um conjunto específico de problemas”.

As demandas e reivindicações não são apenas dos ativistas, mas compartilhadas por uma ampla comunidade de pessoas, competentes e bem-informadas, e que não estão envolvidas em movimentos políticos: isto constitui uma das principais causas dos NMS. A constituição dos movimentos surge a partir dos grupos mais propensos a serem afetados pelas consequências negativas dos processos pelos quais lutam (GOHN, 2014a, p. 165).

Nos anos 1980, Offe desenvolveu o raciocínio dos paradigmas dos movimentos sociais e os classificou em dois tipos: o *antigo* e o *novo*. O paradigma antigo caracterizara-se pela seguridade social e incentivo de crescimento, estabelecendo atores no exercício de grupos econômicos com valores voltados para o consumo privado e progresso material. Já o novo paradigma, também conhecido como “modo de vida”, em referência aos estudos de Habermas, daria gênese aos NMS; Offe

---

<sup>14</sup> De acordo com a Constituição Federal Brasileira de 1988, em seu artigo 194, a seguridade social é definida como "um conjunto integrado de ações de iniciativa dos Poderes Públicos e da sociedade, destinadas a assegurar os direitos relativos à saúde, à previdência e à assistência social" (BRASIL, 1988).

relaciona a listagem organizada por Melucci e cita os movimentos estudantis, feministas, ecológicos, de cidadãos, étnicos, de saneamento, saúde etc. Os valores defendidos pelo novo paradigma giravam em torno da identidade e da autonomia pessoal, contra a centralização de controle.

Já nos anos 1990, Offe dedicou-se à compreensão dos movimentos sociais e grupos de interesse no desenvolvimento de processos democráticos. Em suma, a abordagem de Claus Offe, ainda que expressivamente menor que a dos demais autores abordados até aqui na vertente dos novos movimentos sociais, foi altamente relevante para a compreensão do tema em outras linhas e perspectivas, uma vez que combina a análise do social com óticas macro e microestruturais.

#### **2.4. O impacto das redes nos movimentos sociais: Manuel Castells**

Os estudos relacionados aos movimentos sociais mantiveram sua heterogeneidade, levando em consideração as múltiplas perspectivas de abordagens, referências e desdobramentos sociais ao longo das décadas. Com o propósito de reunir discussões sobre sua trajetória histórica e conceitual, destacaremos a contribuição de Manuel Castells, sociólogo espanhol, que representou uma frente significativa de renovação do debate sobre questões sociais originadas na abordagem marxista da compreensão urbana, e que nos auxiliará mais à frente, no que tange às reconfigurações que contextualizam os novos movimentos sociais.

Sua crítica toma caráter disruptivo ao rejeitar a centralidade norteadora do território; em seus estudos, a conceituação de espaço é direcionada para o produto das relações sociais, ou seja, parte da ideia de desterritorialização urbana. Nessa abordagem, identifica-se o direcionamento conceitual das ações populares para uma ideia de movimento social urbano, trazendo em seu bojo a ótica da problemática da cidadania. A obra *Lutas urbanas e poder político*, publicada em 1973, foi traduzida para diversos idiomas, tendo influenciado largamente o suporte teórico de pesquisas sobre os movimentos populares urbanos na América Latina (GOHN, 2014b).

Seu quadro metodológico buscava analisar, inicialmente, dois aspectos básicos, que visavam a (i) determinar a estrutura da reivindicação ou problema; e a (ii) relacionar o produto da observação com (a) contradições do capitalismo, (b)

expressão estrutural do movimento no urbano e (c) processo político predominante no país nos últimos anos.

A compreensão quanto ao peso dos movimentos sociais na constituição da identidade dos grupos urbanos vai se alterando ao longo das décadas. O preço que Castells paga ao analisar os fenômenos de maneira ágil é receber críticas a respeito de suas abordagens, ter que contestá-las e, dependendo do contexto, aceitar a volatilidade nas quais suas afirmações se encontram (CASTELLS, 2013).

Uma questão emblemática que acompanhou os desdobramentos de seus escritos foi exatamente a ideia de que os movimentos sociais não são agentes de transformação social e que possuem limites políticos e técnicos. Para Castells (2013), os movimentos são fundamentais para uma gestão democrática da cidade, pois diagnosticam as necessidades coletivas, porém, as reformas são viabilizadas pelo Estado, por meio de instrumentos institucionalizadores.

Suas escolhas metodológicas o levaram a acompanhar os desdobramentos da formação social, e uma de suas percepções contribui sobremaneira para a identificação de uma nova configuração da então era da informação<sup>15</sup>, substituta da era industrial: referimo-nos à noção de “sociedade em rede” (1999), pois ela se constituía por redes em todos os seus aspectos básicos.

Castells (2019, p.70) afirma que “uma sociedade em rede é uma sociedade cuja estrutura social é construída em torno de redes ativadas por tecnologias de comunicação e de informação processadas digitalmente e baseadas na microeletrônica”. Apesar de as redes serem uma forma de organização bastante antiga, as tecnologias digitais possibilitaram que elas se expandissem e se reconfigurassem, ultrapassando os limites dos modelos organizacionais tradicionais em relação à gestão da complexidade alcançada por redes de grande porte.

Como as redes não se limitam ao Estado-nação, a chamada “sociedade em rede” se estabeleceu como um sistema global, representando a nova globalização que caracteriza a nossa época. Porém, embora todos os lugares do planeta sentissem os efeitos dessa nova estrutura social, algumas pessoas e territórios eram incluídos e outros excluídos, gerando (ou reforçando) desigualdades sociais, econômicas e

---

<sup>15</sup> De acordo com Castells (1996), a era da informação é caracterizada pela centralidade da tecnologia da informação e da comunicação (TIC) na organização e desenvolvimento da sociedade global. Nesse contexto, a informação é vista como a principal fonte de poder e riqueza, e a internet e outras TICs possibilitam a conexão e a interação em tempo real entre indivíduos e organizações em nível mundial.

tecnológicas. Paralelamente, diversos movimentos sociais e estratégias geopolíticas ganharam larga proporção para influenciar as fontes de poder globais, enquanto as instituições herdadas da Era Moderna e da sociedade industrial foram perdendo sua capacidade de controlar e regular os fluxos de riqueza e informação a nível mundial.

Ao longo das décadas, o pensamento de Manuel Castells foi acompanhando os desdobramentos sociais, orquestrados sob uma lógica de globalização e, concomitantemente, a formatação dos movimentos sociais, que são atualizados à medida que as formas de interação entre os indivíduos se alteram. É dessa forma que o autor aborda, em *Redes de indignação e esperança* (2012), obra dedicada à Alain Touraine, seu pai intelectual dos movimentos sociais, a compreensão do movimento social como produto da indignação social.

Dada a desconfiança dos indivíduos em relação às instituições políticas responsáveis pela administração da sociedade, os movimentos sociais atuam como alavancas de mudança a partir do seio popular. Assim, segundo Castells (2012), os movimentos sociais não nascem apenas da pobreza ou desespero político; sua gênese está no desencadeamento de uma mobilização emocional originada na indignação causada pela injustiça, o que caracteriza o modelo de movimentos sociais na era da internet.

Esse novo enfoque para a percepção das relações sociais abre caminho para a reflexão sobre uma nova configuração para o espaço público, uma vez que “a comunicação sem fios conecta dispositivos, dados, pessoas, organizações, tudo isso com a nuvem emergindo como repositório de uma ampla constituição de redes sociais, como uma teia de comunicação que envolve a tudo e a todos” (CASTELLS, 2012, p. 169).

A diversidade de utilizações da internet evidencia esse novo arranjo de dinâmicas, oferecendo diversas possibilidades, tais como relacionamento social, marketing, *e-commerce*, educação, criatividade cultural, distribuição de mídia e entretenimento, aplicações de saúde, ativismo sociopolítico etc. Essa tendência contribui para a transformação da cultura, pois permite o compartilhamento de conteúdo entre usuários, que, assim, conseguem transcender tempo e espaço, estabelecer vínculos e conectar práticas. Assim, temos um mundo em rede que abrange todas as dimensões da experiência humana, algo que não é nem um mundo virtual, nem um mundo separado, mas um mundo híbrido que une o *online* e o *offline*.

Até hoje, as contribuições de Castells continuam gerando repercussões e fornecendo subsídios para a formação dos movimentos sociais em rede nas mais diversas áreas de ação pública. O autor contribui, também, para nossa trajetória em direção a nosso objeto de pesquisa, de modo que beberemos muito de sua fonte, a fim de compreender a formação e os desdobramentos da ação social orientada pelas redes de comunicação e tecnologia. Antes disso, porém, devemos compreender a influência de seus estudos na orientação dos movimentos sociais na América Latina.

#### **2.4.1. A organização do estudo dos movimentos sociais na América Latina**

Aproximamo-nos da realidade de nosso objeto de pesquisa ao falarmos da produção teórica sobre movimentos sociais na América Latina, contudo, não devemos deixar de considerar alguns aspectos singulares que envolvem o impacto desses estudos, que são: (i) a própria história de desenvolvimento dos países latino-americanos em seus pilares econômicos, políticos e sociais; e (ii) a história do pensamento social latino-americano em suas articulações com o pensamento teórico internacional (SCHERER-WARREN, 1993).

Após os anos 1970, a América Latina foi marcada pela influência dos estudos não apenas de Alain Touraine, mas, sobretudo, pela contribuição teórica de Manuel Castells. O principal marco para a reconfiguração do pensamento paradigmático dos movimentos sociais latino-americanos foi o Seminário de Mérida, no México, que teve como tema “As classes sociais na América Latina” (ZENTENO, 1977).

Ainda conforme Scherer-Warren (1993), a transição paradigmática encontra-se em contribuições de convidados europeus e sociólogos latino-americanos presentes em Mérida. Isso porque, em lugar de focalizar a análise das condições objetivas das classes (com ênfase na estrutura econômica), propôs-se o estudo das ações de classe, que podem ser defensivas ou contestatórias diante da dupla dialética da exploração e da dominação.

Nesse período, a análise da hegemonia e a possibilidade de formar uma "vontade coletiva nacional-popular" se tornaram mais relevantes do que o foco na centralidade da classe social, na acumulação de forças em torno de um partido e na tomada revolucionária do poder. Em outras palavras, o foco muda de um exame dos condicionamentos infraestruturais da ação de classe para uma análise dos potenciais

de articulação em torno da categoria "povo" e dos laços ideológicos relativos à categoria "nação" (ZENTENO, 1977).

Já nos anos 1980, podem ser observadas novas reflexões a respeito dos movimentos sociais, reflexões estas que permeiam uma nova cultura política popular e de base que estaria surgindo na América Latina. Os cientistas sociais examinaram a cultura popular<sup>16</sup> para encontrar seus aspectos políticos de interesse, como a espontaneidade, autenticidade e comunitarismo. A religião e o lazer dos pobres foram interpretados como formas silenciosas de resistência às desigualdades impostas pelas oligarquias tradicionais e pelo capitalismo moderno. A cotidianidade dos sujeitos envolvidos é vista sob outra perspectiva, conforme Scherer-Warren (1993, p. 17-18):

A categoria de sujeito popular, para uns, e de ator social, para outros, passa a substituir a categoria de classe social, bem como a de movimento popular e/ou de movimento social substitui a de luta de classe, significando que, em lugar da tomada revolucionária de poder, poder-se-ia pensar em transformações culturais e políticas substantivas a partir da cotidianidade dos atores envolvidos. Buscou-se este potencial em sujeitos múltiplos, nos movimentos urbanos, nas comunidades eclesiais de base, nas lutas pela terra, moradia etc., nas mulheres, nos ecologistas, nos grupos jovens, nos sindicatos, nos movimentos de defesa dos direitos humanos e de defesa étnica e outros. Mas, sem dúvida, estas múltiplas formas de protesto político ocuparam muito a atenção dos pesquisadores latino-americanos porque proliferaram também na prática social dos fins da década de 1970 e início de 1980.

O estudo dos movimentos sociais urbanos na América Latina, trata, então, da reflexão sobre as crises operantes na sociedade civil, que, em um primeiro momento, trariam um enfoque sobre a macro análise do social, e, em sua sequência, nos anos 1980, priorizariam o estudo sobre as micro transformações.

Seus desdobramentos pós 1980 apresentam tendências para a compreensão da interconexão entre as duas abordagens apresentadas, refletindo sobre os sentidos de representação entre o local e o global, bem como suas interações. Ainda segundo Scherer-Warren (1993, p. 25), podemos compreender que “as perspectivas de análise dos movimentos sociais para os anos 1990 devem considerar o papel das tecnologias de informação e dos meios de comunicação de massa nas formas de organização da

---

<sup>16</sup> Barbero (2009) aponta para a indissociabilidade entre cultura popular e cultura massiva na América Latina, destacando que a cultura popular não é um resquício do passado, mas sim um espaço de produção e negociação de sentidos que se relaciona com a cultura massiva. Nesse sentido, a cultura popular é uma forma de resistência e afirmação cultural dos setores populares em relação à cultura hegemônica produzida pelos meios de comunicação de massa. Assim como a cultura popular, a cultura massiva não pode ser vista de forma homogênea, mas como um espaço de disputa onde diferentes atores sociais interagem e negociam sentidos.

sociedade civil”, uma vez que sua relevância e impacto estão, de certa forma, compondo a reconfiguração contínua da sociedade, participando não apenas de suas reivindicações, mas também da formação de identidades e discutindo representações entre os grupos de maneira substancial.

É sob esta perspectiva de análise dos movimentos sociais latino-americanos nos anos 1990, acrescida do estudo teórico de Manuel Castells sobre a sociedade em rede, que nos permitiremos caminhar para o recorte que será pano de fundo de nossa pesquisa. As mobilizações políticas nas periferias estão contextualizando a formação dos *sujeitos e sujeitas periféricas* (D’ANDREA, 2022). De acordo com Tiaraju D’Andrea, cientista social e pesquisador de grupos periféricos, esses sujeitos compreendem o entrelaçamento dos movimentos e representações de classe, gênero e raça no território.

Dado esse contexto, teremos condições de identificar sob que formas o *podcast Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown, pode configurar um espaço de articulação e mobilização para as lutas de grupos periféricos, abordando temas que são pertinentes a esses movimentos, denunciando a realidade das periferias brasileiras, afirmando a identidade dos sujeitos/as periféricos/as. Parece-nos fundamental, portanto, que mais espaços como esse sejam criados e visibilizados, a fim de fortalecer a luta por justiça social e igualdade em nossa sociedade.

## **2.5. Cultura e política representadas em grupos periféricos**

A própria existência de uma subseção em uma dissertação de mestrado que trate do estudo dos movimentos sociais periféricos é um grande sinal de que o indivíduo morador das periferias está trabalhando em conjunto para o reconhecimento de uma zona historicamente sujeita a apagamento e desvalorização. Esse fenômeno trata de olhar para uma organização em prol da representação das sujeitas e dos sujeitos periféricos em busca de seus direitos e legitimidade nos espaços que ocupam.

A forma como utilizamos o conceito de *movimento social periférico* neste trabalho pode ser compreendida a partir do conceito de *categoria analítica*, que se refere ao uso de um conceito teórico como uma lente de análise para pensar e interpretar um objeto empírico (GUIMARÃES, 2003). Embora Mano Brown não se reconheça como parte de um movimento social (e ele de fato não faça parte formal ou

organicamente de um), recorreremos a esse conceito como uma categoria analítica para tensionar e cotejar o objeto empírico, isto é, a forma como Mano Brown se posiciona no *podcast Mano a Mano* sobre questões políticas e sociais, sobre os próprios movimentos sociais, sobre os entrevistados que integram movimentos sociais etc.

Ao utilizar essa categoria analítica, podemos aprofundar a análise crítica do discurso de Mano Brown e das representações que ele constrói sobre os movimentos sociais periféricos, bem como sobre os temas que são relevantes para esses movimentos, como a violência policial, o racismo, a desigualdade social e a exclusão. Além disso, é possível refletir sobre os elementos que compõem esses movimentos, como as sociabilidades nos territórios periféricos e as formas de organização e mobilização desses grupos.

Ao examinar o posicionamento de Mano Brown, é possível identificar os pontos de convergência e divergência com os movimentos sociais periféricos e suas demandas específicas. Ademais, é possível levantar hipóteses sobre as formas pelas quais a dinâmica dos movimentos sociais periféricos pode ser influenciada pelos discursos e ações de figuras públicas como Mano Brown, bem como as implicações dessas possíveis influências na organização e mobilização desses grupos.

Portanto, embora não utilizemos o conceito de movimento social enquanto *categoria nativa*, já que Mano Brown não se identifica como parte de um, utilizamos essa categoria como uma ferramenta analítica para compreender e interpretar sua posição em relação a esses movimentos e as questões sociais que eles representam. Dessa forma, podemos enriquecer nossa análise crítica e aprofundar nosso entendimento sobre os movimentos sociais periféricos e suas lutas por justiça social e igualdade.

É dessa forma que trataremos esta etapa de compreensão, objetivando olhar não apenas para a conceituação da ação popular dos indivíduos periféricos, mas também reunir insumos sob uma lente metodológica para compreender uma das chaves mais importantes desta pesquisa: o grupo periférico organizado e mobilizado lutando por representação, através de uma vasta interseccionalidade.

Resgatando um pouco do amadurecimento da discussão dos novos movimentos sociais na América Latina, o enfoque da interação entre grupos passa a ter um olhar mais atento para a transformação da cotidianidade dos atores envolvidos, acolhendo oportunamente as necessidades das mulheres, das pessoas negras e não-

brancas em geral, das pessoas LGBTQIAPN+, do meio ambiente e de toda e qualquer outra demanda percebida como social, cultural e/ou identitária.

Os episódios pós ditadura brasileira ilustraram uma série de acontecimentos<sup>17</sup> que marcaram a potencialização da desigualdade social, dando lugar a uma série de fatores que caracterizaram a perda de referência política dentro das periferias e da mobilização popular. Nesse sentido, perde-se parte da identidade do sujeito morador de áreas periféricas, no que diz respeito à sua cultura e, conseqüentemente, suas possibilidades de representação (HALL, 2016), identidade, dignidade e conquista legítima de sua ocupação territorial.

Segundo D'Andrea (2022), uma série de aspectos deveriam ser observados para o resgate da representação do sujeito periférico, incluindo processos sociais implementados pós anos 1990 para diminuição de violência, que aumentou significativamente entre as periferias. Nesse sentido, soluções internas ocuparam espaço de relevância entre essas áreas, como igrejas evangélicas, a atuação do PCC<sup>18</sup> e coletivos culturais, a fim de buscar o estabelecimento de uma ética regulatória entre a população dos bairros periféricos.

A igreja age como um órgão regulador ético em sua comunidade, exercendo a manifestação do senso de pertencimento a um grupo, bem como a proteção da rede de crime. Já o PCC busca a prática da gestão da ordem local, mediação de conflitos, monopólio de atividades ilegais, evocando no imaginário popular o orgulho de ser periférico. Por fim, os coletivos culturais sustentam a luta por pacificação, organização de atividades do bairro, produção artística e valorização da arte como humanização, deslocando da posição de estigma para uma posição de orgulho o ser periférico; assim, suas atividades viabilizam a “difusão de educação e valores de solidariedade para a população periférica” (D'ANDREA, 2022, p. 114).

---

<sup>17</sup> Segundo D'Andrea (2022), o final dos anos 1980 representou o final de uma era de protagonismo para as classes populares, que havia sido propiciado pelos movimentos sociais e partidos políticos de esquerda, dado o impacto de três eventos: (i) a queda do muro de Berlim; (ii) a derrota de Luís Inácio Lula da Silva na disputa presidencial em 1989; e (iii) o fim de trabalho de base e fechamento dos diretórios regionais por parte do PT.

<sup>18</sup> Segundo Dias (2009), o Primeiro Comando da Capital (PCC) surgiu no sistema prisional do estado de São Paulo, na década de 1990, como uma forma de resistência e organização dos presos frente às condições desumanas do cárcere. A partir daí, a organização criminosa se expandiu para além dos muros das prisões e se consolidou como uma das maiores facções criminosas do país, com forte presença nas periferias urbanas. A trajetória do PCC foi marcada pela violência e pelo controle territorial, em que a organização mantém sua hegemonia através do uso da força e do controle do comércio ilícito em suas áreas de atuação.

A questão da busca por uma lógica regulatória dentro das periferias, a fim de diminuir os índices de violência e incentivar melhores padrões de sociabilidade, é uma questão tematizada/representada em diversos campos de produção discursiva, incluindo a música, com destaque para o *rap*, no qual merece atenção o caso da trajetória do grupo paulistano Racionais MC's.

### **2.5.1. O movimento hip hop sob a lógica do fortalecimento cultural periférico**

O hip hop possui uma história à parte<sup>19</sup>, porém o grupo de *rap* paulistano Racionais MCs, formado no final da década de 1980, que reúne Mano Brown, Ice Blue, KL Jay e Edi Rock, fortaleceu uma narrativa expressiva em sua produção artística. Segundo Oliveira (2018, p. 21), o álbum *Raio X do Brasil* (1993) foi não apenas um marco do movimento hip-hop, como representou o processo de autorreconhecimento das comunidades periféricas brasileiras. Garcia (2004) afirma que a característica mais latente do grupo é a intersecção entre a experiência do indivíduo e a vida de sua coletividade.

O grupo canta a violência que estrutura as relações entre os familiares (quando há abandono, agressão física ou moral), os amigos (quando há traição), o homem e a mulher (quando há traição ou prostituição), o traficante e o viciado. Canta a violência do crime – do assalto, do estupro, do assassinato, do linchamento. A violência causada por inveja ou vaidade. Também canta que a relação entre as classes sociais é sempre violenta: o tráfico e o crime (novamente), o racismo, a miséria, os baixos salários, a concentração de renda, a esmola, a publicidade, o alcoolismo, o jornalismo, o poder policial, a justiça o sistema penitenciário, o governo existe por meio da violência.

Tratando essencialmente deste tema, o Racionais assume o ponto de vista da periferia e não canta com medo: canta com a cabeça levantada, como quem está pronto para revidar tudo – palavras, fisionomias, ostentações, socos ou tiros (GARCIA, 2004, p. 173).

Uma vez que o discurso do grupo traz reflexões sobre lógicas do enquadramento social, ele se torna um objeto de interesse ao mesmo tempo estético, social e político. Antunes (2018, p. 139) observa que, de modo geral

---

<sup>19</sup> O movimento hip hop chegou ao Brasil na década de 1980, sendo uma forma de expressão artística que engloba diversas manifestações culturais, como a música, a dança, a moda e a poesia. Desde então, o hip hop se tornou uma das principais manifestações culturais das periferias brasileiras (FOCHI, 2007).

[...] os rappers brasileiros se mostrariam unânimes em acreditar que as duras condições de existência em que, aqui, muitos estariam vivendo – longe de uma “sina” ou algo “natural” – seriam, na realidade, produto de uma histórica e “premeditada” desigualdade social.

Nesta chave de articulação do discurso periférico e ética regulatória, o *rap* se torna um dos canais normativos de maior relevância na periferia, principalmente em São Paulo (D’ANDREA, 2022). As letras do grupo passam a dar visibilidade ao drama da população negra e pobre, ao mesmo tempo em que criam referências para a juventude e a classe trabalhadora. Ainda segundo D’Andrea, o grupo Racionais MC’s contribuiu significativamente para o referencial cultural periférico ao refletir sobre:

- (i) Registro de dilemas, misérias, desesperos e sonhos;
- (ii) Construção de um significado para o conceito “periferia”;
- (iii) Construção histórica de sujeitas e sujeitos periféricos;
- (iv) Construção de uma crítica radical ao racismo;
- (v) Crítica original e contundente à repressão estatal; e
- (vi) Produção de uma visibilidade inédita de periferia da cidade com relação ao mundo.

Os álbuns do grupo retratam o contexto enfrentado pelo país e pelas periferias no que diz respeito à economia, política e relações sociais. Segundo Oliveira, Segreto e Cabral (2013), o discurso do grupo de rap brasileiro evoluiu ao longo dos anos, com letras mais sofisticadas e personagens elaborados. O primeiro álbum, *Holocausto urbano* (1990), tinha letras pouco elaboradas e maniqueístas, enquanto o segundo, *Escolha seu caminho* (1992), era uma continuidade do primeiro. No terceiro álbum, *Raio X do Brasil* (1993), as narrativas se tornam mais densas, com uma abordagem mais clara dos antagonistas da periferia e da desigualdade social no país. O álbum também apresenta uma aversão explícita à ação policial na periferia e uma afirmação mais ofensiva da identidade negra. Com isso, o *Sobrevivendo no Inferno* (1997) surge um disco mais complexo em comparação aos anteriores, representando um marco de amadurecimento no discurso do grupo Racionais MC’s.

O mote de seu discurso estava centrado no orgulho e autoafirmação negra, sendo também responsável pelo senso de orgulho do “ser periférico”. Os integrantes ganharam relevância em sua trajetória, que já soma três décadas, constituindo-se como figuras sociais e midiáticas responsáveis pelo fortalecimento do discurso de

organização e proteção das periferias, posição em relação à qual merece destaque a trajetória de Mano Brown.

### 2.5.2. Mano Brown: luta e representação popular

Pedro Paulo Soares Pereira, filho de dona Ana, crescido no Capão Redondo, ficou conhecido por seu posicionamento radical e letras impactantes. À medida que o grupo Racionais MCs ganhou notoriedade junto ao público, seu discurso se fortaleceu, traçando seu caminho à margem do *mainstream*, com o propósito de se apresentar apenas para a periferia, recusando-se inclusive a conceder entrevistas para os grandes veículos midiáticos (SOUZA-PILEGGI, 2022). Em um texto da coluna *Glamurama* (2015), do portal UOL, quando questionado, em uma entrevista realizada no aeroporto, por que ele seria uma figura conhecida por não dar entrevistas, Brown afirma: “Porque as pessoas precisam ter o que falar. Às vezes eu não tenho. Precisa saber também o momento de se esquivar. Não chega a ser uma estratégia, mas é uma técnica. É uma arte de sobrevivência.”<sup>20</sup>

No podcast *Podpah* (2022), Mano Brown explica de forma mais transparente sua opinião sobre a mídia nos anos 1990:

Na época, o filtro dos caras (a mídia) ‘era perigoso’, você ia lá achando que ia ser visto de uma forma. Eu via amigos que depois que se viram lá e ficaram deprimidos, porque uns tinham o discurso: “eu vou entrar lá e subverter ao meu favor” - não conseguiam. É um ambiente controlado que você entra na estética, tem o lugar para o cantor, o desenho, o pano de fundo montado lá.<sup>21</sup>

Em entrevista ao *podcast Rap, falando* (2022), KL Jay, quando questionado sobre o motivo pelo qual os Racionais não frequentavam programas de TV, afirma:

Porque a mídia manipula muito, ela quer te controlar, te mudar, mudar sua essência, te oferece algo mentiroso através do glamour, quer mudar suas roupas, seu som. Você não pode cantar determinadas músicas, aí você começa a cair na armadilha deles. [...] eles editam as coisas, inclusive a Rede Globo... sempre quiseram a gente lá. A gente foi pouco para as redes de comunicação, a gente tinha essa convicção: na tv a gente não vai. A revolução não vai ser na tv, vai ser na rua.<sup>22</sup>

---

<sup>20</sup> Disponível em: <https://glamurama.uol.com.br/notas/para-mano-brown-rationais-e-documento-da-periferia/>. Acesso em: 02 jun. 2023.

<sup>21</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=ddc2ATI\\_bIM](https://www.youtube.com/watch?v=ddc2ATI_bIM). Acesso em: 02 jun. 2023.

<sup>22</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=QohxNAXrD\\_s](https://www.youtube.com/watch?v=QohxNAXrD_s). Acesso em: 02 jun. 2023.

Ao longo de sua carreira, as letras cantadas por Brown carregam as características da luta das periferias, incluindo a realidade violenta das “quebradas”, a dificuldade dos trabalhadores, a denúncia contra o racismo, descrições do cotidiano da periferia e narrativas da vida no crime. Conforme trataremos mais adiante, Mano Brown constrói ao redor de si uma figura midiática a qual representa diferentes interseccionalidades reconhecidas dentro do espaço periférico e passa a vincular sua imagem à defesa dos grupos marginalizados ou sub representados.

Em 2021, durante a pandemia de covid-19, sua carreira emplacou um novo desafio: o de apresentar um *podcast* original Spotify, o *Mano a Mano*. Trataremos mais à frente da relevância que sua atuação traz para as pautas periféricas e, sobretudo, como sua figura contribui de forma relevante para a popularidade do programa, envolvendo uma série de discussões importantes para a interseccionalidade dentro de movimentos periféricos.

A figura de Mano Brown representa um legado de reconhecimento das sujeitas e sujeitos periféricos, no entanto, é importante pontuar que sua atuação está mais voltada para uma articulação ativista que de militância propriamente dita, uma vez que seu nome está ligado a uma série de representações dentro do cenário periférico. Preferiremos categorizar de forma analítica a leitura da contribuição de Mano Brown, considerando seu posicionamento como exemplo de ativismo efetivo que transcende os limites da militância tradicional. Embora seja amplamente reconhecido como uma figura importante para a periferia, sua atuação não está restrita a uma organização partidária ou a uma luta específica por direitos. Em vez disso, Brown trabalha incansavelmente na articulação de diferentes grupos e movimentos, buscando criar uma rede de apoio e visibilidade para as demandas e questões da periferia.

Além disso, a importância de sua atuação também está ligada à sua forte presença nas áreas de produção cultural e artística. Sua participação ativa nessas áreas lhe confere um papel de destaque na construção e difusão de narrativas e afirmação de identidades periféricas, aspectos fundamentais para a promoção de uma cultura inclusiva e diversa. Com isso, Mano Brown se torna um exemplo de como a arte e a cultura podem ser utilizadas como ferramentas de transformação social, seja por meio da expressão artística, seja pela mobilização em torno de causas relevantes para a sociedade.

No documentário *Racionais: das ruas de São Paulo pro mundo* (2022), o *rapper* afirma que, após o lançamento do disco *1000 trutas, 1000 tretas* (2006), refletiu sobre a influência da obra do grupo para a representação na periferia:

Eu posso ter a pretensão de dizer que encarnei o espírito da periferia ali, todo o código. O indivíduo da quebrada entendeu, que ele era daquilo ali, que não era uma coisa restrita ao Brown, ao Blue, era uma coisa pra muita gente. Os caras se organizaram na rua de cima, na outra rua, na outra... foi em cadeia esse lance. Nasceram vários times, vários nomes, vários rótulos de quebrada, vários bonés de cores diferentes... muitos coletivos nasceram a partir deste momento. [...] e ali a gente conseguiu trazer a periferia toda junto.

É importante ressaltar que, apesar de sua figura ser reconhecida como representante e uma espécie de porta-voz dos sujeitos periféricos e de sua postura engajada politicamente, Mano Brown nem sempre está de acordo com os movimentos sociais e pode ter alguns "curtos-circuitos" com algumas ações. Em uma de suas mais notórias aparições recentes em eventos políticos, Mano Brown esteve presente no ato político de Haddad nas eleições de 2018. Uma de suas falas foi:

Vim representar a mim mesmo e não representar ninguém. Não gosto do clima de festa, e a cegueira que atinge lá, atinge cá também. Há mais de 30 milhões de diferença de votos, então não há margem para alcançar. Não estou pessimista, estou sendo realista.<sup>23</sup>

Em outro momento, ele afirma:

Eu não sou do PT. Eu sou da ideia. Não sou filiado ao PT, não recebo nada do PT, entende? Nunca quis e não é para isso que eu fiz nada. O rap não está aí para viver do dinheiro do governo, seja lá quem for, nem do PT, nem que fosse do Che Guevara, nem que fosse Malcolm X presidente. Nosso movimento não pertence à direita nem à esquerda.<sup>24</sup>

No entanto, é inegável que o *rapper* tem se destacado como uma voz ativa na denúncia da realidade das periferias brasileiras e na luta por justiça social e igualdade. O *podcast Mano a Mano*, apresentado por ele, é um exemplo de como uma produção midiática inserida em uma plataforma *mainstream* pode ser um espaço de articulação e mobilização para as lutas desses grupos, abordando temas que são pertinentes a esses movimentos.

---

<sup>23</sup> Disponível em: <https://noticias.uol.com.br/politica/eleicoes/2018/noticias/2018/10/23/em-ato-com-fala-anticlimax-de-rapper-haddad-sugere-tratamento-a-bolsonaro.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

<sup>24</sup> Disponível em: <https://entretenimento.uol.com.br/noticias/redacao/2019/05/24/mano-brown-diz-que-se-arrepende-de-criticar-pt-antes-de-eleicao-doeu-em-mim.htm>. Acesso em: 02 jun. 2023.

Diante disso, este trabalho busca estabelecer diálogos, tensionamentos e problematizações entre as muitas nuances, teóricas e empíricas, dos movimentos sociais, envolvendo as articulações do ativismo, que é a chave de enquadramento a partir da qual propomos compreender a atuação do *rapper*. Nesse sentido, é essencial estabelecer as conexões metodológicas que buscamos apresentar como argumento para a possível troca entre o ativismo e os movimentos sociais, uma vez que a ação popular se trata de um fenômeno em constante movimento e, nesta pesquisa, nossa busca é por encontrar as intersecções entre os dois conceitos (*ativismos* e *movimentos sociais*), a fim de construir uma leitura acerca de formas de mobilização de sujeitas e sujeitos periféricas/os em defesa de seus direitos e representações.

Assim, para fazer o cotejo entre movimentos sociais e ativismo, é necessário compreender que o ativismo é uma forma de ação popular que busca mudanças sociais por meio de ações diretas e imediatas, enquanto os movimentos sociais são organizações que buscam mudanças sociais a longo prazo, através de ações coletivas e estratégicas. No entanto, muitas vezes, o ativismo é o motor que impulsiona a criação e o fortalecimento dos movimentos sociais.

[...] ativismo é ação orientada para a defesa de causas contenciosas. Sejam causas favoráveis ou contrárias a mudanças na organização institucional das relações de poder, essa parte do conceito incorpora o caráter conflituoso em geral associado aos movimentos sociais. Isso não quer dizer que todas as práticas ativistas sejam conflituosas: um ator pode perseguir uma causa por meio de práticas negociadoras ou conciliatórias. Mas a orientação da ação em torno de uma causa significa que mesmo práticas convencionais ou cooperativas têm como objetivo avançar a perspectiva ou agenda de um lado do confronto (ABERS, 2021, p. 31).

O ativismo pode ser uma forma de engajamento político e social para a população periférica, que muitas vezes é excluída dos canais formais de participação política. Por meio do ativismo, as pessoas podem expressar suas demandas e se unir em torno de causas comuns, o que pode levar à criação de movimentos sociais organizados.

Entendo que ativismo envolve a ação coletiva. Ou seja, embora muitas vezes pessoas que têm muita iniciativa própria e comprometimento sejam consideradas ativistas, a discussão anterior chama a atenção para o ativismo como uma prática em grupo. A natureza coletiva do ativismo remete ao problema do conceito “heroico” da ação criticado anteriormente. Se ativismo evoca a imagem de pessoas com pouco poder individual lutando contra forças poderosas, a ação coletiva seria uma maneira de reunir recursos e capacidades para esse empreendimento. Em geral, ativismo é realizado por atores que, uma vez que agem coletivamente em prol de causas, participam

de movimentos sociais, entendidos como um tipo de rede (ABERS, 2021, p. 31).

Os movimentos sociais, por sua vez, podem ser uma forma de canalizar e dar continuidade ao ativismo, criando estratégias e ações coletivas mais duradouras e efetivas. O envolvimento em movimentos sociais também pode incentivar o desenvolvimento de habilidades de liderança e organização, que podem ser aplicadas em outras áreas da vida. Assim, é importante reconhecer a interdependência entre o ativismo e os movimentos sociais e buscar formas de fortalecer e conectar essas duas formas de ação popular. Essas relações são feitas e percebidas a fim de compreender a autonomia do indivíduo, frente à formação de sua identidade e à luz da definição de seus direitos.

Castells (2012, p. 168) define autonomia como “a capacidade de um ator social tornar-se sujeito ao definir sua ação em torno de projetos elaborados independentemente das instituições da sociedade, segundo seus próprios valores e interesses”. Nesse sentido, o fortalecimento da voz e das posições sustentadas por Mano Brown ao longo de sua carreira viabiliza o acesso do indivíduo à conscientização do ser periférico, de suas pautas e de seus direitos dentro do espaço social.

A proposta de autonomia que consideraremos ao longo deste trabalho fará jus àquilo de que Castells trata em *Redes de Indignação e Esperança* (2012), refletindo sobre as possibilidades que a comunicação proporciona através da internet para a ocupação de espaços urbanos, especialmente sob a perspectiva da visibilização e fortalecimento de grupos historicamente marginalizados. É a formatação do espaço urbano através da internet que fará significativa alteração nos formatos de interação entre indivíduos, reconfigurando as estruturas de movimentos sociais, que, segundo Castells (2012, p. 160), “não precisam de uma liderança formal, de um centro de comando ou de controle, nem de uma organização vertical, para passar informações ou instruções”. No que diz à descentralização dos movimentos em sua estrutura, “esta maximiza as chances de participação do movimento, já que ele é construído de redes abertas, sem fronteiras definidas, sempre se reconfigurando segundo o nível de envolvimento da população em geral”.

\* \* \*

A proposta deste capítulo foi compreender o movimento social como um fenômeno que se reconfigura ao longo das décadas e está em constante movimento. Seu acompanhamento foi essencial para chegarmos até os anos 2020, para, através de uma fotografia do contexto atual, compreender o comportamento e as tendências que os novos movimentos sociais carregam, envolvendo a influência do tripé *internet/cultura digital, comunicação audiovisual e representação periférica*. Esperamos, assim, ter firmado as bases para compreender como a interseccionalidade entre identidades e formas de opressão que ganham visibilidade a partir de movimentos sociais periféricos não somente adquirem notoriedade, como também escalabilidade através de mídias digitais, sob a ótica das lutas por reconhecimento e ampliação de direitos de grupos marginalizados.

É sob este mote que encerramos o capítulo, ao longo do qual buscamos reunir considerações sobre (i) a reconfiguração dos movimentos sociais sob a lógica de redes digitais e desterritorialização, a qual sustenta os discursos dos/sobre os movimentos sociais livres de barreiras; (ii) o histórico de organização das periferias, compreendendo a necessidade das sujeitas e sujeitos periféricos de fortalecer a representação de raça, classe e gênero no cenário periférico; e (iii) nossa proposta de compreender o *rapper* Mano Brown como figura ativista das causas periféricas e os desdobramentos de sua atuação ao longo das décadas, até sua chegada ao *podcast Mano a Mano*, original Spotify, o qual deve ser considerado, sob a perspectiva que procuramos defender nesta dissertação, como um dos canais de disseminação e fortalecimento de lutas encampadas por populações periféricas, sob a lógica dos novos movimentos sociais.

### 3. CAPÍTULO 2 - A CONSTRUÇÃO DA FIGURA MIDIÁTICA DE MANO BROWN

Esta seção é sobre representação.

Falar sobre a construção de uma figura midiática sem pensar em seu significado, é desconsiderar os resultados advindos das lutas sociais e o propósito de sua construção – sobretudo quando abordamos a relevância de Mano Brown como ícone da cultura periférica.

Também não podemos dissociar a ideia de que a representação do grupo periférico vem por meio da luta, uma vez que compreender o fortalecimento de seu significado em meio aos desafios propostos ao longo das décadas de apagamento cultural (SOUZA, 2021), é primigênio dentro de uma perspectiva estratégica de promoção de reexistência das narrativas e fazeres culturais periféricos.

A representação do lugar político de existência do indivíduo periférico é a ferramenta de combate à Violência Simbólica <sup>25</sup>que Pierre Bourdieu (2001) analisa a partir do âmbito das estruturas sociais. Segundo Roger Chartier em entrevista concedida ao Grupo de Estudos de História da Cultura Midiática da UNESP<sup>26</sup> em 2021 s.p, este tipo de violência que opera a redução da diversidade a uma essência percebida como estática e imutável é uma forte ferramenta de controle social. Isso ocorre não apenas porque impõe uma realidade que é aceita sem questionamentos pelos dominantes, mas também porque obriga os dominados a internalizar e aceitar a representação que é forçada sobre eles.

Com a finalidade de reparar as violências existentes de apagamento de narrativas e silenciamento cultural, debruçar-nos-emos sobre o desafio de refletir a construção da figura midiática de Mano Brown nesta conjuntura proposta no podcast Mano a Mano como ferramenta de promoção à força das vozes subalternas, bem como o fortalecimento da formação de significados que será discutido no próximo capítulo.

---

<sup>25</sup> Violência simbólica é um conceito cunhado pelo sociólogo Pierre Bourdieu que se refere à aceitação acrítica e inconsciente de representações do passado. Essas representações são frequentemente percebidas como 'naturais' ou 'óbvias' pelos indivíduos, impedindo-os de questionar ou contestar tais representações (SILVA e OLIVEIRA, 2017).

<sup>26</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=Y3B\\_DgEOK1q](https://www.youtube.com/watch?v=Y3B_DgEOK1q)> Acesso em: 01, mai. 2024.

Nesse sentido, compreenderemos por meio de aproximações teóricas e empíricas entre noções e conceitos sobre representação periférica, representações periféricas midiáticas, gênese do movimento cultural hip-hop no Brasil, as relações da trajetória do rapper e sua relevância dentro do cenário periférico. Esta avaliação é essencial para que possamos nos aprofundar na análise do podcast posteriormente, uma vez que as vozes sociais representadas dialogicamente por Mano Brown terão substancial peso na construção de narrativas e enunciados propostos no objeto midiático em análise.

Avançando na discussão, realizaremos a revisão teórica sobre o conceito em disputa do podcast e trataremos de tecer seus resultados com a articulação de gêneros discursivos, uma vez que nossa proposta é apresentar o objeto desta pesquisa sob a chave de um produto midiático categorizado sob a denominação discursiva de podcast de entrevistas.

Por fim, esperamos apresentar, nas próximas páginas, a relevância e a urgência da representação periférica no âmbito midiático e analisar a grandiosidade narrativa de um dos maiores representantes das lutas periféricas contra o apagamento cultural: Mano Brown do Racionais, Mano Brown do Mano a Mano, Mano Brown contador de histórias, de voz política contundente e posicionamento marcante.

### **3.1 Representação periférica**

Stuart Hall (2016) entende a representação como um processo pelo qual significados e sentidos são produzidos e atribuídos a certos objetos, pessoas ou conceitos. Ele argumenta que a representação não é uma mera reflexão da realidade, mas sim, um processo ativo de construção de significados que são influenciados por fatores sociais, culturais, políticos e históricos. A representação, para Hall, desempenha um papel fundamental na forma como percebemos e compreendemos o mundo ao nosso redor, moldando nossas identidades, relações de poder e visões de mundo.

A cultura desempenha um papel fundamental na formação desses significados, uma vez que molda as crenças, valores e normas de uma sociedade (BAUMAN,

2012). Através da representação, a cultura é transmitida, reforçada e transformada, afetando a forma como percebemos e compreendemos o mundo ao nosso redor.

A estética cultural periférica é uma expressão da identidade de um grupo, e essas manifestações ocorrem de diversas formas dentro de uma comunidade – aqui, “comunidade” é entendida como uma coletividade –, considerando que geograficamente esse termo pode se referir a uma vulnerabilidade que tende a fragilizar um grupo. De acordo com Eagleton (2011, p. 84), “cultura como identidade é avessa tanto à universalidade como à individualidade; em vez disso, ela valoriza a particularidade coletiva”.

Para Almeida (2011, p.37), a identidade periférica é produto das representações simbólicas:

Periferia assume um conjunto de representações simbólicas que congrega aspectos relacionados à classe, à etnia, ao lugar de moradia e à condição de jovem na metrópole. Para esses grupos, tornou-se uma espécie de categoria social capaz de dar conta de alguns cruzamentos identitários assumidos na vivência de sua condição.

É nesse sentido que propomos, nesta pesquisa, compreender o papel desempenhado pelas representações periféricas; estas, por sua vez, caminham como uma aura que potencializa a formatação do orgulho do ser periférico, do “construir” cultura periférica e ver em suas quebradas motivos de orgulho e pertencimento.

A produção periférica não é praticada apenas para que se alcance o reconhecimento pessoal de sua criação (que, obviamente, diz respeito à própria condição humana), mas para que tenha um *uso*, tanto para quem cria como para quem a consome. E esse uso é sobretudo político [...] e a favor da arte, da poesia e da palavra que *fala*, que denuncia, que anuncia (ALMEIDA, 2011, p. 37).

Nesse sentido, a representação periférica tem a capacidade de garantir o direito do Outro (HALL, 2016) em lutar e garantir seu espaço. Esta reflexão é essencial para articularmos, a partir daqui a relevância da ocupação de espaços para formação cultural e legítima do sujeito periférico. Este sujeito ganha, cada vez mais, “espaço

expressivo por entender e reconhecer a potência que carrega em existir; a sua existência passa a ser política e, portanto, a sua permanência na linha de frente, uma necessidade de afirmação” (SILVA, 2020, p.13).

A discussão sobre identidade e representação periférica é de suma importância para esta pesquisa, pois ela permite um olhar crítico e reflexivo sobre a forma como sujeitos e grupos sociais historicamente marginalizados encontram espaço e voz dentro do cenário midiático. O caso de Mano Brown é emblemático, pois mesmo sendo uma figura que emergiu e ganhou notoriedade a partir de uma vivência e representação periférica, ele tem conseguido transitar e se estabelecer em espaços centrais da cultura midiática.

A presença marcante de Mano Brown em plataformas como Spotify e Netflix, e sua legitimação acadêmica, como exemplificado pela indicação de “Sobrevivendo no inferno” como obra obrigatória de vestibular, indicam que a identidade periférica que ele representa não apenas ganhou visibilidade, mas também legitimidade em diversos espaços sociais. Isso evidencia a potência da representação periférica no reconfigurar das relações de poder no campo midiático e cultural.

Entretanto, é importante lembrar que essa transição não implica em uma diluição de sua identidade periférica. Ao contrário, Mano Brown utiliza desses espaços para amplificar as vozes e as lutas das periferias, demonstrando a capacidade de resistência e reexistência desses grupos. Portanto, a análise da trajetória e da figura midiática de Mano Brown oferece uma oportunidade valiosa para entender como as identidades periféricas negociam, desafiam e transformam as estruturas de poder no campo midiático.

### **3.1.1 Representação periférica e o audiovisual**

O cerne desta pesquisa é observar a importância da representação periférica nas mídias e, por conseguinte, perceber a necessidade de elaboração de novos significados para a cultura periférica, produto do próprio sujeito periférico protagonizando os espaços de fala midiáticos.

Segundo D'Andrea (2022), os primeiros anos da década de 1990 foram caracterizados por uma violência generalizada perpetrada pelo Estado contra grupos populares e marginalizados da sociedade. Em 2 de outubro de 1992, uma operação da Polícia Militar de São Paulo, liderada pelo Coronel Ubiratan Guimarães na Casa de Detenção de São Paulo, resultou na morte de 111 detentos<sup>27</sup>. Na madrugada de 23 de julho de 1993, oito crianças e adolescentes (sendo apenas dois maiores de dezoito anos) foram assassinados em frente à Igreja da Candelária<sup>28</sup>, no centro do Rio de Janeiro. Os assassinos eram policiais e ex-policiais. Um mês após o massacre de crianças e adolescentes no centro do Rio de Janeiro, o país foi novamente abalado por outro massacre, desta vez em Vigário Geral<sup>29</sup>, um bairro na zona norte da cidade, ocorrido em 29 de agosto de 1993.

Em função da nova realidade, a mídia passou a dar mais destaque à violência urbana nas favelas. Houve uma mudança de assunto e de estilo a partir dos anos 1990, com reportagens e programas de TV focando nos pequenos conflitos e crimes localizados. Isso gerou reflexos sobre a ficção televisiva e a literatura brasileiras, com obras que retratam o cotidiano das favelas. O cinema brasileiro da retomada trouxe as favelas e seus moradores como protagonistas, abordando de forma crua a violência urbana. Filmes como *Notícias de uma Guerra Particular* (João Moreira Salles e Katia Lund, 1999), *Cidade de Deus* (Fernando Meirelles, 2002), e *Ônibus 174* (José Padilha, 2002) exploraram os territórios de pobreza e violência da sociedade (SALVO, 2012).

Musicalmente, as periferias estavam efervescendo com os grupos de rap, que cantavam a realidade das quebradas; juntamente com o rap, também caminhavam a *break dance* e o grafite<sup>30</sup> (SILVA, 1998), que marcavam culturalmente a construção de um sujeito periférico por meio de diferentes estratégias de representação.

---

<sup>27</sup> Disponível em: <<https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/massacre-no-carandiru/noticia/massacre-no-carandiru.ghtml>> Acesso em: 13, fev, 2024.

<sup>28</sup> Disponível em: <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/chacina-na-candelaria/noticia/chacina-na-candelaria.ghtml> Acesso em: 13, fev, 2024.

<sup>29</sup> Disponível em: < <https://memoriaglobo.globo.com/jornalismo/coberturas/chacina-em-vigario-geral/noticia/chacina-em-vigario-geral.ghtml>> Acesso em: 13, fev, 2024.

<sup>30</sup> O *break* é uma forma de dança que se originou na cultura hip-hop durante os anos 70, caracterizada por movimentos acrobáticos no chão, como giros, saltos e *freezes*. O *break* é frequentemente realizado acompanhado de música de *breakbeat*. Já o grafite é uma forma de arte visual que envolve a criação de desenhos ou letras em espaços públicos utilizando sprays de tinta. Surgiu como uma forma de expressão artística nas ruas, especialmente nas comunidades urbanas, e é considerado uma parte importante da cultura hip-hop (SILVA, 1998).

O movimento hip hop marcou de forma significativa a formação do orgulho periférico e será com maior detalhe na próxima seção desta dissertação. Daremos ênfase a seu histórico, para que possamos compreender a relevância do grupo Racionais MC's no espaço periférico e, principalmente, a construção de Mano Brown como figura midiática, com destaque para sua projeção enquanto figura representativa de grupos subalternizados.

### **3.2 Gênese do movimento hip hop no Brasil**

Culturalmente, os anos 1980 foram um período de efervescência musical, com influências internacionais desempenhando um papel significativo nas culturas urbanas no Brasil. Gêneros musicais como o soul, funk e hip-hop, originários principalmente dos Estados Unidos, trouxeram novas formas de expressão e inserção midiática para a comunidade negra. Esses estilos musicais embalaram questões como a luta por direitos civis, a denúncia das desigualdades sociais e a valorização da cultura afro.

Fazendo um breve parêntese, é importante destacar que durante esta década, a repressão de um regime ditatorial desestruturou o movimento negro, resultando em luta clandestina. Este regime desmantelou a luta contra o racismo, causando um retrocesso no movimento. Os militantes foram acusados de criar um problema inexistente: o racismo no Brasil. Isso desestabilizou as lideranças negras e quase excluiu a questão racial do debate público, agravando as dificuldades do movimento (DOMINGUES, 2007).

O resgate do movimento negro e a reconfiguração de suas lutas passam a despertar novas interpretações e legitimidade para o orgulho negro e protesto, especialmente evidentes no Movimento Negro Unificado. O MNU, fundado em 1978, emergiu inspirando e legitimando a luta pela justiça racial. Ao fazer isso, a questão racial foi reintroduzida no debate público, contribuindo para a conscientização e resistência contra o racismo no Brasil. Ainda segundo Domingues (2007, p. 17):

O movimento negro organizado “africanizou-se”. A partir daquele instante, as lides contra o racismo tinham como uma das premissas a promoção de uma identidade étnica específica do negro. O discurso tanto da negritude quanto do resgate das raízes ancestrais norteou o

comportamento da militância. Houve a incorporação do padrão de beleza, da indumentária e da culinária africana.

Este processo de fortalecimento cultural moveu de forma contundente o público periférico da época (D'ANDREA, 2022), o que não foi diferente no que diz respeito à apropriação da musicalidade afro-americana nos gritos de crítica e reivindicação.

O movimento hip-hop em São Paulo possui uma história significativa, com encontros e eventos marcantes que contribuíram para o desenvolvimento e fortalecimento dessa cultura na região. Um dos locais emblemáticos para esses encontros foi o Largo São Bento. Nesse espaço, jovens artistas e entusiastas do hip-hop se reuniam para compartilhar experiências, conhecimentos e promover apresentações de dança, música e grafite.

O centro era um espaço de sociabilidade e de circulação de ideias e ideais. Nessa linha, “ir para o centro era ir para Nova York”, diz Brown no mesmo documentário [*Racionais: Das Ruas de São Paulo Pro Mundo, 2022*], dado que nesse espaço era possível estar por dentro das produções culturais, das estéticas e das lutas políticas e sociais da diáspora negra. (VIEIRA; SANTOS, p. 7, 2023).

Durante esse período, as festas *black* surgiram como eventos cruciais para a resistência e o fortalecimento da cultura afro-brasileira. Essas festas reuniam diversos grupos e artistas que compartilhavam uma mensagem de luta e empoderamento. Entre as festas mencionadas, destacam-se Chic Show, Zimbabwe, Transanegra e Black Mad (VIEIRA; SANTOS, 2023).

Essas festas *black* proporcionavam um espaço de celebração e expressão, onde a comunidade negra podia se reunir para dançar, ouvir música e compartilhar experiências. Elas se tornaram vitais para a resistência negra, permitindo que as vozes marginalizadas fossem ouvidas e que a cultura afro-brasileira fosse valorizada.

Nesse período, esta cultura jovem se difundiu mundo afora com enorme pujança, vindo a tornar-se, em curto espaço de tempo, uma manifestação cultural jovem de espectro global, portando e difundindo como ideal a valorização do negro por meio da elevação de sua autoestima (*black is beautiful*) pessoal e de sua valorização de sua cor

enquanto grupo étnico-racial, constituindo-se, portanto, um importante elemento que inspirou a luta pela busca de reconhecimento de direitos sociais, que se atrelou a uma forte luta contra o fim do racismo e por melhores condições de acesso aos bens públicos e melhorias da qualidade de vida do povo negro de um modo geral, posteriormente tendo como um de seus porta-voz o movimento e a cultura do hip hop. Esse tipo de informação era buscado principalmente, e de alguma forma consumida pelos atores sociais, nos bailes produzidos pelas equipes de som (D'ALLEVEDO, 2014, p. 5).

Apesar das dificuldades e adversidades enfrentadas, foi nesse recorte que surgiram os Racionais MC's, um dos grupos mais importantes e influentes do rap brasileiro. Com letras fortes e contundentes, eles retratavam a realidade das periferias, abordando questões como violência, racismo, desigualdade social e a busca por justiça e igualdade.

Pedro Paulo Soares (Mano Brown) e Paulo Eduardo Salvador (Ice Blue) cresceram juntos no extremo sul de São Paulo, na década de 1970, por intermédio da amizade de suas mães que frequentavam o mesmo terreiro. Ambos tinham o mesmo interesse musical, com influências de James Brown e Marvin Gaye, ouvidos nas comunidades, e começaram, juntos, a visitar inúmeros bailes *black* na adolescência (VIEIRA; SANTOS, 2023).

Kleber Geraldo Lelis Simões e Edivaldo Pereira Alves nasceram e se conheceram na zona norte de São Paulo, tornando-se famosos com as alcunhas de KL Night e Edi Night, respectivamente. Edi Rock recorda da época em que seus amigos diziam “você precisa conhecer o Michael” (apelido de KL Jay na época, pois dançava muitas músicas do Michael Jackson); em um dos bailes *black* frequentados pelas quebradas da zona norte, a dupla se conheceu e iniciou a parceria (PODPAH, 2021, *n.p*). Ainda no final da década de 1980, antes da formação dos Racionais MC's, discotecavam na região como um grupo de rap, cantando “Por que o preconceito?” (1988)<sup>31</sup>.

Diante deste contexto de resistência da música negra em São Paulo, por meio dos bailes *black*, foi que os quatro integrantes se conheceram na região central da cidade, onde ocorriam diversos intercâmbios culturais. Ainda segundo Vieira e Santos (2023), as duplas se encontraram em um concurso de rap para a gravação da

---

<sup>31</sup> Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=mB7Rj3wL21U> Acesso em: 12, fev, 2024.

coletânea *Consciência Black*, em 1989, que promoveu o início da formação do grupo. Dentre as canções gravadas, “*Pânico na Zona Sul*” permitiu a realização de diversos shows e suscitou relativo envolvimento por parte do público.

### **3.2.1 Histórico dos Racionais MC's**

Conforme reflexões de Walter Garcia (2004), o grupo de rap aborda o tema central da violência, que é a base da estrutura social brasileira, por meio de narrativas criadas a partir da perspectiva das periferias. Eles rejeitam a humilhação histórica imposta aos negros de baixa renda e com pouca formação educacional. Cabe ressaltar que o valor artístico notável do grupo reside na harmonia entre a técnica de composição da obra e o tema abordado. Desde a seleção das palavras até a disseminação, todos os elementos do trabalho estimulam uma reflexão crítica sobre as origens econômicas (capitalismo e generalização da forma-mercadoria) e sociais (preconceito e segregação racial) dessa violência, bem como sobre suas consequências inevitáveis.

Uma das características marcantes das músicas dos Racionais MC's é a crítica social profunda e a denúncia das desigualdades presentes na sociedade brasileira. Suas letras abordam temas como violência, racismo, desigualdade social e a busca por justiça e igualdade. O grupo utiliza a música como uma forma de expressão e resistência, dando voz às comunidades marginalizadas e enfrentando questões muitas vezes negligenciadas pelas mídias e pela sociedade. A seguir, veremos, de forma breve, as características dos álbuns produzidos em estúdio pelo grupo ao longo de suas três décadas de carreira.

#### **a) *Holocausto Urbano* (1990)**

*Holocausto Urbano* foi o EP<sup>32</sup> de estreia dos Racionais MC's, lançado em 1990. Nesse trabalho, o grupo já demonstrava sua habilidade na abordagem de questões sociais e raciais com letras contundentes. O EP retrata a realidade das periferias,

---

<sup>32</sup> Um EP, que significa "Extended Play", é um formato de lançamento musical que contém mais faixas do que um single, mas menos faixas do que um álbum completo. Geralmente, um EP possui de 3 a 6 faixas, enquanto um álbum completo possui uma quantidade maior, geralmente acima de 10 faixas.

denunciando a violência, a desigualdade social e o racismo enfrentados pela população negra. Com uma sonoridade crua e direta, os Racionais MC's estabeleceram desde o início sua identidade artística e política.

Um exemplo revelador da posição assumida pelos rappers enquanto cronistas do cotidiano é a música *Pânico na Zona Sul* (Racionais MC's, 1990). O texto é uma narrativa realista das situações micropolíticas que as Ciências Sociais classificam como "zonas de guerra". Os problemas da violência urbana, hoje registrados pelos institutos de pesquisa, e que apontam os jovens como as principais vítimas dos homicídios, são interpretados pelos rappers em linguagem musical. A aliança entre justiceiros e policiais corruptos atuando enquanto forças paramilitares; o tema da delinquência, como justificativa ideológica para extermínio dos jovens; as armas de fogo enquanto instrumentos da prática violenta revelam no discurso que constroem a consciência de uma realidade urbana dramática. O título do LP *Holocausto Urbano* (1990) não poderia ter sido mais expressivo. A música *Pânico na Zona Sul* resume as atrocidades que vivenciam, reelaboradas sob a forma do ritmo e da poesia (SILVA, 2010, p.8).

#### **b) *Escolha o Seu Caminho* (1992)**

Lançado em 1992, *Escolha o Seu Caminho* apresenta apenas duas músicas. Cada uma delas oferece uma proposta ao negro brasileiro: ser um "Negro Limitado" ou ter "Voz Ativa". O álbum apresenta duas opções e convida o ouvinte a seguir um desses caminhos. Neste momento da obra do grupo, também ganhavam fôlego críticas ao consumo e ao capitalismo. Segundo Oliveira, Segreto e Cabral (2013, p. 111) "é uma espécie de continuidade orgânica em relação ao trabalho anterior. Inclusive o refrão da primeira faixa, 'quem gosta de nós somos nós mesmos', já estava presente em *Holocausto urbano*".

#### **c) *Raio X do Brasil* (1993)**

Em 1993, ocorre um momento crucial na carreira artística dos Racionais com o lançamento do álbum *Raio X do Brasil*. Nesse trabalho, duas faixas em particular se destacam como marcos para sua projeção nacional. Introduzindo um novo estilo de música, com uma abordagem mais narrativa, as canções "Fim de semana no parque"

e "Homem na estrada" foram inovadoras, deixando de lado o formalismo discursivo anteriormente utilizado.

Ao explorar essa nova abordagem artística, os Racionais MC's passaram a se dedicar a um tipo de música que não necessariamente chama a atenção pelo discurso direto, mas sim, pela pluralidade de conexões e possibilidades que as narrativas são capazes de estabelecer na imaginação do ouvinte. Ao contar histórias de forma cativante, a mensagem é transmitida de maneira mais impactante (GARCIA, 2011).

#### **d) *Sobrevivendo no Inferno* (1997)**

Considerado um marco na história do rap brasileiro, *Sobrevivendo no Inferno* foi lançado em 1997 e se tornou um grande sucesso de público e crítica. Nesse álbum, os Racionais MC's aprofundaram as reflexões sobre a realidade da periferia, abordando temas como a violência urbana, o sistema prisional, a discriminação racial e a luta por sobrevivência. Com letras fortes e impactantes, o grupo trouxe à tona a dura realidade vivida por muitos brasileiros, especialmente os negros de baixa renda.

*Sobrevivendo no Inferno* foi sendo reconhecido como uma das grandes obras-primas da música popular brasileira. Pode-se dizer que nesse trabalho, lançado pela produtora independente Cosa Nostra, criticada pelos próprios Racionais, o grupo alcança sua maturidade estética e crítica. Essa nova maneira de tematizar o cotidiano periférico teria impacto em vários segmentos artísticos, como a literatura, o teatro, o cinema e a televisão, tornando o grupo uma espécie de vetor para as mais diversas produções da periferia (OLIVEIRA, 2018, p. 19).

#### **e) *Nada como um Dia após o Outro Dia* (2002)**

Lançado em 2002, *Nada como um Dia após o Outro Dia* trouxe uma abordagem mais pessoal e introspectiva por parte dos Racionais MC's. Nesse álbum, o grupo explorou temas como a superação, a esperança e a busca por um futuro melhor. Apesar de trazer reflexões individuais, os Racionais MC's não deixaram de lado a crítica social, abordando questões como a desigualdade, o preconceito e a violência. Com uma musicalidade rica e diversificada, o álbum mostrou a versatilidade do grupo.

Segundo Fonseca (2023), "A vida é um desafio", de Mano Brown, descreve a realidade do esmagamento dos sonhos da existência do negro, especialmente nas

favelas. A reflexão apresentada na narrativa revela a conscientização de um projeto destrutivo, imposto ao homem negro. Ao analisar sua vida, o sujeito poético expressa desejos influenciados pela imposição do capital e pela máscara branca que molda sua consciência através da lógica da exploração capitalista. Por fim, é evidenciada a constatação de inveja, desesperança e, ao mesmo tempo, a força para continuar lutando e sobrevivendo em um jogo cruel, cujos códigos são estabelecidos por aqueles que controlam seu próprio corpo.

#### **f) Cores & Valores (2014)**

*Cores & Valores*, lançado em 2014, marcou o retorno dos Racionais MC's após um hiato de mais de uma década sem lançar um álbum de estúdio. Nesse trabalho, o grupo trouxe uma reflexão sobre a sociedade contemporânea, abordando questões hedonistas. Com letras afiadas e uma produção musical impecável, os Racionais MC's mostraram que ainda são uma voz relevante no cenário do rap brasileiro.

Segundo D'Andrea (2022, p.137-138), o nome do CD *Cores e Valores* pode ser entendido duplamente quando relacionado ao racismo:

[...] por um lado, a palavra *valores* pode denotar questões relacionadas à ética e à moral. Por outro, pode significar preço, custo ou montante. E é nessa ambiguidade da palavra *valor* que o grupo opera, talvez denunciando uma sociedade que só dá valor a quem possui montantes ou apreciando os que não sucumbiram a uma degradação ética, como presente no verso “*Me degradar para agradar vocês? Nunca!*”<sup>33</sup>.

Ao longo de sua carreira, os Racionais MC's têm enfrentado críticas e controvérsias devido à natureza crua e direta de suas letras, que muitas vezes abordam temas sensíveis e incômodos. No entanto, é importante reconhecer que suas músicas são reflexo de uma realidade vivida por muitos brasileiros, especialmente aqueles que enfrentam a violência e a marginalização diariamente.

### **3.3 Jornada pós anos 2000**

---

<sup>33</sup> Verso do rap “Cores e Valores” (2014)

Durante o início dos anos 2000, o Brasil vivenciou eventos e mudanças que tiveram impacto na sociedade e na cultura do país. A Copa do Mundo de 2002, realizada na Coreia do Sul e no Japão, despertou um sentimento de união e orgulho nacional. A vitória da seleção brasileira trouxe uma sensação de esperança e alegria para muitos brasileiros (SILVA; SOUZA; MOREIRA, 2016).

O filme *Cidade de Deus*, dirigido por Fernando Meirelles e lançado em 2002, retratou a dura realidade das comunidades carentes e a violência presente nas favelas do Rio de Janeiro. Segundo Meheret e Yamamoto (2019), a obra foi um marco do cinema nacional, evidenciando as desigualdades sociais e a falta de oportunidades enfrentadas pelos moradores dessas áreas. Daremos maior destaque às representações das periferias na comunicação audiovisual mais adiante.

A ascensão do presidente Luiz Inácio Lula da Silva, que assumiu o cargo em 2003, trouxe esperanças de mudanças sociais e econômicas para a população mais carente. Lula implementou políticas públicas voltadas para a redução da pobreza e a promoção da inclusão social, como o Programa Bolsa Família e o Programa de Aceleração do Crescimento (PAC) (D'ANDREA, 2022).

Essas transformações sociais e políticas, juntamente com a maior visibilidade das questões enfrentadas pela população de baixa renda, influenciaram a mensagem e as temáticas abordadas pelo Racionais MC's em suas músicas. Após cinco anos do lançamento de *Sobrevivendo no Inferno*, e repleto da nova conjuntura social, foi lançado o álbum *Nada como um dia após o outro dia*. Segundo Brown, em entrevista ao repórter André Caramante, do Redbull Music Academy Festival São Paulo (2017, n./p): “Nós demos um tempo. Nós precisávamos reaprender a fazer rap”. Reaprender a fazer rap para Brown estava relacionado com a concepção de *Sobrevivendo no Inferno*, pois, segundo o artista, o álbum de 1997 gerava influência irreal sobre a periferia, com uma essência muito pesada. Quando os Racionais MC's retornaram após os anos 2000, já mobilizavam novas metáforas e simbologias da cultura negra, como, por exemplo, a garrafa de champagne na capa do CD – que, segundo Brown, fazia uma referência ao Candomblé<sup>34</sup>.

---

<sup>34</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=aqx8TyV85lc>> Acesso em: 12, fev, 2024.

Além do trabalho coletivo como Racionais MC's, os integrantes do grupo também embarcaram em projetos individuais. Edi Rock, por exemplo, lançou os álbuns *Contra Nós Ninguém Será* (2012)<sup>35</sup> e *Origens* (2019)<sup>36</sup>; Mano Brown lançou seu álbum solo *Boogie Naípe*<sup>37</sup>, em 2016, explorando sonoridades diferentes e abordando temas como amor, relacionamentos e vivências pessoais; KL Jay, por sua vez, lançou *KL Jay na Batida Volume 2* (2018)<sup>38</sup>.

A internet passou a viabilizar o acesso a mais entrevistas dos integrantes do grupo – assunto que retomado a propósito da construção da figura midiática de Mano Brown. Com esta transformação, podemos acompanhar algumas características novas no lançamento dos trabalhos mais recentes. Em 2014, no álbum *Cores e Valores*, foram exploradas faixas mais comerciais, com duração menor (D'ANDREA, 2022). Essas músicas mantiveram a crítica social presente nas letras do grupo, mas também apresentaram uma sonoridade mais acessível e radiofônica.

Ainda segundo D'Andrea (2022, p.122), a obra e o discurso do grupo Racionais MC's auxiliou na transformação do “ponto de vista de cientistas sociais<sup>39</sup>, de agentes do poder público e de produtores artísticos sobre a periferia. [...] é uma produção artística, uma análise que confere inteligibilidade às vivências do mundo social e é uma pauta política”.

Os Racionais MC's representam de forma abrangente esse movimento artístico, incorporando em sua obra e em sua postura pública os principais elementos que permitem uma análise da realidade social e do movimento artístico que envolvem o grupo. Eles se tornaram os principais expoentes de uma nova perspectiva sobre os territórios de pobreza no Brasil e, conseqüentemente, sobre o país como um todo. Além de exercerem influência como formadores de opinião, os Racionais MC's foram capazes de oferecer uma interpretação única da vida nas periferias ao longo dos últimos 30 anos. Sua contribuição é caracterizada pela utilização da metáfora como

---

<sup>35</sup> Disponível em: < [https://www.youtube.com/watch?v=liF5ld\\_drPM](https://www.youtube.com/watch?v=liF5ld_drPM)> Acesso em: 12, fev, 2024.

<sup>36</sup> Disponível em: < <https://open.spotify.com/intl-pt/album/5HZSxTHV1Okqedi83jpnBG?autoplay=true>> Acesso em: 12, fev, 2024.

<sup>37</sup> Disponível em: < <https://open.spotify.com/intl-pt/album/6HsKHQGO3oineHD04cm17X?autoplay=true>> Acesso em: 12, fev, 2024.

<sup>38</sup> Disponível em: < <https://www.youtube.com/watch?v=qKdt775cP24>> Acesso em: 12, fev, 2024.

<sup>39</sup> Depois da ratificação de que viver na periferia era motivo de *orgulho* e requeria um certo *modus operandi*, nunca mais a pesquisa de campo em sociologia ou antropologia foi a mesma (D'ANDREA, 2022)

ferramenta para retratar a realidade socioeconômica e cultural dessas comunidades marginalizadas.

Garcia (2004) afirma que a característica épica da obra do Racionais MC's surge da conexão profunda entre a experiência individual e a realidade coletiva. No cerne dessa conexão, está a violência: "eu não li, eu não assisti, eu vivo o negro drama, eu sou negro drama, eu sou fruto do negro drama" (Negro Drama, 2002).

Nem o ponto de vista do negro de periferia que reage a qualquer tipo de agressão sofrida; nem a percepção de que a violência estrutura a nossa sociedade; nem a crítica que denuncia o racismo e a mercantilização praticados pelo sistema capitalista como causas dessa violência: nenhum desses elementos teria realmente valor se a técnica de feitura da obra do Racionais MC's não fosse perfeitamente adequada à representação da realidade. Mesmo que se valorize a mensagem mais do que a obra em si, deve-se prestar atenção ao fato de que o propósito do grupo é alcançado por causa dessa adequação (GARCIA, 2004, p.174).

Dessa forma, compreendemos a significativa relevância do movimento hip hop para o fortalecimento do sujeito periférico, bem como para a mais ampla visibilização de sua representação. Assim, para compreender a contribuição de Mano Brown nesta luta, é primigênio avançarmos para compreender sua autorrepresentação que marca sua projeção na cultura midiática, uma vez que o peso de seu discurso é essencial na representação das periferias no *podcast Mano a Mano*.

### **3.4 Mano Brown**

No período em que Pedro Paulo Soares se tornou integrante dos Racionais MC's, uma figura de posicionamento "radical", crítica a diversas formas de opressão e violência, especialmente contra a população negra, pobre e periférica, foi construída e veiculada como parte do movimento *hip hop*, conquistando grande relevância não apenas dentro do próprio movimento, mas também em escala nacional, promovendo discussões nos âmbitos racial, social e político.

Uma das características que o cantor fazia questão de deixar explícita era o costume de não se deixar entrevistar, colocando-se claramente em outra chave, que não era a das dinâmicas midiáticas, manifestando-se prioritariamente através de seu produto artístico – suas letras de *rap* baseadas em relatos do cotidiano periférico.

Assim, a criação de uma figura crítica e muitas vezes vista como “agressiva”<sup>40</sup> se consolidava como forma de demarcação de um posicionamento contrário a estruturas hegemônicas de visibilidade midiática, afirmando uma conduta de confronto em relação à orientação comercial de grandes emissoras de TV e rádio.

Nesta estratégia de enfrentamento contra um sistema midiático hegemônico, Mano Brown exprime uma fala fácil, não maleável, radical e expansiva na defesa de suas ideias (GRECCO, 2007). Posicionamento este que imprime uma figura intensa em seu propósito, capaz de impactar gerações através de suas letras marcadas pela expressão de descontentamento por parte da periferia, bem como pela representação de uma realidade de violência e desigualdade racial e social.

Ao mesmo tempo, ao longo das décadas, temos percebido o estabelecimento de um paulatino movimento dialógico entre o *rapper* e diferentes espaços midiáticos, o que se deu inicialmente de forma tímida, com entrevistas concedidas a uma revista que ele julgava “comunista”<sup>41</sup> (1998, p.31), e a um programa de uma emissora que, em sua percepção, não visava apenas ao lucro e não sustentava uma visão distorcida da periferia<sup>42</sup> (2007, n./p). Já na última década, a frequência com que acompanhamos as aparições midiáticas de Mano Brown tem se intensificado – e mais: podemos observar a mutação de uma linha discursiva e o desenvolvimento de uma nova maneira de pensar o discurso da figura que ele representa, a saber, de um sujeito negro, periférico e de posicionamento político alinhado ao campo progressista.

Sendo assim, ao acompanhar suas entrevistas e presença em diferentes veículos de comunicação, o público observa também a construção de uma figura midiática. Nesse sentido, propomos uma articulação das possíveis mediações e negociações sobre o que Mano Brown se dispõe a representar para a mídia e o que propriamente a mídia reproduz de sua proposta. Assim como afirma Silverstone (2002), a mediação compreende a circulação de significações, que envolve a produção midiática e o sentido que nós, direta e indiretamente, colaboramos para construir. É nesta chave que se sustenta o fortalecimento de uma figura que busca

---

<sup>40</sup> Como exemplo dessa imagem, podemos citar o episódio em que os integrantes do grupo Racionais Mc's foram presos, em 26 de novembro 1994, durante um show no Vale do Anhangabaú, sob a acusação de incitação à violência e ofensa à Polícia Militar através das letras de suas músicas. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1994/11/28/brasil/23.html> Acesso em: 07 de jul. de 2022.

<sup>41</sup> Entrevista concedida à revista Caros Amigos, Editora Casa Amarela, nº10, 01/98, p. 31.

<sup>42</sup> Entrevista concedida ao Programa Roda Viva em 2007, na TV Cultura. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSg&t=451s> Acesso em: 07 de jul. de 2022.

dar voz a demandas por reconhecimento de grupos marginalizados ao longo das últimas três décadas.

Nesse intervalo temporal, não apenas a articulação da imagem de Mano Brown passa a ter mais substratos para análise, como sua participação passa a compor outras frentes de produção artística, como a ocupação do lugar de entrevistador no *podcast Mano a Mano*, produção original Spotify, lançado em 2021. O programa se tornou objeto de atenção, uma vez que seu primeiro episódio foi ao ar dia 26 de agosto de 2021 e passou a ocupar o top 10 de *podcasts* mais escutados no tocador logo em sequência ao seu lançamento, chegando a ocupar o 2º lugar na categoria Sociedade e Cultura<sup>43</sup>.

A ocupação de uma outra frente artística e midiática estabeleceu um divisor de águas em sua relação com as redes sociais. É o caso, por exemplo, de sua inclusão no Twitter como emoji em março de 2022, que rendeu o seguinte comentário de Mano Brown, em 2022: “É isso mesmo, família, agora algumas hashtags tem um emoji meu exclusivo, vamos começar a usar? obrigado @TwitterBrasil pela parceria #ManoAMano”<sup>44</sup>. Logo após essa movimentação, o *rapper* se tornou ainda garoto propaganda da Netflix, em uma de suas campanhas de divulgação da última temporada da série *Peaky blinders*, disponibilizada pela plataforma de *streaming* a partir do dia 11 de junho do mesmo ano.

Ao avaliar esses acontecimentos, perceberemos o papel fundamental de se compreender as negociações estabelecidas, na figura midiática de Mano Brown, em relação a diferentes espaços midiáticos. Quem era Mano Brown na década de 1980 e quem é Mano Brown em 2023? O *rapper* e o entrevistador se aproximam? Quais são as articulações propostas a partir do seu discurso, e qual figura medeia essa negociação? Para refletir sobre tais indagações, parece-nos fundamental considerar o papel desempenhado pela construção de uma figura midiática que foi capaz de se tornar uma espécie de “emblema” de identidades periféricas e representar movimentos sociais e políticos.

Nesta seção, propomos refletir sobre a construção da figura midiática de Mano Brown a partir de entrevistas e informações relacionadas ao artista. Considerando as mediações que fazem parte das negociações estabelecidas, buscaremos nos

---

<sup>43</sup> Informações extraídas de: <https://podcastcharts.byspotify.com> . Acesso em: 16 jul. 2022.

<sup>44</sup> Disponível em: <https://twitter.com/manobrown/status/1509145941445591047> Acesso em: 16 jul. 2022.

debruçar sobre seu produto, a fim de esboçar as aproximações dialógicas criadas entre as figuras do *rapper* e do entrevistador. Dessa forma, esperamos acompanhar os processos de construção de visibilidade para/por uma voz elaborada a partir de um lugar historicamente subalternizado, que emerge e se consolida na cena midiática.

### 3.4.1 A figura midiática

Já ao lado de seus companheiros dos Racionais MC's, no início da década de 1990, o posicionamento de Mano Brown vai se fortalecendo de forma radical, traçando seu caminho à margem do *mainstream*, com o propósito de se apresentar apenas para a periferia, recusando-se a conceder entrevistas para veículos midiáticos hegemônicos. A década de 1990 foi marcada por essa característica do grupo, que despontava como grande sucesso de público e consolidava uma carreira longe das grandes mídias, com pouquíssimas entrevistas – ainda que não passasse despercebido por grandes veículos.

A partir dos anos 2000, percebemos um movimento caracterizado por aparições tímidas, com breves flertes com a TV aberta, em programas da TV Cultura<sup>45</sup>, revistas como a *Rolling Stone Brasil* (2009 e 2013) e periódicos como o *Jornal da Tarde* (2006). Desde então, Mano Brown passa a ter uma frequente aparição e envolvimento com entrevistas, não apenas concedendo, mas colocando-se no papel de entrevistador.

Assim, ao longo dos anos 2010, podemos acompanhar Mano Brown em entrevistas e exposições públicas com maior frequência e de forma muito mais descontraída, sem deixar de lado posicionamentos afirmados ao longo dos anos. Protagonizou, ao lado de João Gordo, o *Panelaço com João Gordo – Peixe de Tofu com Mano Brown*, em 2015<sup>46</sup>. Na TV Santos, esteve em *Mano Brown como você nunca viu*<sup>47</sup>, em 2019.

Dessa forma, o acompanhamento da trajetória de Brown sugere a construção e constante reelaboração de uma figura pública, artística e midiática, sustentada, entre outras dimensões, pela afirmação de seu *ethos* discursivo (MAINGUENEAU, 1997). Esse *ethos* é (re)apresentado pelas formas como o artista escreve e interpreta suas

---

<sup>45</sup> Mano Brown esteve nos Programas *Ensaio* (2003) e *Roda Viva* (2007). Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NslbaH9s-1w> e

<https://www.youtube.com/watch?v=laQWmNkqkSq>. Acesso em: 18 jul. 2022

<sup>46</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=YOQFT38VU1E> Acesso em: 18 jul. 2022.

<sup>47</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=NNroEnIPcjA> Acesso em: 18 jul. 2022.

letras e por posicionamentos e discursos em shows, bem como por suas posições em relação à mídia. Interessa-nos, nesse sentido, discutir elementos relacionados a essa construção protagonizada pela enunciação de Mano Brown, priorizando as dimensões em que seu *ethos* discursivo é mediado por veículos midiáticos. Esperamos, assim, levantar elementos úteis à compreensão de aproximações dialógicas entre a figura do *rapper* e a figura do entrevistador.

### 3.4.2 *Ethos* discursivo

O *ethos* discursivo é um elemento essencial na análise da exposição midiática de um indivíduo, como é o caso do rapper Mano Brown. De acordo com Maingueneau (1997), o *ethos* discursivo refere-se à construção da "voz" do locutor por meio de sua enunciação; dessa forma, considerar não apenas *o que* se diz, mas também *a forma como* se enuncia. Essa construção não se limita apenas à transmissão de informações ou depoimentos, mas envolve a criação de um "corpo" discursivo que representa o artista.

[...] o discurso é inseparável daquilo que poderíamos designar muito grosseiramente de uma "voz". Esta era, aliás, uma dimensão bem conhecida da retórica antiga que entendia por *ethé* as propriedades que os oradores se conferiam implicitamente, através de sua maneira de dizer: não o que diziam a propósito deles mesmos, mas o que revelavam pelo próprio modo de se expressarem. (MAINGUENEAU, 1997, p.45)

No contexto da retórica antiga, o *ethos* era entendido como as características que os oradores implicitamente conferiam a si mesmos por meio de sua maneira de falar. Não se tratava apenas do que diziam sobre si, mas também do que revelavam por meio de sua expressão verbal (MAINGUENEAU, 1997). Essa dimensão do discurso é crucial para compreender a negociação de sentidos e a construção da imagem de um locutor.

Sendo assim, algo da ordem da experiência sensível se opera no processo de comunicação verbal. A instância subjetiva que emerge da enunciação implica uma "voz", associada a um "corpo enunciante" especificado sócio-historicamente: uma maneira de circular, uma disciplina tácita do corpo que o destinatário constrói, apoiando-se num conjunto difuso de estereótipos, avaliados positiva ou negativamente (MAINGUENEAU, 2010, p.80).

Amossy (2005) também destaca a importância da construção da imagem no ato de tomar a palavra. Segundo a autora, competências enciclopédicas, linguísticas e crenças implícitas são fundamentais para a constituição do locutor. Em outras palavras, o *ethos* está relacionado à construção de uma "imagem de si" no discurso, em relação à qual o enunciador busca exercer controle por meio de estratégias e intencionalidades específicas.

É importante mencionar que a construção de um *ethos* está diretamente relacionada à sua construção política, ainda conforme a autora (2005, p.23):

Sua reflexão está ligada a um questionamento das noções de sujeito, de ideologia, de escritura e valoriza o objetivo de eficácia da retórica: trata-se de ver como pode se instaurar um *ethos* discursivo que contribua para constituir uma fala de mulher, ou, ainda, a fala de um "subalterno". A construção de um *ethos* discursivo é, assim, privilegiada, uma vez que é indissociável de um posicionamento político.

Dessa forma, a análise do *ethos* discursivo permite compreender como a representação midiática de um rapper, por exemplo, vai além das informações objetivas ou dos depoimentos fornecidos. Ela envolve a construção de uma identidade discursiva que influencia a percepção do público sobre o artista.

### **3.4.3 A trajetória de um discurso midiático**

O olhar dos indivíduos para a configuração e o cotidiano sociais é, sem dúvidas, impactado e construído com participação significativa dos discursos midiáticos. Segundo Martin-Barbero (1997), este papel está intrinsecamente ligado à incorporação das tecnologias de mídia no amplo desenvolvimento das culturas nacionais, mediando a relação dos indivíduos com matrizes culturais.

Quando falamos de mediação, propomos um olhar voltado para a negociação entre as representações construídas pelos meios de comunicação e a recepção apresentada pelo consumidor de tais conteúdo. Martín-Barbero (1997) afirma que uma estrutura midiática não possui vontade hegemônica sobre o entendimento do público, mas articula um papel de negociação com os receptores de suas mensagens, levando em consideração sua inserção em matrizes culturais, filiações ideológicas, capacidade de interpretação e recirculação. Sobre sua a ideia de "circulação", por sua vez, Couldry (2008, p. 380) afirma:

A mediação, no sentido em que estou usando o termo, descreve o processo fundamentalmente (ainda que desigualmente) dialético no qual os meios institucionalizados de comunicação (imprensa, rádio e televisão, e cada vez mais a internet) estão envolvidos na circulação geral de símbolos na vida social.

Sob esta perspectiva, a mediação articula uma “negociação resultada por fluxos de produção, circulação, interpretação e recirculação” (COULDRY, 2008, p. 383). Nesse sentido, é essencial compreender como se dá a regulação de discursos em busca de (re)configurações da cidadania e das formas de reconhecimento, para que possamos identificar as negociações cotidianas formadas pelos atores e sujeitos com o poder e as instituições (MARTÍN-BARBERO; GERMÁN, 2001).

Nessa chave de negociação e articulação entre mídia e recepção, é que se encontra a construção da figura midiática de Mano Brown. Sob a lógica do *ethos* discursivo, é possível propor uma avaliação dessa projeção midiática do *rapper* ao longo dos anos, considerando características de sua enunciação que o fizeram ser reconhecido como um ícone na cultura *hip-hop*.

Segundo Maingueneau (2020, p.9), a construção do *ethos* discursivo se baseia em viabilizar ao destinatário a capacidade de “construir uma representação do locutor por meio daquilo que ele diz e de sua maneira de dizê-lo, [...] pois falar é uma atividade erguida sobre valores supostamente partilhados”. Trata-se de uma articulação que contribui para o envolvimento de uma enunciação não explícita no enunciado.

Tom de voz, ritmo da fala, seleção vocabular e argumentos, gestos, expressão facial, olhar, postura, figurino etc. são igualmente signos elocutórios e oratórios, indumentários e simbólicos, pelos quais o orador dá de si mesmo uma imagem psicológica e sociológica (DECLERCQ, 1992, p.48 *apud* MANGUENEAU, 2020, p.10)

Esse *envolvimento de uma enunciação não explícita no enunciado* permite-nos considerar a forma como a construção da figura midiática de Mano Brown ao longo das décadas se baseia em elementos inerentes a seu *ethos*, bem como indagar sobre as formas pelas quais esse *ethos* é mediado por discursos midiáticos, por meio da veiculação de enunciados e declarações do artista. Para tanto, destacamos quatro produtos midiáticos veiculados em três décadas diferentes, a fim de acompanhar, em perspectiva diacrônica, elementos da mediação midiática da voz do *rapper* e negociações do *ethos* configurado através de sua enunciação.

Assim, a discussão proposta se baseará em: (i) fragmentos de matérias veiculadas pelo jornal *Folha de S. Paulo* e pela revista *São Paulo*, publicados pela mesma empresa, entre os anos 1994 e 2013, material cuja escolha visa a proporcionar indícios do olhar midiático sobre o artista, ao longo de duas décadas, a partir de um veículo jornalístico tradicional de São Paulo, cidade de origem de Brown; (ii) entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, na TV Cultura, no ano de 2007; (iii) entrevista concedida ao podcast *Podpah*, disponibilizado no Youtube e Spotify; e (iv) fragmentos de entrevistas que integram episódios do *podcast Mano a Mano*, nas quais o *rapper* se coloca na figura de entrevistador.

### 3.4.3.1 Folha de São Paulo e o rap visto de fora

Com a ampliação da notoriedade dos *Racionais MCs* e a conquista de popularidade também entre a classe média, o grupo chamou a atenção de veículos de imprensa de grande circulação e proposta editorial alinhada ao chamado “jornalismo de referência” (ZAMIN, 2014). Assim, em publicação do dia 17 de abril de 1994, a revista *São Paulo*, editada pelo Grupo Folha, aponta:

A novidade se chama Racionais MC's. Eles são negros, bravos e malvados, cantam *rap* e não fazem concessões. Estão com a agenda de shows lotada, venderam muito bem seu último disco (sem versão em CD e de uma gravadora pequena) e frequentam o topo das listas de músicas das FMs. O quarteto protagoniza um arrastão sonoro na praia da “playboyzada”, trazendo junto um universo *rapper* até então desconhecido. E os banhistas aplaudem de pé e pedem bis (DÁVILA, 1994, n./p).

A matéria destaca que, menos de um mês antes, o fenômeno Racionais estaria estourando em meio à classe média. O texto ocupa pelo menos cinco páginas da revista, mas pouco retrata a fala direta do grupo; o jornalista responsável pela pauta reúne a fala das pessoas que acompanham a rotina do grupo de *rap*. Ao entrevistar o grupo em uma sorveteria, aproveita e colhe o depoimento do dono do estabelecimento, que afirma: “A gente vê quatro negões, pensa logo em confusão, mas esses aí são da paz, só tomam refrigerante, dão bons conselhos à meninada”. Já o dono da gravadora que produziu o disco *Raio X do Brasil* declara: “Os Racionais nasceram aqui, não têm interesse de se afastar da comunidade. Pode até ser que virem moda, igual o Gabriel (o Pensador). Mas ele não é *rapper*, e sim um artista pop”.

Em contraposição ao que menciona a chamada da matéria (isto é, a tese de que os Racionais teriam caído no gosto da “playboyzada”), Mano Brown afirma: “O quê? Os Racionais se vendendo ao ‘sistema’? Não, mano, só se eles aceitarem nosso esquema. Não fazemos música para agradar ninguém, nem a playboyzada. Se eles gostam da mensagem, querem ajudar, tudo bem”.

Ao final da entrevista, é apresentada uma lista de perguntas e respostas para cada integrante do grupo. Mano Brown, na época com 23 anos, fala brevemente sobre lazer, cultura e raça; quando questionado sobre política, mostra seu afeto pelo PT e diz que não tem boas recordações da imprensa. Conforme suas palavras: “90% do que é falado é distorcido”. A respeito da polícia, ele afirma: “Se eles fizerem alguma coisa contra os Racionais, estão mexendo com a massa”. E, por fim, diz que gostaria de estudar jornalismo: “Descobri que tenho tendência, um certo dom. O *rap* tem a ver com a notícia”.

No ano de 2002, o jornal *Folha de S. Paulo* publicou uma crítica sobre o lançamento do álbum *Nada como um dia após o outro dia*, na qual se lê, a respeito de Mano Brown:

Sim, Mano Brown quer ser um cara legal. É paternalista, vê-se. Aconselha sempre que pode. Dá dura se for preciso. Faz em disco, no atacado, o que lhe cobram tanto no corpo-a-corpo, sussurrando ao pé do ouvido, à porta dos shows, nos camarins (FOLHA DE S. PAULO, 2022, n./p).  
[...] Racionais é diversão, que dúvida. Mas ainda não cede ao atacadão de entretenimento que tomou conta da produção, repleta de “parques temáticos” do sobe e desce do rebola-bola (FOLHA DE SÃO PAULO, 2002).

Onze anos mais tarde, em 2013, o mesmo jornal publicaria matéria intitulada “*Racionais de boutique: voz da periferia grupo de rap faz show expresso para ‘mauricinhos’ em balada na Vila Olímpia*”. O texto aborda uma apresentação na Royal Clube, em São Paulo, e afirma: “Os Racionais, até o fim dos anos 90, tocavam apenas em casas dedicadas ao *rap*. Mano Brown dizia (e cantava) não gostar de playboys. A presença do grupo num lugar como a Royal seria impensável há dez anos” (MACHADO, 2013, n./p). Na sequência, a matéria aponta que o show havia durado apenas uma hora e que nem o grupo e nem o público pareciam empolgados: “Mano Brown só cantou. Não fez nenhum de seus famosos discursos. Disse: Obrigado, São Paulo, segunda é dia de trampo” (MACHADO, 2013, n./p).

Segundo Maingueneau (2020), o *ethos* é uma construção discursiva, que envolve um processo interativo de influência mútua – no caso dos excertos midiáticos

brevemente apresentados, parece-nos possível falar em uma interação resultante entre as vozes de Brown e de veículos midiáticos, que se colocam como atores da negociação. A partir de uma construção discursiva mediada por veículos jornalísticos – e, mais especificamente, por veículos do Grupo Folha, entre 1994 e 2013 –, acompanhamos algumas formulações que representam a trajetória de um Mano Brown negro, bravo, malvado e que não faz concessões; mas que, ao mesmo tempo em que afirma não comungar com a “playboyzada”, faz show em casas noturnas de elite. Ao mesmo tempo em que os textos representam um corpo político e inflexível perante a grande mídia, buscam retratar um Mano Brown controverso, imagem que parece ser reforçada pela forma como fragmentos de falas do artista são incorporados às matérias.

### 3.4.3.2 Mano Brown em sabatina no Roda Viva

Mano Brown concedeu entrevista ao programa *Roda Viva*, da TV Cultura, no ano de 2007, pois, segundo o *rapper*, a emissora não compactuará com as mesmas premissas da grande mídia. Isso porque a TV Cultura de São Paulo “é uma emissora estatal de propriedade do governo estadual de São Paulo e se constitui em uma emissora regional de baixa audiência, escolhida na seleção do grupo provavelmente por uma programação eminentemente educativa” (GRECCO, 2007, p. 88).

Na entrevista, Brown é questionado sobre seu posicionamento político, o cotidiano na periferia e sua carreira. No entanto, dois momentos chamam especialmente nossa atenção: no primeiro, o jornalista da TV Cultura Renato Lombardi pede para que Mano Brown explique a auto caracterização que faz em uma de suas músicas:

[Renato Lombardi:] Quando você canta: “Nas ruas da sul eles me chamam Brown, maldito, vagabundo, mente criminal”, o que você quis dizer aí?  
[Mano Brown:] Antes de tudo isso é uma rima, a gente faz assim pra ficar bem pá mesmo (alguns dão risada). (Ele aponta para outro entrevistador e diz) Você que é de música tá ligado. E também a realidade tá explícita, a mente é isso mesmo, as pessoas me chamam de Brown mesmo. Eu sou criminoso sem ser. Ou sou, entendeu? Talvez eu seja realmente. Na verdade, nós somos, aqui todo mundo é criminoso. Quando a gente aceita o Brasil que a gente vive e a gente tira onda, vai tomar cerveja, comer pizza, fazer samba, nós somos criminosos (RODA VIVA, 2007, n./p.).

O segundo momento é protagonizado por Paulo Lima, na época jornalista da revista *Trip*, que abordou a questão de o *rapper* controlar sua exposição na mídia:

[Paulo Lima:] A gente sabe que você controla sua exposição na mídia. Por que você veio aqui? Por que você escolheu o Roda Viva?  
[Mano Brown:] É um programa que eu já assisti, várias vezes mesmo sem ter muita noção do assunto porque as palavras eram meio difíceis. Mas eu prestava atenção no comportamento do cara que tava sendo entrevistado. Já vi uns caras que tomaram pancada, hoje tá até que suave, to até estranhando. (RODA VIVA, 2007, n./p.)

Em sua passagem pela TV Cultura, Mano Brown manteve seu discurso voltado para um posicionamento radical, porém, pareceu buscar distanciar-se da posição de controle pleno da enunciação que predomina em seus shows, privilegiando o campo de interação. Maingueneau (2020, p. 26-27) afirma que “nas interações, os lugares dos parceiros são sempre negociáveis e o desenvolvimento do texto não obedece a restrições macroestruturais fortes”. Nessa situação, o locutor não está em um quadro estável, capaz de controlar sua enunciação por completo, o que implica em um desafio para a manutenção de sua personalidade em destaque.

No momento em que Renato Lombardi pede para que Mano Brown explique sua autorrepresentação em uma letra de música, o rapper busca explorar outras instâncias argumentativas para (res)significar a palavra “criminoso” no programa de TV, em uma chave dialógica que, não obstante, reitera o posicionamento de crítica social que costuma afirmar: “Quando a gente aceita o Brasil que a gente vive e a gente tira onda, vai tomar cerveja, comer pizza, fazer samba, nós somos criminosos”.

Com base em seu conhecimento prévio sobre o *rapper*, Paulo Lima pergunta o motivo pelo qual Mano Brown aceitou o convite para estar no *Roda Viva*. Seria esta uma forma de tentar desconstruir a figura radical do cantor? Ou uma tentativa de captar algum traço de mudança nos posicionamentos sustentados pelo artista? Estas indagações permanecem em aberto. Ainda que a análise dos enunciados possa nos dizer da intencionalidade de seus produtores, uma compreensão plena de suas possibilidades interpretativas, como nos lembra Martín-Barbero (1997), dependeria de um estudo sistemático das mediações que atuam na recepção midiática – objetivo que, embora relevante, não seria viável explorar de forma aprofundada nesta pesquisa.

#### **3.4.4 Atualização da imagem de Mano Brown por meio do podcast**

Após quinze anos de sua apresentação no Roda Viva, damos um salto para um novo contexto: Mano Brown mais maduro, mais disponível, pós viabilização da internet em veicular conteúdos e entrevistas, ampliando as possibilidades de análise do rapper fora de seu “lugar de segurança” – os palcos e suas composições.

Acompanharemos mais adiante Mano Brown ocupando novos espaços, seja concedendo entrevistas ou colocando-se na figura de entrevistador, em seu podcast. Mas o que queremos sinalizar aqui é um cenário midiático de configuração diferenciada, veiculado ora por áudio, ou por áudio e vídeo, nas plataformas de streaming.

Neste espaço, teremos condições de identificar qual tipo de “voz” e “imagem” Mano Brown traz consigo, bem como a negociação que o artista faz de si mesmo em sua relação com a mídia.

##### **3.4.4.1 Um novo Mano Brown: figura ilustre no Podpah**

Em março de 2022, após 350 episódios, um dos *podcasts* mais famosos do Brasil, o *Podpah*, apresentado por Igor Cavalari (Igão) e Thiago Marques (Mítico), recebeu Mano Brown como convidado para uma conversa descontraída.

Mostrando-se bem-humorado, o artista começa a conversa falando do Santos, seu time de coração, e embarca em uma jornada contando sua história e lembrando controvérsias, procurando imprimir um tom de leveza e transparência – adequado à situação de interação comunicativa estabelecida pelo *podcast* em que estão – à sua fala. O *rapper* radical das décadas de 1980 e 90 afirma no começo da entrevista, quando relembra o período da pandemia: “Eu fui estudar o novo movimento que elegeu esse presidente [...] eu fui ler uns professores de história deles, os caras têm o viés deles, eu tenho o meu. [...] Não tenho disposição para essa guerra filosófica dos caras que não leva a lugar nenhum” (Mano Brown *apud* PODPAH, 2022, *n.p.*).

Na sequência, Brown diz que não estava a fim de “pregar para convertido” (o campo da esquerda) no período de pandemia, por isso, teria ido estudar. Nesse espaço de tempo, surgiu o projeto do programa *Mano a Mano*, iniciativa de Mano Brown apresentada ao Spotify. No início, a proposta era fazer um *podcast* contando

as histórias do *rapper*. Foi assim que o *streaming* mais *mainstream* do momento recebeu uma proposta para veicular um programa de histórias de Mano Brown.

[Igor Cavalari:] O que você está achando da experiência de ter um podcast, de conversar com as pessoas?

[Mano Brown:] Eu tô com uma idade que eu quero fazer muita coisa que eu queria ter feito, que eu não tinha a capacidade antes, como voltar a estudar. E por que eu digo isso? Porque o podcast foi sair da zona de conforto; o que eu tô sempre tentando sair na música, dessa vez eu radicalizei.

[Igor Cavalari:] Foi para a comunicação.

[Mano Brown:] É, poderia me expor muito, poderia mostrar umas puta fraqueza minha, no primeiro programa. O contratante falar: Brown, sinto muito, gosto muito das suas músicas, cresci te ouvindo, mas não dá (PODPAH, 2022, *n./p*).

Essa fala caracteriza um Mano Brown muito mais vulnerável, no sentido de estar aberto à negociação de sua imagem com o interlocutor. Nesse sentido, o locutor se coloca em uma posição de não controlar totalmente o cenário da construção discursiva de seu *ethos* e expressa o receio da exposição.

[Thiago Marques:] [...] esse bate papo é uma das coisas mais aguardadas da internet, porque a galera queria ver você conversando com dois caras aleatórios.

[Mano Brown:] Dois cara daora, que faz sucesso pra caralho e tá contando forte. Nem vem com essa, tio. Esse personagem seu não existe mais. Vocês são uns caras formadores de opinião, pesadão (PODPAH, 2022, *online*).

Quando Brown afirma que os apresentadores do *podcast* são figuras de sucesso e relevância (“contando forte”), ele representa a ambos em uma chave de formação de opinião. Dessa forma, o *rapper*, ao se inserir no mesmo contexto de enunciação a partir de sua atuação como apresentador de sucesso em uma plataforma de *streaming*, também se declara formador de opinião – aspecto que parece decisivo à forma como o *rapper*-apresentador busca construir sua identidade enunciativa em aparições midiáticas recentes.

#### **3.4.4.2 O Mano, no Mano a Mano**

Fechando esta breve incursão pela (re)construção da figura midiática de Mano Brown, em que priorizamos as negociações estabelecidas em torno de seu *ethos* discursivo, propomos olhar agora para o objeto que nos parece ser o mais relevante no que diz respeito à visibilidade midiática recente do artista: o *podcast Mano a Mano*,

que já conquistou milhares de *views*, tornou-se um dos programas mais ouvidos desde seu ano de lançamento (2021) e conquistou o prêmio de melhor programa de *podcast* do Festival de Cultura Pop da Comic Con Experience de 2022.

O *podcast* representa um formato pouco convencional do ponto de vista estilístico (ao menos, quando comparado com programas de entrevistas mais tradicionais, particularmente os televisivos), pois veicula entrevistas longas, com duração média de uma hora e meia; em alguns casos, a depender do entrevistado, as entrevistas podem exceder duas horas e meia<sup>48</sup>.

No caso do *Mano a Mano*, os entrevistados são, em sua maioria, pessoas negras, o que parece sinalizar uma preocupação, por parte da instância de produção do programa, com a representação da negritude e debates raciais. Há, evidentemente, exceções; mas, nos casos de entrevistados/as não negros/as, temáticas político-sociais, com priorização de perspectivas progressistas e/ou de grupos marginalizados, parecem ocupar o centro do programa. No episódio que teve Lula como entrevistado, por exemplo, Brown lembrou a ocasião em que expôs publicamente críticas à candidatura do PT nas eleições presidenciais de 2018:

A minha figura foi associada à sua figura, que eu nunca neguei isso, nunca fui neutro. Quando tinha que mostrar a cara, eu mostrei a cara e meus amigos; o hiphop no todo estava do seu lado, do lado do Haddad, do lado das ideias, das oportunidades iguais. E quando eu vi naquela oportunidade que a gente tinha perdido e eu vi os nossos debandarem. Aquilo me causou revolta, porque cheguei lá, tava tendo uma festa e eu fui em clima de velório. E a festa me irritou, eu sabia que a gente tinha perdido a eleição.  
Eu sabia que aquilo seria fatal para a favela. E a favela tinha sido enganada. (Mano Brown apud MANO A MANO, 2021a, n./p).

Debatendo assuntos importantes, interessantes e controversos: é assim que Mano Brown descreve a chamada de seu programa no início de cada episódio. O *rapper* se transmuta no entrevistador que busca abordar uma série de questões que tangenciam movimentos e lutas sociais. Seus entrevistados permitem que as pautas permeiem a discussão de temas de interesse para as periferias, o movimento negro, a política de esquerda – mesmo quando o entrevistado foi Fernando Holliday, vereador do estado de São Paulo pelo Partido Novo e conhecido por seu alinhamento ao campo conservador.

---

<sup>48</sup> Este é o caso da entrevista de Emicida, disponível na segunda temporada do *podcast*, contabilizando duas horas e quarenta e nove minutos (SPOTIFY, 2022, n./p)

Mano Brown, como mencionado em sua entrevista ao *Podpah*, aproveita para relacionar sua trajetória pessoal a processos histórico-sociais, como afirma durante entrevista concedida por Emicida ao *Mano a Mano*: “O preço da comida nos anos 90 era muito maior que agora. Era muito caro comer, eu lembro que o orçamento de um pai de família, a comida ocupava uns 70%. Era um crime você chegar na hora do almoço na casa de alguém, ficava um clima chato” (Mano Brown apud MANO A MANO, 2022, *n.p*).

Mesmo em um ambiente que não controla plenamente, pois o discurso é negociado entre entrevistador e entrevistado ao longo das entrevistas, Brown parece fortalecer sua filiação aos mesmos valores que afirmava nos anos 1990, posicionando-se em favor das bandeiras do movimento negro, das demandas de populações periféricas e do campo progressista.

Ao longo do tempo, percebemos que a figura midiática de Mano Brown passou por diversas negociações, até chegar à identidade expressa na ocupação da posição de entrevistador, pela qual conquistou lugar de destaque em uma mídia *mainstream* e foi premiado em um importante (e comercialmente expressivo) evento de cultura pop, mas, ao mesmo tempo, busca reafirmar posicionamentos expressos em outros momentos de sua carreira.

#### **3.4.4.3 Enfim, um contador de histórias?**

Pedro Paulo Soares Pereira chega ao ano de 2023 com uma contribuição ímpar não apenas para o movimento *hip-hop*, mas também para a representação de identidades negras e periféricas em espaços midiáticos.

Pudemos acompanhar um movimento de transição na postura do *rapper*, que reflete transformações e reiterações em seu posicionamento ao longo das décadas. Dos anos 1980 para cá, vemos uma flexibilização de Mano Brown no que diz respeito às concessões e aparições que ele mesmo negocia em diferentes espaços midiáticos. Estes, por sua vez, fizeram questão de retratar a peculiaridade de uma figura inflexível, supostamente agressiva e radical do ponto de vista dos valores das classes médias e da elite, embora tenham se mostrado também interessados em compreender melhor os posicionamentos do artista e conceder-lhe voz.

De *rapper* a entrevistador, não deixa de ser curioso pensar que houve uma inversão de papéis no meio do caminho. Porém, se revisitarmos a entrevista

concedida à revista *São Paulo*, do Grupo Folha, observamos que Mano Brown já expressava, nos anos 1990, desejo de ser jornalista, conectando o *rap* à notícia – ao mesmo tempo em que se mostrava crítico à imprensa. Talvez seja este o ponto que trouxe e traz tanta notoriedade para Brown como entrevistador: ele é um contador de histórias. Um contador das histórias cotidianas.

\*\*\*

A construção de um discurso é muito mais que a mensagem propriamente dita. Ela é capaz de traduzir sentidos negociados na construção de uma imagem, de um posicionamento, e endereçar, ainda que com limites, sua recepção.

Quando falamos do Mano Brown dos anos 1980 e 90 e do Mano Brown de hoje, verificamos o movimento discursivo descrito por Amossy (2005, p.16), segundo o qual “[...] o enunciador deve se conferir, e conferir a seu destinatário, certo status para legitimar seu dizer: ele se outorga no discurso uma posição institucional e marca sua relação com um saber”.

No início de sua carreira, o *rapper* falava para um público que possuía um saber prévio sobre os símbolos tratados em seu discurso, viabilizando uma aceitação do destinatário e possibilitando sua aceitação como figura representante de uma causa política e social urgente. Com o passar dos anos, uma abertura de públicos foi negociada, processo que parece envolver modulações na forma como Brown busca legitimar seus enunciados.

Independentemente de suas estratégias de aparição midiática e dos códigos estabelecidos em suas falas, podemos acompanhar o percurso de uma voz fortalecida, capaz de representar – como ele mesmo afirma – uma massa que hoje tem oportunidade, por meio das mídias digitais, de se sentir representada, participar de movimentos e reconfigurar (ou, ao menos, ressignificar) posições de subalternidade historicamente construídas na sociedade.

### **3.5 Podcast**

Segundo Lúcia Santaella (2003, p. 78), “vivemos um período de sincronização de todas as linguagens e de quase todas as mídias que já foram inventadas pelos seres humanos”. Tais transformações contribuem para o desenvolvimento de

formatos distintos, que viabilizam a veiculação de informações de forma instantânea, com alcance global, através da internet. Esta reflexão foi feita no mesmo período em que a mídia sonora passava por transições significativas em seu formato e distribuição, como acompanharemos nas próximas seções.

O podcast vem, há aproximadamente duas décadas, testando e comprovando as possibilidades de distribuição de conteúdo em áudio, para além de possibilidades radiofônicas, conectando aspectos estéticos de inúmeras mídias, trabalhando, por meio de cenários – quando veiculados em seus formatos de videocast –, narrativas documentais (SILVA; OLIVEIRA, 2020), ficcionais (PINHO; LIMA, 2021) ou jornalísticas (DUARTE, 2021).

O termo “podcasting” foi cunhado originalmente em fevereiro de 2004 pelo jornalista britânico Ben Hammersley em um artigo para o diário *The Guardian* (BONINI, 2006). Trata-se de uma modalidade de mídia resultante da convergência que une áudio, infraestrutura web e dispositivos portáteis de mídia (BERRY, 2006). O *podcast* funciona como uma “tecnologia de escape”, permitindo às pessoas publicarem conteúdo sem passar pelos centros de comunicação tradicionais (BONINI, 2020). O termo, por sua vez, deriva de *podcaster*, a pessoa que produz o conteúdo do *podcast*, e *podcasting*, o ato ou o processo de criá-lo (NEIVA, 2013).

Em sua essência, “os podcasts são arquivos de áudio distribuídos de maneira inovadora, mudando a temporalidade e a portabilidade do conteúdo” (MADSEN, 2009, p.1191). O avanço dos *smartphones* e da internet móvel levou a uma mudança da lógica do *download* para a do *streaming*, tornando mais simples a distribuição dos episódios (VICENTE, 2018).

Os *podcasts*, como os conhecemos hoje, evoluíram desde sua primeira fase na década de 2000, quando estavam intimamente ligados à cultura dos blogs. Hoje, “eles adquiriram formatos técnica e esteticamente mais complexos, bem como novas finalidades” (VICENTE, 2018, p. 12). De acordo com Sterne et. al. (2008), o *podcasting* é uma continuação da radiofusão, mas deve ser visto como um meio digital massivo em si, com novos mercados emergentes e modelos de negócios, bem como um crescente número de ouvintes e produtores.

Apesar de suas raízes estarem no rádio, o *podcast* difere dele em alguns aspectos fundamentais. Eles operam em uma relação diferente com o tempo e o ouvinte, atendendo a demandas diferentes (VICENTE, 2018). No *podcasting*, a recepção é assíncrona, e cada indivíduo decide quando e onde vai ouvir o conteúdo assinado (HERSCHMANN; KISCHINHEVSKY, 2012).

[...] embora tenha surgido como um recurso de disponibilização de arquivos de mídia, o podcast superou essa fase, distanciando-se de sua base tecnológica inicial – download, RSS, vinculação à tecnologia *Apple* – para configurar-se numa nova modalidade de produção e consumo sonoro e audiovisual. A utilização do termo “sonoro” não significa uma negação das características radiofônicas do podcast. Como vimos, a tradição do rádio, especialmente de emissoras públicas, teve e tem uma importância fundamental na consolidação do podcast e na definição de sua identidade. Porém, o que se tenta sublinhar é que o podcast é, em alguma medida, diferente do rádio, operando numa outra relação com o tempo e com o ouvinte e atendendo a diferentes demandas (VICENTE, 2018, p.20-21).

Nesse sentido, o *podcasting* remedia o rádio, uma vez que um novo meio toma emprestado características de um anterior (PRIMO, 2005). Esta nova forma de produção oferece ao *podcaster* um contato muito próximo com seu produto, contrastando com a produção de programas radiofônicos massivos. Assim, “a oposição entre emissores e receptores não faz mais sentido e se torna um processo dialógico entre os interagentes” (PRIMO, 2005, p. 19).

### **3.5.1 Trajetória e disputas conceituais**

O *podcast* protagoniza uma formação totalmente hibridizada no que diz respeito ao formato, *casting*, temática e veiculação, captando heranças estéticas de diversas fontes e promovendo novas tendências. Seu alto alcance mediado pela internet o transporta para um patamar que se sobrepõe ao alcance dos meios que se utilizam de ondas hertzianas, configurando, então, o conceito de rádio expandido (KISCHINHEVSKY, 2012), alcançando um público massivo, a partir de premissas diferentes de uso, e articulando um tipo de consumo baseado em experiências mediatizadas (GAMBARO, 2021).

Para complexificar ainda mais nosso objeto, é preciso definir o rádio como um meio de comunicação expandido, que extrapola as transmissões em ondas hertzianas transborda para as mídias sociais, o celular, a TV por assinatura, os sites de jornais, os portais de música. A escuta se dá em AM/FM, ondas curtas e tropicais, mas também em telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets; pode ocorrer ao vivo (no dial ou via streaming) ou sob demanda (podcasting ou através de busca de arquivos em diretórios). A escuta se dá em múltiplos ambientes e temporalidades, graças a tecnologias digitais que franqueiam também a produção, a edição e a veiculação de áudios a atores sociais antes privados do acesso a meios próprios de comunicação (KISCHINHEVSKY, 2016, p. 279).

Assim, o *podcast*, como fenômeno emergente no panorama das mídias digitais, trouxe um novo paradigma para a compreensão e análise das mídias sonoras. Em meio a essa nova realidade, emerge uma significativa disputa conceitual: qual é a verdadeira natureza do *podcast*? Ele é uma extensão do rádio ou uma mídia independente?

Por um lado, autores como Sterne et al. (2008) argumentam que a prática do *podcasting* seria uma continuação da radiodifusão. Eles veem o *podcast* como um meio digital massivo que incorpora e expande as características da radiodifusão. De acordo com essa perspectiva, os *podcasts* herdaram a essência do rádio – a transmissão de conteúdo sonoro - mas a adaptaram ao novo contexto digital, com novos mercados emergentes e modelos de negócios, e um crescente número de ouvintes e produtores.

No entanto, há quem defenda uma visão alternativa. Autores como Bonini (2020) argumentam que o *podcast* seria uma mídia com origem independente em relação ao rádio, fruto da hibridização de elementos midiáticos digitais. Segundo essa perspectiva, o *podcast* se distingue do rádio em vários aspectos fundamentais, incluindo a forma como opera em relação ao tempo e ao ouvinte, bem como na forma como atende a diferentes demandas.

O debate conceitual é vital para a compreensão acadêmica e prática do fenômeno do podcast. A maneira como entendemos a natureza do podcast influencia as diferentes estratégias de produção, distribuição e monetização que podem ser adotadas. Retomando Volóchinov (2016), podemos afirmar que a compreensão e análise dos discursos devem ser baseadas nas práticas que os originam.

Aplicando essa reflexão ao debate sobre a origem dos podcasts, observamos que muitos parecem ser criados por indivíduos cuja trajetória midiática não está

diretamente ligada ao rádio, como Mano Brown. Esses indivíduos, muitas vezes, têm um percurso fortemente ligado às mídias digitais, e, nestas circunstâncias, o podcast parece se afastar do universo radiofônico. No entanto, existem podcasts, especialmente os associados a mídias jornalísticas tradicionais, que parecem ter sido desenvolvidos a partir da experiência do rádio. Nesses casos, a teoria de que a origem do podcast está na radiodifusão parece ter fundamentos.

Tendo em consideração as diversas perspectivas sobre o que pode constituir um podcast, é possível avançar na discussão, analisando o podcast sob a luz dos estudos de gênero discursivo. Afinal, se o podcast se configura como um formato de mídia sonora específico, com características próprias e modos singulares de produção e recepção, torna-se relevante explorar de que maneira tais características se articulam na construção de gêneros discursivos específicos.

### **3.5.2 Podcast e gênero discursivo**

Os *podcasts*, enquanto formato de mídia sonora, parecem ir, em muitos casos, além das características presentes no rádio, introduzindo novas formas de produção e recepção e culminando em gêneros discursivos específicos. A natureza assíncrona do podcast, em que o ouvinte tem total controle sobre quando e onde consome o conteúdo, é uma característica distintiva que afeta a forma como o discurso é estruturado em podcasts. Ao contrário do rádio, em que o conteúdo é transmitido em tempo real e o ouvinte tem pouco ou nenhum controle sobre a programação, no *podcast*, o ouvinte é o curador de sua própria experiência sonora.

A teoria dos gêneros discursivos de Bakhtin nos oferece uma lente através da qual podemos analisar o *podcast* como formato industrial capaz de abranger grande diversidade de gêneros discursivos. Bakhtin não teoriza sobre o gênero levando em conta apenas o produto, mas o processo de sua produção (FIORIN, 2022). Ele sugere que cada gênero é influenciado pelo seu contexto social e histórico. Ao olhar para os *podcasts* sob essa perspectiva, podemos ver como eles são moldados pela cultura digital contemporânea. A internet permitiu maior abertura no campo de produção do discurso, em que mais pessoas – desde que disponham de conexão com internet e um dispositivo de gravação – podem produzir e distribuir conteúdo.

Além disso, a natureza interativa da internet também influencia a forma como o discurso é estruturado em podcasts. Muitos *podcasts* incentivam a participação do

ouvinte, seja por meio de mensagens de voz, e-mails ou comentários nas redes sociais. Isso resulta em um discurso mais dinâmico e colaborativo, em que o produtor do podcast e o ouvinte podem se envolver em um diálogo mais dinâmico do que aquele possibilitado pelos recursos de interatividade do rádio.

Bakhtin articula uma compreensão dos gêneros que combina estabilidade e mudança; reiteração (à medida que aspectos da atividade recorrem) e abertura para o novo (à medida que aspectos da atividade mudam) (FARACO, 2022).

Ele enfoca os gêneros não apenas pelo viés estático do produto (das formas), mas principalmente pelo viés dinâmico da produção. Isso significa dizer que a teoria do Círculo assevera axiomáticamente uma estreita correlação entre os tipos de enunciados (gêneros) e suas funções na interação socioverbal; entre os tipos e o que fazemos com eles no interior de uma determinada atividade social (FARACO, 2022, p. 126).

O conteúdo temático, o estilo, a construção composicional estão inseparavelmente interligados e são igualmente moldados pela especificidade do contexto de comunicação. O contexto de uso da linguagem dá forma ao enunciado, resultando na criação de um gênero discursivo (BAKHTIN, 2016). Os enunciados e suas variedades, ou seja, os gêneros discursivos, atuam como um elo entre a história da sociedade e a história da linguagem.

É desta forma que Faraco (2022) propõe a reflexão sobre como os gêneros discursivos são capazes de sugerir novos formatos de diálogo e criação de repertório para aqueles que participam de cada específica esfera de atividade humana.

Por outro lado, novos modos de ver e conceitualizar a realidade gerarão novos gêneros ou modificações nos gêneros existentes que, por seu turno, nos permitirão ver a realidade de outro modo. Novos modos de representação nos forçam a ver novos aspectos da realidade visível, mas esses novos aspectos não conseguem clarear nosso horizonte e entrar nele significativamente se estiverem faltando os nossos meios necessários para consolidá-los. Um é inseparável do outro. (FARACO, 2022, p. 131)

É fundamental reconhecer que o podcast, enquanto formato industrial, abriga uma variedade de gêneros discursivos distintos. Dentre estes, destaca-se o podcast de entrevista, gênero no qual propomos classificar o podcast Mano a Mano. Este

gênero é marcado por aspectos estruturais, como a intercalação entre falantes que emula a forma dialogal, aspectos estilísticos, como a simulação da oralidade, e aspectos temáticos, que englobam a experiência e história de vida do entrevistado, bem como seus pontos de vista sobre áreas específicas de seu domínio.

Desta forma, faz-se necessário debruçar-nos sobre os aspectos relacionados às características do podcast *Mano a Mano*, a fim de compreendermos a relevância retratada neste trabalho sobre como as lutas periféricas podem ser retratadas na mídia sonora, como tem sido feita por meio do podcast.

### **3.6 *Mano a Mano*: materialidades**

Convém resgatar a breve reflexão, rapidamente apresentada, em seções anteriores, sobre o objeto de estudo de pesquisa, a fim de aprofundá-la à luz de devida lente metodológica a partir de agora. Compreender o *podcast* em uma chave midiática digital em transformação contínua é essencial para que a análise do *podcast Mano a Mano* seja percebida, uma vez que estamos tratando de um gênero discursivo de caráter midiático (o *podcast de entrevista*), com vozes a representação de vozes das periferias, sobretudo a partir da figura de seu apresentador Mano Brown e de sua assessora jornalística Semayat Oliveira.

Pensar o fazer audiovisual a partir da produção de representações das periferias é, nesta chave de compreensão, de suma importância para formatar os novos padrões de representação para grupos marginalizados historicamente. Para tanto, buscaremos, dentro de *Mano a Mano*, identificar como o repertório é articulado para mediar o tema através de tópicos discutidos, figuras midiáticas formadas por representações de vozes sociais e os significados criados ou refletidos nos episódios selecionados para análise na primeira temporada.

A materialidade do *podcast Mano a Mano* é marcada por sua estrutura sonora, pautada por entrevistas semiestruturadas e pela maneira como são apresentadas distintas vozes sociais acionadas pelas áreas de atuação e trajetória pessoal/profissional de seus entrevistados. A escolha de Mano Brown e Semayat Oliveira como apresentadores do *podcast* não é trivial, pois ambos são figuras marcantes na representação da experiência do ser periférico, trazendo para a discussão suas vivências, perspectivas e desafios.

Certamente, a oralidade ou a simulação da oralidade é uma característica distintiva de muitos gêneros de podcast, incluindo o podcast de entrevista. No caso de *Mano a Mano*, embora o programa seja roteirizado, a conversa flui de maneira natural e espontânea, criando uma atmosfera de informalidade e proximidade com o ouvinte. Isto reflete na experiência auditiva, tornando cada episódio único e pessoal. A importância da oralidade também se manifesta na maneira como as vozes sociais são articuladas e representadas, contribuindo para a criação de sentidos e para a diversidade no cenário midiático digital.

A partir da análise dos episódios selecionados da primeira temporada, será possível observar a presença de uma variedade de temas e a maneira como esses temas são tratados. Os assuntos abordados vão desde questões sociais a aspectos da cultura popular brasileira, sempre com um olhar crítico e reflexivo. Em cada episódio, há uma clara intenção de trazer à tona vozes que muitas vezes não são ouvidas nos meios de comunicação tradicionais com a mesma irreverência.

Além disso, a estrutura do *podcast Mano a Mano* apresenta características que refletem o cenário digital em constante transformação. A flexibilidade do formato permite que a narrativa seja construída de maneira não linear, com episódios que podem ser consumidos em qualquer ordem. Isso cria uma experiência de escuta única, onde o ouvinte tem a liberdade de construir seu próprio caminho através do conteúdo.

No âmbito da representação, *Mano a Mano* desempenha um papel importante na criação de novos padrões. Ao dar voz a perspectivas periféricas, o *podcast* contribui para a construção de uma narrativa diversa e inclusiva, que desafia e convida para a discussão os estereótipos e preconceitos comumente associados a esses grupos.

Desta forma, a análise de *Mano a Mano* como exemplo do gênero discursivo que estamos denominando *podcast de entrevista*, de caráter midiático, revela como o produto em foco é capaz de articular vozes sociais e criar sentidos a partir de suas próprias materialidades. Através de sua estrutura sonora, temáticas e representações, o *podcast* se posiciona como um espaço de diálogo e reflexão, contribuindo para a diversidade e a inclusão no cenário midiático digital.

### **3.6.1 Histórico/apresentação**

*Mano a Mano* estreou na plataforma de streaming Spotify em agosto de 2021, com a proposta feita por Mano Brown (PODPAH, 2022), que combinaria histórias de sua vida e assuntos relevantes para sociedade às entrevistas feitas com personagens que, segundo Brown “são diferentes, controversos, amados e odiados, mas são profissionais relevantes<sup>49</sup>”.

No ano seguinte, a penetração dos serviços de transmissão via streaming alcançava 43,4% dos lares brasileiros equipados com televisores, conforme dados divulgados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE)<sup>50</sup>. Estudos adicionais revelaram que Netflix e Spotify se posicionam na vanguarda do mercado de *streaming* no Brasil, evidenciando a predominância dessas plataformas<sup>51</sup>.

Além disso, outro levantamento apontou que 75% dos cidadãos brasileiros fazem uso diário de serviços de *streaming*<sup>52</sup>, sublinhando a crescente popularidade e incorporação dessas plataformas na rotina dos indivíduos. Adicionalmente, observou-se uma tendência de expansão contínua para o setor de transmissão via *streaming*, com a adesão a esses serviços tornando-se progressivamente mais disseminada. No contexto específico do *streaming* móvel, Netflix e Spotify também se destacam, evidenciando um expressivo volume de acessos realizados por meio de dispositivos móveis<sup>53</sup>.

O programa *Mano a Mano* soma, até a data de elaboração desta pesquisa quatro temporadas, totalizando sessenta e cinco episódios em uma das plataformas mais relevantes de *streaming* do país, contando com reflexões sobre cultura, religião, sociedade e política, entre os podcasts mais ouvidos na categoria Sociedade e Cultura do Spotify<sup>54</sup>.

Mano Brown conta com a assistência de Semayat Oliveira, que é jornalista e ativista, a qual tem trabalhado em favor da promoção da igualdade racial

---

<sup>49</sup> Disponível em: <<https://www.metropoles.com/entretenimento/mano-brown-sobre-podcast-mano-a-mano-papos-retos-e-diretos-sobre-politica-e-religiao>> Acesso em: 04, mar. 2024.

<sup>50</sup> Disponível em: <<https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/38306-em-2022-streaming-estava-presente-em-43-4-dos-domicilios-com-tv>> Acesso em: 04, mar. 2024.

<sup>51</sup> Disponível em: <<https://istoedinheiro.com.br/netflix-e-spotify-lideram-acessos-no-mercado-de-streaming-aponta-pesquisa/>> Acesso em: 04, mar. 2024.

<sup>52</sup> Disponível em: <<https://exame.com/casual/75-dos-brasileiros-usam-streamings-todos-os-dias/>> Acesso em: 04, mar. 2024.

<sup>53</sup> Disponível em: <<https://www.mobiletime.com.br/pesquisas/uso-de-apps-no-brasil-maio-de-2023/>> Acesso em: 04, mar. 2024.

<sup>54</sup> Disponível em: <<https://podcastcharts.byspotify.com/br/>> Acesso em: 04, mar. 2024.

e social nas periferias de São Paulo, sendo cofundadora do *Nós, mulheres da periferia*<sup>55</sup>, um site jornalístico dedicado no compartilhamento de histórias de mulheres pretas e periféricas. Sua função, ao longo dos episódios, dá o peso de um profissional jornalista confirmando dados e apoiando o apresentador nos argumentos e reflexões propostos, o que denota ainda mais o propósito e comprometimento com as pautas debatidas.

### 3.6.2 O programa: características, convidados e pautas discutidas

*Mano a Mano* possui uma forma muito descontraída e provocante ao iniciar seus episódios: os primeiros segundos já recortam as frases mais marcantes e controversas do papo, apoiada na trilha característica de música *black*, que também possui função de vinheta – a fim de informar o ouvinte de que o episódio ainda não começou, mas que promete uma série de reflexões de alto nível.

Apenas o primeiro episódio da primeira temporada é iniciado de forma diferente, propondo a apresentação do novo projeto do rapper:

Salve rapa, salve massa, esse é o podcast Mano a Mano, original Spotify. Toda quinta-feira estaremos aqui ampliando a visão e o debate, hein, dá para baixar, ouvir de graça, só chegar. A ideia do podcast mano a mano é trazer diversidade de ideias e pensamentos, morô? Com convidados diferentes, controversos, amados, odiados, vocês decidem. (MANO A MANO, 2021, n./p)

Ao longo da conversa, que não possui tempo formatado igualmente entre episódios – podendo variar entre uma hora e oito minutos e duas horas e cinco minutos<sup>56</sup> – Brown versa sobre presente, passado e futuro, trazendo insumos próprios e do entrevistado para dialogar sobre pautas que dizem respeito às vivências periféricas, propondo, com muita sensibilidade, reflexões sobre raça, gênero, cultura, política e classes sociais.

A diversidade dos convidados na primeira temporada do *podcast Mano a Mano* apresenta uma panorâmica multifacetada e abrangente de vozes sociais. Com a presença de figuras do âmbito musical, artes cênicas, esporte, religião, política e

---

<sup>55</sup> Disponível em: < <https://nosmulheresdapерiferia.com.br/quem-somos/>> Acesso em: 04, mar. 2024.

<sup>56</sup> Dentre os episódios disponíveis na primeira temporada do programa (SPOTIFY, 2021, n./p).

academia, a seleção de convidados transcende múltiplos domínios temáticos, produzindo um conteúdo profundamente rico e diversificado.

Destaca-se a inclusão de personalidades artísticas, tais como as cantoras Leci Brandão, Glória Groove e o ator Wagner Moura, em conjunto com personalidades que, apesar de não serem amplamente reconhecidas pelo público geral, possuem relevância significativa em suas respectivas áreas de atuação, como o arqueólogo Rodrigo Silva.

Essa combinação de convidados amplamente conhecidos e menos notórios sugere uma diligente busca pelo equilíbrio entre atrair uma vasta audiência e prover um conteúdo informativo e potencialmente educativo. Isso pode ser interpretado como um reflexo dos objetivos do *podcast Mano a Mano*, que busca não somente entreter, mas também informar e instigar reflexões sobre temas plurais.

Nesse sentido, a escolha dos convidados para a primeira temporada do *podcast Mano a Mano* evidencia um esforço deliberado para representar um amplo espectro de perspectivas e vivências, contribuindo para a construção de um *podcast* que se caracteriza pela diversidade de vozes e experiências retratadas, embora todos os episódios, tematizem de forma mais ou menos direta, aspectos relacionados à experiência social do ser periférico.

Resgatando e conectando esta seção à reflexão sobre gêneros discursivos, a representação periférica no *podcast Mano a Mano* pode ser um fator norteador para os ouvintes ao trazer novas perspectivas e modos de ver a realidade, influenciando a criação de novos gêneros ou modificações nos já existentes. Ao trazer vozes e histórias que são muitas vezes marginalizadas ou ignoradas pela mídia tradicional, o *podcast* pode contribuir na compreensão dos ouvintes, desafiando suas visões preexistentes e promovendo uma maior compreensão e empatia para com os temas e pessoas retratadas.

\*\*\*

O objetivo deste capítulo foi entender o *podcast* como uma mídia em constante transformação e evolução. Observar sua trajetória foi crucial para analisarmos o cenário atual dos anos 2020 e, através de um retrato desse momento, entender as tendências e comportamentos que o *podcast* apresenta, considerando a influência da internet, da cultura digital e das representações midiáticas de vivências periféricas.

Esperamos ter estabelecido um entendimento sobre como a intersecção entre identidades e formas de opressão, que se destacam por meio de representações da periferia, não apenas ganham destaque, mas também sua capacidade de expandir sua visibilidade, considerando as lutas por reconhecimento e expansão dos direitos dos grupos marginalizados.

É sob esta perspectiva que encerramos o capítulo, no qual buscamos reunir considerações sobre (i) a reconfiguração do podcast sob a lógica de redes digitais e transitoriedade, que sustenta os discursos sobre o podcast como um conceito plural em constante disputa e transformação; (ii) elementos históricos das representações midiáticas de vivências periféricas, compreendendo a necessidade, por parte de vozes periféricas, de fortalecer a visibilidade de marcadores de raça, classe e gênero no cenário midiático digital; e (iii) nossa proposta de compreender a construção da figura midiática do rapper Mano Brown e a formação do *podcast Mano a Mano*, um produto original Spotify, como elementos importantes do ponto de vista das representações midiáticas de vivências periféricas.

#### 4. CAPÍTULO 3: *MANO A MANO E VOZES SOCIAIS: UMA ANÁLISE DIALÓGICA*

Esta seção é sobre dialogismo.

A construção e compreensão da linguagem são constituídas por uma complexidade que excede as barreiras das áreas de pesquisa e disciplinas formais. Volóchinov (2021) apresenta a complexidade de se olhar para a Linguística como um objeto de pesquisa em sua completude, uma vez que sua participação, configuração e ocupação é muito heterogênea, ou seja, ela se manifesta e é aplicada de várias maneiras diferentes e em diferentes contextos - tendo por exemplos às áreas de educação, sociologia, antropologia e psicologia - e, atravessar estas áreas para um arranjo único é uma tarefa desafiadora.

A capacidade que a linguagem possui de estruturar e desenvolver as relações humanas torna a tarefa de categorizá-la muito árdua e instigante. Uma vez que sua composição esteja repleta de traços culturais, a interação entre indivíduos se torna um fator indispensável para sua transformação. Nesse sentido, toda atividade linguageira é formada por múltiplas vozes sociais, as quais incorpora, tensiona, reafirma; às quais responde ou dirige-se; etc.

A linguagem é uma ferramenta fundamental para a produção de significados compartilhados entre os indivíduos e grupos sociais. Ela permite a expressão e comunicação de ideias, valores, conceitos e sentimentos, possibilitando a construção de um entendimento mútuo entre as pessoas. A linguagem é, portanto, um elemento central na construção da cultura e da sociedade (VOLÓCHINOV, 2021).

Através da linguagem, é possível produzir e compartilhar narrativas, discursos e histórias que moldam a forma como as pessoas se veem e veem o mundo ao seu redor. Essas narrativas são influenciadas por diferentes perspectivas e posições ideológicas, que são moldadas pelo contexto social, cultural e histórico em que estão inseridas (FARACO, 2022).

A capacidade da linguagem de viabilizar a produção de significados compartilhados é fundamental para a análise da representação periférica na mídia. Através do diálogo entre as diferentes vozes sociais presentes em um discurso, é possível compreender como os significados são construídos e compartilhados na

cultura midiática. A perspectiva dialógica do Círculo de Bakhtin, nesse sentido, permite uma análise mais detalhada da interação entre as diferentes vozes sociais presentes em um discurso e como elas constroem o significado coletivo.

É nesse sentido que nos debruçamos sobre a tarefa de refletir sobre a construção dos significados e a função dinâmica de sua veiculação midiática por meio da leitura cuidadosa do *podcast Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown e Semayat Oliveira e com a participação de seus entrevistados. A análise do *podcast* sob a perspectiva dialógica de Bakhtin permitirá a compreensão de como as diferentes vozes se organizam e constroem significados compartilhados/disputados/negociados/tensionados, o que pode contribuir para uma compreensão mais plural e diversa do debate público.

#### **4.1. A perspectiva dialógica sobre o discurso: gênese e contribuição**

O Círculo de Bakhtin é uma escola de pensamento que, dentro da reunião de estudiosos com plurais especializações, dedica-se à análise da linguagem como um tema comum e aplicam seu foco para a compreensão dialógica do discurso, entendendo que o significado é construído pela interação entre diferentes vozes sociais presentes em diversos gêneros discursivos. Neste sentido, a análise dialógica de discurso é uma abordagem que leva em consideração a complexidade da linguagem e sua relação com os diferentes contextos sociais, culturais e históricos em que é produzida (FARACO, 2022).

O diálogo não seria uma instância apenas de negociação e de mediação de conflitos, mas um espaço no qual esses embates poderiam ser acolhidos e repensados, de modo a contribuir com a compreensão de uma realidade macro, a realidade social (SCORSOLINI-COMIN, 2014, p. 250).

Ainda conforme Scorsolini-Comin (2014), o diálogo não se limita apenas aos aspectos de emitir ou receber mensagens, mas envolve um processo contínuo de recepção ativa da retórica alheia, sendo este um elemento essencial para a construção dialógica. Tal recepção ativa não se restringe apenas à compreensão da

mensagem transmitida, mas também à incorporação do interlocutor no diálogo, de maneira que este passe a integrar a figura do emissor. A presença das palavras do interlocutor nas palavras do eu é um dos primeiros elementos que caracterizam o conceito de dialogismo, que pressupõe o relativismo da autoria individual.

Bakhtin apresenta duas concepções de dialogismo em suas obras: a interação entre interlocutores e a conversa entre diferentes discursos. A interação ou conversação entre interlocutores é a base da linguagem: é através da relação entre indivíduos que o significado das palavras é formado, o sentido do texto é criado e os próprios sujeitos são moldados. Como o diálogo é construído socialmente, exigindo pelo menos dois interlocutores cujos discursos são permeados pelas influências do contexto em que vivem e interagem, a conversa entre esses discursos torna-se inevitável (FERREIRA, 2004).

Desta forma, a contribuição do dialogismo para a análise do discurso tem sido amplamente reconhecida e utilizada em diferentes áreas, permitindo-nos compreender a função das vozes sociais contidas no *podcast* de entrevistas *Mano a Mano* e sua contribuição para a representação e produção de identidades para os grupos periféricos. A compreensão desta interação será essencial em nossa proposta metodológica, uma vez que propomos observar os padrões contidos nos episódios de *Mano a Mano*, que performam a construção de um gênero discursivo próprio, responsável pela produção, negociação e, eventualmente, disputa em torno de significados sobre as vivências periféricas, por meio da representação discursiva.

Os gêneros discursivos, sob a lógica bakhtiniana, são formas de expressão da linguagem que estão relacionadas a situações específicas de comunicação. Cada gênero discursivo tem suas próprias características – estrutura composicional, estilo, e conteúdos temáticos – e são influenciados pelo contexto social, cultural e histórico em que são produzidos (BAKHTIN, 2016). Segundo o autor, os gêneros discursivos são fundamentais para a compreensão da linguagem, pois fornecem uma base para a interação social e permitem que os indivíduos construam significados compartilhados.

Nesse sentido, compreenderemos o programa *Mano a Mano* sob a articulação de um gênero discursivo que denominamos *podcast de entrevistas*, uma vez que sua

configuração evoca algumas características particulares, pinçadas de naturezas midiáticas e tecnológicas diversas.

Como objeto de estudo, os *podcasts* podem ser analisados a partir de sua organização em gêneros discursivos com características específicas que permitem compreender como a linguagem é utilizada em um formato de áudio ou vídeo. É possível entender também como os significados são construídos e compartilhados por meio do diálogo entre diferentes vozes sociais presentes em um episódio.

Como dissemos anteriormente, trataremos o programa *Mano a Mano* sob a chave característica do *podcast de entrevista*; este, por sua vez, consiste em episódios de áudio ou vídeo que apresentam uma conversa entre um entrevistador e um entrevistado, buscando simular ou favorecer, do ponto de vista de seu estilo, a espontaneidade e a informalidade típicas da oralidade. Em seu enquadramento como gênero discursivo, trataremos sua natureza relativamente autônoma.

Além disso, cada episódio do *podcast* pode ser considerado como um enunciado (VOLÓCHINOV, 2021), permitindo uma análise da articulação das diferentes vozes sociais nele presentes. Utilizando os conceitos de gêneros discursivos, enunciado e vozes sociais, é possível compreender como as diferentes perspectivas e posições ideológicas estão presentes no discurso e como elas se conectam e constroem significados compartilhados, negociados, tensionados, disputados (FARACO, 2022).

## **4.2 O enunciado como operador analítico**

O enunciado é uma unidade fundamental de comunicação e uma ferramenta essencial na construção de significados sociais. Na perspectiva dialógica de Bakhtin, o enunciado é entendido como uma unidade de comunicação que é produzida e compreendida dentro de um contexto social e cultural específico (FARACO, 2022).

Para Lima *et al.* (2019), compreender um enunciado não é um processo passivo. A compreensão só acontece quando o interlocutor produz uma resposta (ele concorda, discorda, estranha, polemiza etc.). Quando o locutor produz seu enunciado,

ele o faz sempre de forma intencional; o enunciado não é um produto aleatório, mas uma ação, um ato, fruto da vontade.

Segundo Mussio (2015), Bakhtin tensiona a reflexão e concepção epistemológica da ideia de enunciado a partir da negação de duas correntes linguísticas, denominadas (i) objetivismo abstrato, que, segundo o autor, reduz a língua a um sistema abstrato de normas; e (ii) subjetivismo idealista, que, por sua vez, limita a o exercício da enunciação a um processo monológico isolado, priorizando o enfoque para uma criação subjetiva do indivíduo, excluindo a essência prática da construção social da língua.

Nesse sentido, podemos compreender a perspectiva de Bakhtin, ao discutir a relevância do dialogismo na construção da linguagem, permeando, a partir da interação prévia, o impacto direto na formação dos próprios sujeitos linguísticos:

[...] Observamos a importância que o diálogo entre os interlocutores tem dentro da teoria de Bakhtin, uma vez que é a partir deste diálogo que surge a linguagem, que surge o sentido do texto e a significação das palavras, além do diálogo ser também constitutivo dos produtores do texto, ou seja, eles são constituídos a partir da interação, que antecede a própria formação individual (ARAUJO, 2014, p. 183)

O resultado do enunciado é proveniente da interação entre diferentes vozes sociais e é influenciado por diferentes perspectivas e posições semântico-axiológicas<sup>57</sup> presentes em um discurso. Segundo Volóchinov (2021, p. 213), “os sistemas ideológicos formados – a moral social, a ciência, a arte e a religião – cristalizam-se a partir da ideologia do cotidiano e, por sua vez, exercem sobre ela uma forte influência inversa e costumam dar-lhe o tom”.

[...] E todo signo, além dessa dupla materialidade, no sentido físico-material e no sentido sócio-histórico, ainda recebe um “ponto de vista”, pois representa a realidade a partir de um lugar valorativo, revelando-a com verdadeira ou falsa, boa ou má, positiva ou negativa, o que faz o signo coincidir com o domínio ideológico. Logo, todo signo é ideológico (MIOTELLO, 2007, p. 170).

Nesse sentido, sua compreensão como operador analítico é fundamental para a análise da representação periférica na mídia. Através do enunciado, é possível

---

<sup>57</sup> As posições semântico-axiológicas referem-se às diferentes perspectivas e posicionamentos ideológicos presentes em um discurso. Essas posições estão relacionadas aos valores, crenças e ideias que cada indivíduo ou grupo social possui (FARACO, 2022).

compreender como os significados são construídos e compartilhados entre as diferentes vozes sociais presentes em um discurso. Para Bakhtin (2022, p. 57), “os enunciados não são indiferentes entre si nem se bastam cada um a si mesmos; uns conhecem os outros e se refletem mutuamente uns nos outros”. Assim, a análise do enunciado permite uma compreensão mais profunda da complexidade e da interconectividade entre as vozes sociais presentes em um discurso, e como elas se conectam e constroem significados sociais.

Na análise do *podcast Mano a Mano*, sob a perspectiva dialógica de Bakhtin, o enunciado é uma unidade essencial para a compreensão da interação entre as diferentes vozes sociais presentes no episódio. Através de sua análise, será possível compreender como as diferentes perspectivas e posições semântico-axiológicas se conectam e constroem o significado coletivo. A noção de sua construção se dá através da concatenação da língua como canal de informação, do objeto como unidade do discurso e da relação entre o falante e o objeto, que será carregada de expressão e intenção (BAKHTIN, 2022).

### **4.3 Vozes sociais: perspectivas e posições ideológicas**

Embora Bakhtin, Medviédev e Volóchínov não tenham focado exclusivamente em reflexões sobre voz social, em contraste com categorias como enunciado concreto, gênero do discurso e polifonia, suas reflexões ainda são relevantes para essa discussão. Apesar disso, a voz social é frequentemente vinculada a outras noções, como plurilinguismo, plurilinguismo dialogizado, polifonia<sup>58</sup> e enunciado. Apesar da falta de foco específico, os escritos iniciais do Círculo contêm referências a elementos relacionados à noção de voz e voz social (FARACO, 2022).

A análise das vozes sociais presentes em um discurso é fundamental para a compreensão da construção de significados compartilhados, contribuindo de forma significativa nesta pesquisa, no que tange ao contexto da representação periférica na mídia. As diferentes perspectivas e posições ideológicas presentes nas vozes sociais

---

<sup>58</sup> Nesta seção, não nos aprofundaremos no estudo e uso destas categorias, apenas traremos a contribuição de gêneros discursivos, enunciado e vozes sociais para a análise de episódios do *podcast Mano a Mano*, não excluindo sua contribuição para a formatação da análise discursiva.

são influenciadas pelo contexto social, cultural e histórico em que o discurso é produzido.

Sendo um ponto de vista, uma concepção, voz social é também um posicionamento sócio-histórico e ideologicamente determinado que se constrói em meio, em resposta a outras posições, outros posicionamentos. Ela se materializa nos tons, entonações, nas construções semiótico-axiológicas, nas orientações avaliativas, nas apreciações valorativas. Nesse sentido, voz social não é enunciado, mas fenômeno socioideológico construído também por meio de enunciações materializadas na dinâmica da interação sócio-verbal. E nesse sentido, tons, entonações, valorações figurariam como propriedades da voz social, seriam, junto com as enunciações da interação verbal concreta, seus elementos (MELO, 2017, p. 88).

A partir da perspectiva dialógica de Bakhtin, é possível compreender como as vozes sociais se conectam e constroem o significado coletivo. O dialogismo permite entender como diferentes perspectivas e posições ideológicas estão presentes em um discurso e como elas se conectam e constroem significados compartilhados dentro do contexto social e cultural. Para Faraco (2022, p. 73), esta formatação se refere à:

[...] interação prática do respectivo grupo social, no intercâmbio social contínuo desse determinado grupo. Nesse sentido, os enunciadorees não são vistos como seres empíricos, mas como um complexo de posições sociais avaliativas.

A representação periférica na mídia muitas vezes é marginalizada ou subvalorizada na mídia convencional, o que pode levar a uma falta de compreensão sobre as diferentes vozes sociais presentes nas periferias das grandes cidades.

Está no centro da discussão a naturalização de certas convenções discriminatórias e, ao mesmo tempo, a falta de capacidade das mídias em debater profundamente as questões socioculturais. O espaço dado à divulgação de certos temas não significa uma abordagem competente em termos de conhecimento sócio-histórico e de contexto, nem isenção (PERUZZO, 2016, p. 13).

Este contraponto feito pela mídia hegemônica, baseado em convenções discriminatórias, fomenta a configuração da identidade do Outro<sup>59</sup> face a uma

---

<sup>59</sup> De acordo com Hall (2016), a construção do "Outro" é resultado das relações de poder e hierarquias que existem dentro da sociedade. Essas relações de poder são moldadas por vários fatores, incluindo raça, gênero, classe e etnia, entre outros. O "Outro" muitas vezes é retratado como inferior ou desviante, e essa representação serve para reforçar as normas e valores culturais dominantes.

representação excludente que pode ser apresentada de forma estereotipada, por meio de uma marcação simbólica negativa.

É nesta perspectiva que identificamos a necessidade de se discutir a representação periférica no âmbito da cultura midiática, uma vez que Woodward (2014) afirma que os discursos e sistemas de representação constroem lugares a partir dos quais os indivíduos podem se posicionar e falar, por meio das narrativas elaboradas.

Segundo Freitas (2009, p. 5), “ao longo do tempo, a produção cultural do periférico, bem como os movimentos sociais que o representam, força o reconhecimento de sua existência, gera zonas de aproximação capazes de minar os desígnios do isolamento e da discriminação”.

A construção dos próprios espaços de discussão e reconhecimento são fundamentais para a mediação de uma nova chave de representação dos grupos periféricos, sendo percebidos na cultura midiática. Nesse sentido, a análise das vozes sociais presentes na representação periférica sob a perspectiva dialógica de Bakhtin permite uma compreensão mais profunda da complexidade da representação periférica na mídia e sua relação com o tecido social mais amplo.

#### **4.4 Delimitação do objeto empírico**

Dentre toda a produção midiática desenvolvida por grupos periféricos, identificamos a oportunidade e necessidade de discutir a relevância do programa *Mano a Mano*, refletindo sobre suas possíveis articulações e mediações na representação de grupos historicamente marginalizados. Propomos, nesta pesquisa, então, olhar mais atentamente para a primeira temporada do *podcast*, por se tratar de um produto nascente da proposta de Mano Brown durante a pandemia e conversa posterior com a equipe do Spotify, com menores interferências de retorno da audiência e/ou repercussões midiáticas.

Nesta temporada, coube-nos analisar quatro, dentre os dezesseis episódios disponíveis na plataforma de *streaming*, selecionados a partir das premissas: (i) início e final de temporada – a fim de avaliar a possível transformação do enunciado ou da seleção de vozes dialógicas contidas no discurso; e (ii) proximidades e distanciamentos afetivos do entrevistador – considerando a seleção de episódios ao

longo da temporada. Desta forma, foram eleitos os episódios: Karol Conká, Fernando Holiday, Djonga e Glória Maria, que, na temporada representam o primeiro, o sexto, o nono e o décimo sexto episódios, respectivamente.

O episódio *Mano Brown entrevista Karol Conká* foi ao ar em agosto de 2021, com uma hora e oito minutos de conversa.

Karol Conká é conhecida por sua carreira na música, sendo uma das artistas mais influentes do *rap* brasileiro. Ela ganhou notoriedade por suas músicas que abordam temas como feminismo, racismo e empoderamento. Além de sua carreira musical, Conká também chamou a atenção por sua participação polêmica no *reality show Big Brother Brasil 21*.

Apesar das críticas, Conká se tornou uma figura importante no cenário cultural brasileiro, especialmente entre os jovens. Sua carreira musical e sua participação no *reality show* foram vistas como um reflexo do debate contemporâneo sobre questões de gênero, raça e empoderamento no país.

O segundo episódio a ser analisado, *Mano Brown entrevista Fernando Holiday*, foi ao ar em setembro de 2021, contando com uma hora e vinte e oito minutos de entrevista.

Fernando Holiday é conhecido por sua militância no Movimento Brasil Livre (MBL) e por ter sido eleito vereador da cidade de São Paulo em 2016, aos 20 anos de idade, pelo partido Democratas (DEM). Ele é conhecido por suas posições conservadoras em relação a temas como a segurança pública e a educação. Holiday também é um defensor do liberalismo e da redução do papel do Estado na economia.

Holiday se tornou uma figura importante na política brasileira, especialmente entre os jovens. Sua eleição como vereador de São Paulo em 2016 foi vista como uma vitória para a direita brasileira e uma indicação do crescente apoio ao liberalismo e ao conservadorismo no país (NEAMP PUC, 2022).

É sob esta articulação que propomos a análise de um episódio especialmente interessante para esta pesquisa. Sua contribuição tratará com pluralidade a construção de espaços de aproximação e reconhecimento, a partir de uma zona de discussão controversa.

Já o episódio *Mano Brown entrevista Djonga* foi ao ar em outubro de 2021, com duração de uma hora e trinta e nove minutos.

Djonga é conhecido por sua carreira exponencial na música, consolidando-se como um dos *rappers* mais relevantes da nova geração do *hip-hop* brasileiro. Djonga

também é reconhecido por sua postura firme e críticas acerca de questões sociais e políticas.

A proximidade entre Mano Brown e Djonga, ambos sendo figuras significativas e influentes no mesmo cenário artístico, contribui para um diálogo mais profundo e enriquecedor. Eles compartilham não apenas a música como forma de expressão, mas também a vivência e o compromisso com a discussão e representação de questões sociais em suas obras.

E, por fim, o episódio *Mano Brown entrevista Gloria Maria* foi ao ar em dezembro de 2021, com duração de duas horas e quatro minutos.

Gloria Maria é conhecida por sua carreira no jornalismo<sup>60</sup>, sendo uma das jornalistas mais influentes da televisão brasileira. Ela ganhou notoriedade por sua postura profissional e por ter sido a primeira jornalista negra a apresentar o *Jornal Nacional*. Além de sua brilhante carreira, o papo traz de maneira profunda e inédita a entrevistadora na posição de entrevistada.

Assim, o episódio final da temporada apresenta, de forma irreverente, uma entrevista marcada por contrastes em relação aos episódios iniciais do *podcast*, sem fugir da proposta. Como evidencia a própria descrição do episódio no *streaming*, trata-se de um “encontro de gigantes”.

#### **4.4.1 Temporada analisada: métodos e objetivos**

Conforme mencionamos ao longo desta pesquisa, temos partido de uma operação metodológica fundamental: considerar e categorizar o *podcast* de entrevista como um gênero discursivo específico e relativamente autônomo. Dentro deste gênero, cada episódio é tratado como um enunciado individual, moldado e influenciado pelas múltiplas vozes sociais representadas através das perspectivas de seus participantes. Os participantes do *podcast*, nesse sentido, incluem (i) Mano Brown, (ii) Semayat Oliveira e, finalmente, (iii) o/a entrevistado/a de cada episódio.

Nosso principal interesse reside em demarcar e compreender a representação das vozes sociais dentro de cada episódio analisado. Esperamos apreender o papel possivelmente desempenhado por tais vozes em relação a lutas sociais,

---

<sup>60</sup> A jornalista faleceu em 02 de fevereiro de 2023, um ano e dois meses após a entrevista concedida, decorrente de metástases cerebrais causadas por um câncer diagnosticado no pulmão em 2019. Disponível em < <https://g1.globo.com/rj/rio-de-janeiro/noticia/2023/02/02/gloria-maria-morre-no-rio.ghtml>> Acesso em 21 mai 2024.

especialmente aquelas que se conectam a vivências periféricas, bem como elas são representadas na cultura midiática. Para tanto, propomos realizar a exploração de como essas vozes negociam seu espaço de discussão e reflexão na composição de episódios do *podcast Mano a Mano*.

Para alcançar esse objetivo, apresentaremos nossas análises conforme a seguinte sequência metodológica para cada episódio: (i) primeiramente, buscamos oferecer uma introdução ao episódio, que inclui uma contextualização do histórico do entrevistado, a possível relação deste com os entrevistadores, o tema principal de sua carreira, as possíveis bandeiras que representa, assim como a identificação das negociações presentes nas vozes sociais demarcadas no enunciado; (ii) já em um segundo momento, buscamos classificar discursos e posicionamentos por meio de uma grade analítica, elaborada com base na transcrição das falas dos participantes e na identificação das posições semântico-axiológicas nelas expressas. Por fim, passaremos à discussão das observações realizadas com base na grade analítica. Esta etapa final permitirá uma compreensão mais profunda dos objetivos propostos ao longo desta pesquisa, possibilitando um maior discernimento sobre o papel e a representação das vozes sociais dentro do contexto do *podcast* de entrevista.

## **4.5 Análise dos episódios**

### **4.5.1 Karol Conká no *Mano a Mano***

O primeiro episódio, sendo um piloto, não possui a mesma estrutura dos episódios subsequentes. Geralmente, os episódios de um *podcast* têm um formato pré-determinado que inclui elementos como edição profissional e vinhetas, que são pequenos clipes de som usados para introduzir ou dividir seções do programa. No entanto, no episódio piloto, esses elementos podem estar ausentes ou ser menos sofisticados, já que o objetivo é testar a viabilidade do *podcast* e receber feedback antes de finalizar o formato do programa.

Mano Brown, na figura de apresentador principal, introduz a proposta de seu programa e agradece à jornalista Semayat Oliveira pelo apoio na nova empreitada. O *rapper* inicia o episódio agradecendo à entrevistada Karol Conká por sua participação e questionando sobre suas origens e infância. A discussão inicial enfoca a cidade natal de Karol, Curitiba, conhecida por seus traços racistas. Este ponto de partida

estabelece o tom para o restante do episódio, que se aprofunda na experiência de ser negro no Brasil.

Conká compartilha suas experiências escolares, que foram marcadas por confrontos com professores e um sistema de ensino que ela considerava injusto e desestimulante. Ela relata um incidente particularmente chocante, em que uma professora afirmou que pessoas negras estariam destinadas a limpar privadas. Essa experiência demonstra a realidade brutal do racismo no ambiente educacional, bem como a resiliência necessária para superar tais obstáculos.

Teve uma vez que me marcou muito. Eu sempre falo disso porque foi o marco assim para mim. Eu fui resolver uma equação no quadro, a professora me chamou porque ela viu que eu estava desatenta e aí, quando eu fui resolver essa equação, eu não consegui e ela disse: Mas é isso, você não vai conseguir nada, gente preta é pra limpar privada” e isso aconteceu real e tem gente que desacredita dessas histórias quando eu conto, porque é surreal, mas eu to falando de Curitiba, e quando eu falo de Curitiba, só os pretos de lá sabem do que estou falando (Karol Conká *apud* MANO A MANO, 2021, s/p).

A discussão avança para a temática do arrependimento e da autocrítica, ambos elementos fundamentais para o desenvolvimento pessoal e a reflexão introspectiva. Conká reflete sobre sua participação no *reality show Big Brother Brasil*, reconhecendo que se arrepende de não ter lidado com suas "obscuridades" antes de entrar no programa. Mano Brown, por sua vez, expressa sua empatia por Conká, argumentando que qualquer pessoa poderia ter reagido da mesma maneira, dadas as condições específicas e desafiadoras do programa.

Em diversos momentos da conversa, Mano Brown mostra identificar-se com as experiências vividas por Conká, compartilhando seus próprios conflitos e desentendimentos com os outros membros dos Racionais MC's, e como ele também se comportou de maneira rude com seus colegas. Esse paralelo proporciona uma perspectiva valiosa sobre desafios comuns que artistas negros enfrentam na indústria da música, um setor muitas vezes marcado por preconceito e desigualdades: “E o louco, que embora muitos brancos não saibam, dentro da nossa própria raça, é muito dividido” (Mano Brown *apud* MANO A MANO, 2021).

O episódio culmina com uma discussão abrangente e profunda sobre a importância da união e solidariedade dentro da comunidade negra. Ambos os

participantes enfatizam a necessidade de se apoiar e compreender as mulheres negras, um grupo frequentemente marginalizado, bem como de valorizar a força e resistência que caracterizam a experiência negra.

Mano Brown: Como a gente pode somar com as mulheres negras?

Karol Conká: Ah, acho que lendo uns bons livros, entendendo, ouvindo mais o que elas tem para dizer sem fazer cara de como se fosse um saco. Seguir blogueiras, mulheres que falam mais sobre esse universo porque muito da nossa agressividade é julgada. Eu já ouvi isso de amigos pretos que falam: ah, o foda de namorar menina preta é que elas são muito brabas. Vocês são muito brabas. [...] Mas é óbvio, a gente é braba, pode ser a mais doce, a mais fofa, a hora que tiver braba se vai ver ali uma leoa.

Mano Brown: Eu convivi com mulheres negras fortes, sabe? Minha vida toda. Começando pela minha mãe e até hoje eu estou com elas, elas me escolheram, não fui eu. Eu morava em quintais, né. Então os homens trabalhavam e as mulheres cuidavam de tudo, elas cuidavam de tudo mesmo, tá ligado? Mulheres combativas, fortes, nada podia sair do controle delas. Eu não lembro de mulheres negras frágeis na minha infância, totalmente doce, totalmente passiva, eu não lembro dessas mulheres. Eu lembro de guerra, de luta. Lembro das amigas da minha mãe, voz alta, tudo sem marido, uns com filho pardo no colo, negão abandonou. As deusas e guerreiras africanas foram varridas da história. A história dos núbios, por exemplo, não chega. O povo hebreu tirou o protagonismo das mulheres da história. (MANO A MANO, 2021, s./p.)

Em suma, esse episódio volta-se à discussão quanto às experiências e desafios da população negra no Brasil. Através de uma interação performativizada como diálogo aberto, franco e sincero entre Mano Brown e Karol Conká, emerge uma compreensão mais profunda e matizada das complexidades da identidade negra, das manifestações e impactos do racismo e da contínua luta pela igualdade. Ao explorar esses temas cruciais, o episódio parece voltar-se para a conscientização e compreensão dos desafios enfrentados pela comunidade negra no Brasil.

#### **4.5.1.1 Grade analítica: falas e posicionamentos**

Considerando as camadas que compõem o programa *Mano a Mano* no episódio que apresenta a entrevista com Karol Conká – o Spotify como agregador de áudio, a “grife” Mano Brown, a contribuição artística do Racionais MC’s, o coletivo *Nós Mulheres da Periferia* e a representação da artista entrevistada no âmbito da cena *hip hop* brasileira, tudo isso refratado na composição discursiva do episódio –, é primigênio partir da premissa de posições de gênese diversa caminhando para uma unidade de representação. Interessa-nos compreender, nesse sentido, qual é o

posicionamento estético-ideológico expresso no todo do enunciado com base na orquestração e refração de posições axiológicas específicas.

Nesse sentido, apresentamos abaixo a grade analítica construída com base no mapeamento das vozes sociais representadas no episódio. A grade é composta por falas-chave que reúnem indícios de horizontes semântico-axiológicos, a fim de demarcar as posições assumidas pelos participantes, a posição demarcada pelo episódio como enunciado e a interação entre as vozes sociais, considerando-se as possíveis relações entre os sentidos refratados no episódio e lutas sociais.

Participante	Posição semântico-axiológica assumida	Trecho identificado
Mano Brown	Reflexão sobre o não pertencimento e falta de propósito que o indivíduo periférico pode encontrar na carreira profissional	00:03:53 “É interessante porque eu também fui um homem que tive dificuldade com emprego também. Assim, também tive dificuldade de aceitar ordens e talvez uma certa – como é que se chama, Jorge, aquele quando a gente tem dislexia, como é que chama? – foco. Eu sempre tive problema com foco, tanto na escola como nos meus empregos. Não conseguia me motivar por nada, só o salário mesmo, só pro gasto. Então eu não estranho quando alguém fala de um homem que não se adaptava a emprego nenhum.”
Karol Conká e Mano Brown	Reflexão sobre a conquista de respeito do negro periférico na sociedade	00:06:56 KC: “O respeito só vem quando a gente dá uma de louca. MB: Eu sou um cara abrasivo, impulsivo, reativo e vingativo. É uma coisa que a gente controla e prende”
Semayat Oliveira	Assunção da fragilidade do negro frente às expectativas sociais sobre um posicionamento comumente rígido	00:34:03 “Mas tem uma parada que você trouxe agora, esse lance das mulheres negras, das referências que você tem, eu e a Karol também temos essas referências, tem esse lance, <b>homem preto tem que ser fortão e a mulher negra também, né</b> . Eu tava estudando algumas coisas da Sueli Carneiro e tem uma cosia que ela fala que assim, a mulher preta, ela nunca teve assim, tipo um provedor, ela nunca teve onde se amparar e aí a gente avista assim, como essa pessoa forte. Mas <b>ninguém está olhando, a gente se recompõe ali, pro mundão é isso, mas isso é doloroso pra caramba.</b> ”
Karol Conká	Confirmação do julgamento social enquanto delimitação	00:46:28 “Uma vez meu filho falou para mim: Eu sou o quê? Eu falei: para branco você é preto, para preto você é branco, sempre vai ter alguém que vai falar que você não é preto, mas como

	de raça/cor – o que é ser ou não ser negro	<p>you se se sente? Ele falou: eu me sinto negão. Falei, é isso. Mas se eu quiser me sentir um branco também, eu posso? Falei, pode, mas <b>saiba que vai ter pessoas que vão medir a sua pele, vai chegar com um negrômetro pra falar.</b>"</p>
Semayat Oliveira	Confirmação de posicionamento contrário ao Governo e crítica sobre seu posicionamento político racial	00:50:17 "E tem uma coisa louca, Brown, nesse sentido que <b>o Governo que a gente tá vivendo agora tenta se apropriar dessa suposta confusão da miscigenação</b> , inclusive tem muita gente do movimento falando, gente, é preto ou é pardo, fala que é negro, porque daqui a pouco vão começar a dizer que pardo não é ser preto"
Mano Brown	Manutenção de posicionamento do <i>ethos</i> do apresentador: não ser vendido – possível identificação com a entrevistada quando aborda o cancelamento	00:59:31 " <b>Eu tive que conviver com esse rótulo de vendido sem nunca ter me vendido.</b> Apenas criaram, fui um cara que tentaram me cancelar lá pelos anos 2000. Várias épocas, teve várias passagens de 2000 para frente [...] vendido pro PT. Ai o que tinha lá de evidência? Foto com o Lula, foto com não sei quem."

Tabela 1. Categorizações de participantes e posições semântico-axiológicas assumidas em *Mano a Mano entrevista Karol Conká*. Autoria nossa.

Avaliando a proposta detalhada acima, observamos que o espaço viabilizado e criado para a entrevista possibilita aproximações entre os personagens representados no diálogo, proporcionando identificações entre suas posições semântico-axiológicas. Mano Brown, nesse sentido, justificou sua decisão em convidar uma artista então "cancelada<sup>61</sup>", mantendo o argumento de seu programa: trazer convidados "amados, odiados, diferentes e controversos" (Mano Brown *apud* MANO A MANO, 2021, s.p).

Ao longo da conversa, a entrevistada é convidada a assumir papéis que incluem a criança vítima de violência racial, a *rapper* empoderada que transformou sua ira em protesto na forma de música, a *preta braba*, que defende os seus direitos, a figura midiática que se expôs em um *reality show* e cometeu erros, mas, sobretudo, a mulher negra que, diante de todas as vozes sociais embutidas em seu discurso, busca liberdade, respeito, lida diariamente com os desafios do ser negro no Brasil e se reconstrói diante de seus erros e acertos.

<sup>61</sup> Karol Conká enfrentou uma intensa reação pública e "cancelamento" durante sua participação no programa de televisão Big Brother Brasil. No caso de Conká, seu comportamento dentro da casa foi percebido como agressivo e desrespeitoso por muitos espectadores, provocando uma controvérsia significativa. Isso levou a uma reação negativa esmagadora do público, manifestada através de críticas severas nas redes sociais e uma diminuição drástica em sua base de seguidores. Este fenômeno, comumente referido como "cancelamento", levanta questões complexas sobre a cultura de celebridades, a responsabilidade pessoal e o impacto da mídia social na formação da opinião pública (GSHOW, 2023, n./p)

Por fim, avaliando o contorno assumido pelo enunciado, é possível identificar um ambiente de acolhimento, que assume a proposta de refletir sobre a manifestação responsiva do negro, muitas vezes incompreendida, frente à violência social sofrida.

#### **4.5.2 Holiday no *Mano a Mano***

O episódio analisado compreende a entrevista concedida por Fernando Holiday a Mano Brown e Semayat Oliveira. Ao longo da conversa, Brown se coloca à disposição para compreender de forma mais aprofundada as motivações por trás da trajetória política de Holiday, a fim de discutir a pauta que contorna toda a temporada: as relações entre raça, classe e periferia (MANO A MANO, 2021). Sabendo que o convidado não possui posicionamento alinhado ao seu, pontua suas discordâncias e, ao mesmo tempo, trata de criar vínculos de aproximação para não criar resistências dentro do espaço de entrevista.

Mano Brown salienta que muitas pessoas que ele respeita foram contrárias à sua decisão de convidar Holiday para seu programa, mas diz que poderia ser interessante ouvi-lo. O entrevistado nasceu no bairro da Brasilândia, na capital paulista, e mudou-se para o município de Carapicuíba após seu pai desaparecer, menos de um ano após seu nascimento. À medida que a entrevista avança, o *rapper* faz afirmações sobre a vivência do vereador: “Filho único, mãe solteira e não tinha seu pai junto com você” (Mano Brown *apud* MANO A MANO, 2021).

Sua tentativa de aproximação e criação de um ambiente de identificações manifesta uma narrativa leve, a qual proporciona o debate pacífico de ideias de lados opostos, mas com o objetivo de entender o posicionamento do entrevistado – mesmo que ele materialize um horizonte axiológico radicalmente distinto daquele abertamente assumido por Brown.

Ao ser questionado sobre sua educação formal, Holiday conta que estudou em escola pública, que teve limitações e dificuldades provenientes do ensino público, mas que, no ensino médio, foi incentivado a interessar-se pelo debate de assuntos da política – sobretudo de cotas raciais – por um professor que era militante de esquerda. Ao contar que o primeiro movimento político de que participou foi o MBL, Holiday é questionado sobre o apoio ao *impeachment* de Dilma Roussef e afirma que nunca achou que Dilma tinha organizado algum esquema de corrupção ou participado, mas

sim, que seu governo permitiu que os esquemas acontecessem (Fernando Holiday *apud* MANO A MANO, 2021).

Ao longo da conversa, Mano Brown não deixa de posicionar seu discurso e suas convicções políticas, conectando-as com sua realidade de jovem preto, pobre e periférico – de certa forma, semelhantes à história de vida de Fernando Holiday. O desenho de sua pauta de perguntas tangencia a conexão entre a infância do vereador e o resultado de seu posicionamento político, tentando compreender a relação construída ao longo de sua trajetória.

Mano Brown: Quem eram as pessoas que você admirava na sua adolescência, qualquer ramo da sociedade, quem eram suas referências?

Fernando Holiday: Billy Holliday, uma das músicas que me inspiraram foi Strange Fruit, a qual fala sobre os negros enforcados no sul dos EUA, também me inspiram Martin Luther King e Barack Obama – ainda que eu não concorde com ele, sua história é muito inspiradora.

Mano Brown: Interessante você falar tudo isso, negros enforcados e todo o tipo de má sorte que nosso povo pode sofrer, isso te comove até que ponto, essa coisa racial?

Fernando Holiday: Me comove desde sempre, para sempre. Um caso que me marca bastante foi meu primeiro contato com o racismo. Eu estava na pré-escola, era um dos primeiros dias de aula, era uma sexta feira, em que as crianças podiam levar seus brinquedos. Eu fui um dos últimos a sair da sala e fiquei com meu colega branco. Ele disse: você vai brincar com a gente? Acho que meus pais não vão gostar muito disso. E eu perguntei o porquê e ele disse que seus pais disseram que criancinhas pretas iguais a mim roubavam os seus brinquedos, e que ele precisava tomar cuidado com isso. (MANO A MANO, 2021, s/p)

Marcado o referencial que acompanha toda a narrativa proposta no bate-papo, baseando-se nos percalços do racismo, Brown avança para um dos assuntos mais marcantes da trajetória de Fernando Holiday: cotas raciais. Essa temática é contornada por inúmeros argumentos que confrontam os pilares argumentativos de crenças políticas do jovem vereador.

Fernando Holiday: Todo mundo que defende cotas raciais defende um diagnóstico q eu concordo – o terror que foi a escravidão. Minha discordância sempre foi no remédio. [...] se o estado brasileiro tivesse dado condições, educação formal, qualificação profissional, para que as pessoas se incluíssem na sociedade, ainda haveria as consequências do racismo, porque havia e ainda há uma repulsa em relação da cor da pele.

Mano Brown: Você acredita nisso?

Fernando Holiday: Acredito.

Mano Brown: Na cor da pele ...

Fernando Holiday: Há um elemento...

Mano Brown: **De rejeição da parte de quem para quem?**

Fernando Holiday: **Do branco para o negro.**

Mano Brown: **Você admite isso?**

Fernando Holiday: **Sim, com certeza.**

Mano Brown: **Isso é importante. Ok, vamos em frente.**

Fernando Holiday: Cota racial é uma opção de má qualidade e a cota social é uma opção que mede de forma mais assertiva a realidade social daquele povo. (MANO A MANO, 2021, s./p. grifo nosso)

Ao mesmo tempo em que Fernando Holiday traz seu ponto de vista sobre cotas raciais, Brown interage com seu discurso a fim de evidenciar possíveis aproximações entre o posicionamento da entrevista em relação à “linha editorial” do programa – se pudermos tratar dessa forma o conjunto de posicionamentos previstos pelas camadas de vozes sociais representadas por Mano Brown e Semayat Oliveira.

A entrevista segue ilustrando as argumentações de Holiday a respeito de seu entendimento, da compreensão do liberalismo e das cotas raciais, de sua trajetória política e respostas aos questionamentos de Brown a respeito de seu sentimento enquanto homem preto e periférico, infância simples, com pai ausente e dificuldades provenientes do ensino público.

Em alguns momentos da entrevista, o entrevistador faz questão de dizer que não concorda com o posicionamento do vereador, mas que é muito importante ouvir jovens como ele, a fim de entender sua realidade e a motivação por trás de seu posicionamento. A conversa segue de maneira respeitosa e aberta para perguntas, respostas e possíveis reflexões.

#### 4.5.2.1 Grade analítica: falas e posicionamentos

Para analisar o episódio que apresenta a entrevista com Fernando Holiday, continuaremos considerando as camadas que compõem o programa *Mano a Mano* (como vimos, o Spotify como agregador de áudio, a “grife” Mano Brown, a contribuição artística do Racionais MC’s, o coletivo *Nós Mulheres da Periferia*), somando a elas a representação da voz do MBL, a fim de compreender o posicionamento semântico-axiológico expresso pela orquestração de vozes no conjunto deste enunciado.

Participante	Posição semântico-	Trecho identificado

	<b>axiológica assumida</b>	
Fernando Holiday	Discordância da ideia de o branco periférico ter privilégios sobre o negro periférico	00:27:15 “Onde eu cresci, <b>não consigo ver isso como uma regra</b> , porque por exemplo, eu sempre tive o que comer dentro de casa, ia pra escola estudava e tal, todos os problemas, mas eu nunca tive preocupação se eu ia ter o que comer no jantar. Eu tive amigos brancos na escola pública que iam lá por conta da merenda, porque não tinha mesmo o que comer.”
Semayat Oliveira	Refutação em cima de dados	00:28:23 “ <b>Quando a gente olha para os números</b> , a gente consegue entender um pouco mais como essa diferença racial se dá na prática. Dados de 2020 do IBGE mostram que o <b>desemprego da população negra é 71% maior do que entre brancos</b> , por exemplo; e com a pandemia, inclusive, essa diferença tem aumentado significativamente.”
Mano Brown	Afirmção de seu posicionamento, contrário ao de Holiday, mas ao mesmo tempo com acolhimento	00:32:43 “[...] <b>polêmico o que você disse, eu continuo discordando</b> . Mas não é para você também achar que tudo o que você falar eu vou discordar, mesmo porque <b>eu tô aqui para te ouvir</b> .”
Mano Brown	Afirmção de seu posicionamento a favor do ativismo racial e da militância para conquista de representação	00:33:43 “[...] a inclusão de artistas e a revelação de grandes artistas nos últimos 20 anos, foi em cima que militância, de trabalho, de capacitação. Isso mostra que <b>sem a luta, sem a militância, sem o ativismo racial, não atingíamos isso através do sistema social</b> .”
Fernando Holiday	Assunção da importância de cotas para inclusão de negros; assunção da importância do ativismo negro	00:35:58 “ <b>Com as cotas raciais, é inegável que você aumentou a inclusão do negro</b> ; isso não tem como negar, porque são números, eu não posso lutar contra os números. Tem mais negros nas universidades, tem mais negros formados, mais negros com empregos de qualidade, ocupando locais de destaque. Isso eu não nego, <b>isso é resultado do ativismo negro e não há como negar</b> .”
Fernando Holiday	Assunção de sua intolerância política até conversar com Eduardo Suplicy	00:49:48 “[...] cara por incrível que pareça, o Suplicy foi uma grata surpresa que eu tive na câmara. Antes de eu entrar na Câmara Municipal, <b>eu tinha uma dificuldade muito grande de ter um diálogo civilizado com pessoas que pensavam diferente</b> . E o Suplicy me ensinou isso. Sem querer até.”
Mano Brown e Fernando Holiday	Conscientização da importância da separação de rótulos – partidos e pessoas. Ênfase à virtude “honestidade”	00:52:16 “MB: Você votaria no Suplicy para presidente? FH: Não (risos) MB: Devido ao que? FH: Acho que ele acredita ainda que o PT pode trazer transformações. MB: Esquece o PT. Suplicy. Você concorda que ele é honesto. FH: Ah, sim. Isso sim.”
Fernando Holiday	Reconhecimento do desconforto inicial em	00:55:46 “[...] quando eu entrei para o MBL, uma das coisas que até colocaram no documentário deles, dizia que eu tinha uma dificuldade para me

	estar no meio de “brancos e playboys”	incluir, que eu os via como <i>playboys</i> e a maioria veio de classe média branca. [...] e <b>eu não conseguia me integrar bem lá</b> . Eu fui vendo que eu tava ali justamente para conseguir atrair mais pessoas como eu que eram da periferia que pensavam como eu. Acho que eu consegui, até.”
Mano Brown	Diagnóstico de toda a construção dialógica obtida na entrevista	00:56:26 “Você acha que pensando como você pensa, <b>você é muito contrário da gente</b> , muito fora do que a gente é ou do PT, ou da esquerda, ou qualquer coisa muito diferente?”
Fernando Holiday	Assunção da relatividade do discurso associado à sua imagem, ao seu <i>ethos</i> , quando diz que tem alguma concordância com a esquerda	00:56:47 “Assim, eu acho que depende da questão, por exemplo, <b>em relação à educação, é uma das áreas que eu tenho menos críticas ao PT</b> , porque eu sou favorável ( <i>risos</i> ) vai tocar o “pin” ( <i>sobre o sino que tocou todas as vezes que eles concordavam com algum assunto</i> ). Porque eu sou a favor do ProUni, do Fies, do Sisu [...] é um dos temas que eu mais concordo.”
Semayat Oliveira	Confronto por meio de contradições percebidas no discurso anterior	01:02:14 “ <b>Você acabou de dizer</b> que não dá para competir desiguais com pessoas que estão em uma condição igual. <b>Mas você disse um pouquinho antes</b> que você acha que tem que ter uma baixa de impostos para todo mundo; mas hoje as grandes fortunas são menos taxadas no Brasil, por exemplo. Ou seja, as pessoas mais ricas também pagam menos impostos; e aí, de repente, a lógica é, de fato, diminuir o imposto para todo mundo?”
Mano Brown	Chamada à reflexão e “quebra” de barreiras direita/esquerda	01:25:20 “Eu gostaria que você repensasse, sobre as coisas que você falou, sobre as coisas que você não sabe, que você procurasse se informar. Você é um representante eleito, <b>você representa a todos, não só a direita.</b> ”
Mano Brown	Desfecho com chamada à reflexão, identificação com o “oponente” e ênfase no posicionamento defendido ao longo da entrevista	01:26:52 “Espero que você tenha gostado do diálogo, sentido respeitado, espero que você trabalhe pelo nosso povo, que amplie a visão 360 graus, <b>você é jovem, tem muito a aprender e acredito que você seja um cara bem-intencionado</b> , não quero acreditar que você seja um estrategista e tenha mentido para nós, não acho que é isso. <b>Eu também sou idealista</b> , entendo que há falhas no sistema e entendo que as falhas são cobradas com vidas. Então <b>maior que nós é a causa, a vida das pessoas</b> , certo? Sem vaidade, sem estrelismo, muito obrigado pela presença.”

Tabela 2. Categorizações de participantes e posições semântico-axiológicas assumidas em *Mano a Mano entrevista Fernando Holiday*. Autoria nossa.

Ao recorrer às sinalizações apresentadas, percebe-se que as vozes sociais interagem de uma forma específica, orquestrada no contexto do gênero discursivo proposto, dentro do *podcast* comandado por Mano Brown, caracterizado por uma série de camadas indissociáveis, considerando-se todas as camadas e bagagem trazida consigo, como apresentador.

Ao identificar as vozes sociais – horizontes semântico-axiológicos (FARACO, 2022) que cada participante do *podcast* assume dentro do episódio –, percebemos que, principalmente Fernando Holiday, é convidado a assumir diferentes horizontes dentro de um mesmo enunciado, falando a partir do lugar de vereador, do lugar de coordenador do MBL e, ao mesmo tempo, falando do lugar de um jovem negro periférico, que passou pelas mesmas dificuldades que Mano Brown.

Procuramos sinalizar as únicas duas falas que Semayat Oliveira tem no episódio, demarcando sua posição pouco contributiva, com o objetivo muito semelhante ao de mapear as contradições e/ou inconsistências de Holiday em seu posicionamento. Ainda que sua posição dentro do programa traga a voz de uma mulher preta, periférica e militante jornalista, sua presença se dá de forma coadjuvante.

Por fim, quando tratamos de analisar as posições semântico-axiológicas de Mano Brown, acompanhamos desde o início do episódio seu posicionamento expresso como radicalmente distinto daquele sustentado pelo entrevistado, mas com abertura para ouvi-lo e buscar semelhanças por meio de suas matrizes culturais comuns. É por meio das identificações ligadas a uma vivência periférica partilhada que entrevistador e entrevistado conseguem estabelecer posições de concordância e tornar a entrevista uma discussão leve e respeitosa.

#### **4.5.3 Djonga no *Mano a Mano***

O nono episódio da primeira temporada de *Mano a Mano* proporciona uma discussão pertinente sobre a experiência do negro no Brasil, especialmente na periferia e no campo do *rap*, através do diálogo entre Mano Brown e Djonga. O episódio começa com uma conversa descontraída sobre educação e a aspiração de Djonga de estudar história, demonstrando o valor que ambos atribuem ao conhecimento acadêmico e ao estudo formal.

Djonga, ao discutir sua infância humilde, traça um paralelo com as histórias de muitos outros artistas negros que emergem de contextos semelhantes. O diálogo revela o respeito mútuo e a admiração entre os dois, com Djonga reconhecendo o papel pioneiro de Mano Brown e outros *rappers* precursores da cena *hip hop*.

Djonga: Sabe o que eu acho engraçado? Essas coisas que vocês passaram antes (os rappers das décadas iniciais do movimento), meio que é o que educou a minha geração, de alguma forma. Não sei se todo mundo, mas eu acho que alguns pelo menos, sacou? A gente vem do zero, mas a gente entende de uma forma diferente, porque a gente já tinha visto alguém que veio do zero e conquistou antes. Se a gente fosse os primeiros, com esse tanto de dinheiro e de oferta, tava todo mundo... (não completa)

Mano Brown: Às vezes eu me sinto meio Abraão (ri) MANO A MANO, 2021, s./p.

Uma das falas de destaque de Djonga no episódio se dá quando o entrevistado discute a influência da violência em sua vida. A partir dessa perspectiva, ele destaca o impacto do medo e da violência na formação da identidade negra. Brown reitera esse sentimento, mencionando a constante exposição à violência no Brasil.

Djonga: Quando você é criança, você não tem muita noção. Quando eu era novinho eu só pensava na violência em si, olha que loucura. Eu achava que era a forma de eu resolver o bagulho, então me tirou, tem um revólver aqui e pá. Depois que eu comecei a crescer, que eu tomei as primeiras batidas, aí eu comecei a tomar raiva mesmo e até hoje isso é uma questão difícil para mim, tá ligado?"

Mano Brown: É louco, que você, nós morando no Brasil, a gente convive com a violência que a gente nem se assusta. Quantos George Floyd eu vi na vida, saída de baile [...] quantos não rolou na nossa frente e a gente não pode fazer nada. Eu já fui agredido. MANO A MANO, 2021, s./p.

A diferença deste episódio em relação aos demais analisados anteriormente reside no fato de Mano Brown não apenas entrevistar o *rapper*, mas também compartilhar suas experiências, como um papo aberto, em que dois colegas de profissão estão dividindo as dores e desafios enfrentados ao longo da carreira.

Além disso, ambos os artistas discutem a questão da representatividade negra em posições de poder e influência, tanto no cenário musical quanto em outros campos. Eles também discutem a importância de cuidar da saúde física e mental, com Djonga falando abertamente sobre sua experiência com síndrome do pânico.

Djonga: Eu trato da síndrome do pânico desde os 18 anos. Pânico, o que você associa? Medo. Então é foda, eu sei. Só que eu tive que ter coragem demais, até com síndrome do pânico, eu sei, diante do perigo, diante dos bagulho que acontecia.

Mano Brown: Na favela também tem vários manos que tem e não sabe. Não tem tratamento e ninguém identifica como doença.

Djonga : Os moleque vem falar comigo, depois que eu falei sobre isso na internet, vários vem falar comigo, fala: 'Mano, eu acho que eu tô ficando doido, não sei o que, papapa. Mano, não é isso, pode procurar o psiquiatra, o psicólogo, procura um esporte, usa menos droga, ou não usa nenhuma (ri). Eu só não falo pra galera não usar, senão eu vou virar o careta. [...] Nesse

sentido o esporte e a alimentação é o que tem mais me ajudado. MANO A MANO, 2021, s./p.

Nesse sentido, o episódio parece pautar-se pelo objetivo de construir uma análise profunda e sincera das experiências e desafios compartilhados pelos artistas negros no Brasil. A orquestração de vozes possibilitada tanto pela construção do roteiro/pauta quanto pela edição destaca a necessidade de enfrentar questões de violência, representatividade, saúde e educação na comunidade negra.

#### 4.5.3.1 Grade analítica: falas e posicionamentos

Ao avaliar o episódio do Mano a Mano que traz a entrevista com o rapper Djonga, manteremos em consideração os componentes do programa (Spotify enquanto plataforma de áudio, a influência de Mano Brown, a contribuição artística dos Racionais MC's, o coletivo Nós Mulheres da Periferia), além de incorporar a representação da voz do hip hop, representado pela nova geração contemporânea do entrevistado. Isso nos auxiliará a entender o posicionamento semântico-axiológico revelado pela combinação de vozes neste discurso.

Participante	Posição semântico-axiológica assumida	Trecho identificado
Djonga	Assunção do não empoderamento do negro periférico e apropriação do outro sobre seus direitos	00:39:42 “Nós somos muito puristas às vezes, <i>nós não pega</i> o que as coisas tem de melhor pra gente, sem medo. E é por isso que tem gente que tá lá e pega (os europeus). Nós de um modo geral, eu não to falando só do rap, por isso que pra nós o bagulho não anda tanto. Porque aí fica ‘isso aqui eu não faço, aquilo eu não faço’, enquanto isso, os cara fala ‘cê não faz, deixa que eu faço, dá aqui e eu faço’, tá ligado? <b>Pega nossas paradas, transforma e o bagulho vira outra coisa gigante e já era, ó o dinheiro que os caras faz, ó o poder que os caras têm.</b> ”
Djonga e Mano Brown	Reflexão sobre a não cultura do empreendedorismo dentro da comunidade periférica	00:40:25 D: “Porque que nós não estamos tomando as grandes decisões, <b>cadê nós nas cadeiras mais importantes do mundo?</b> Não é no senado, não é na câmara que eu tô falando não. Tô falando é lá em cima, junto com os caras lá.” MB: Sabe qual que é a primeira cadeira que a gente tem que tomar posse e fazer tudo

		isso? O nosso próprio negócio. Que é a revolução do preto, do jovem preto, que tem família e filho pra criar. É o homem empresa, sua empresa é você. Então você vai cuidar da sua saúde, você vai dormir melhor, não vai tomar bebida falsa, não vai usar droga sintética que vai destruir você.”
Mano Brown	Crítica ao ensino de “mentalidade operária” – cultura de opressão	00:59: 02 “Sabe o que eu penso, uma coisa que a gente lida mal, e eu sei isso porque eu também sou homem, sou negro e pá. A gente, <b>o sistema põe a gente pra baixo todo dia, tio e nos faz menos homem, tá ligado?</b> Te desempodera. O homem negro é desempoderado, cê não pode nada.”
Djonga	Assunção da dificuldade do indivíduo periférico em congregar suas responsabilidades diárias com atitudes de afeto com os próprios familiares	01:13:54 “Eu tô aprendendo a ser pai, eu acho, ainda mais nós que é homem, é preto, e olha que eu sou um cara que tive meu pai, minha mãe, só que <b>o jeito do meu pai, de dar carinho, de dar afeto, um cara preto, correria, trabalhador desde sempre, não tem como. Não é aquele carinho, sabe, e é diferente</b> , cês tão ligado. O cara tava no corre pelo pão de cada dia, todo dia. Chegava em casa já de outro jeito.”
Djonga	Reflexão sobre a ilegitimidade das conquistas dos negros. Propagação de crenças limitadas sociais	01:29:12 “ <b>O homem preto não sabe fazer sucesso, ele não sabe ter as coisas</b> , tá ligado? Eu e Paulão conversa muito sobre isso; a gente tava falando do medo lá atrás e é por isso que eu sinto tanta culpa, tanto medo às vezes, porque tudo eu tô errado, tem um fuzil apontado na minha direção, tem uma algema. <b>Desde criança eu sempre me senti errado.</b> ”
Djonga	Crítica à condição estrutural disponibilizada pelo Estado em função da manutenção do indivíduo periférico	01:36:09 “São três coisas, <b>a nossa saúde deixa a gente refém do estado o tempo todo</b> , tipo assim, me ajuda aí, só que os caras não quer ajudar a gente. Então a gente morre na fila do SUS. <b>A nossa educação, deixa a gente refém dos cara</b> , porque os cara só ensina mercado de trabalho, que eles falam; então eu não cresço pensando em ser dono de nada, eu não cresço pensando em ser um professor foda da universidade, eu cresço pensando em trabalhar pra alguém. <b>E a segurança nem se fala, porque se você discordar, você toma um tapa na cara.</b> ”

Tabela 3. Categorizações de participantes e posições semântico-axiológicas assumidas em *Mano a Mano entrevista Djonga*. Autoria nossa.

A percepção obtida após a análise do episódio é de se tratar de uma interação performativizada enquanto conversa leve e fluida, durante a qual entrevistador deixou entrevistado em um ambiente confortável para versar sobre suas convicções, evidenciando o esforço de construir uma cena dialogal marcada por ausência de delimitação sobre as posições semântico-axiológicas assumidas. Nesse sentido,

Djonga e Brown encenam uma parceria dialógica, a qual seguiu um rito de manutenção de discursos e posicionamentos representados pelos dois participantes da interação ao longo da entrevista.

A consultora jornalística Semayat Oliveira não participou da conversa, apenas foi citada por suas contribuições de pesquisa, reforçando o posicionamento de conforto no diálogo assumido pelo anfitrião do programa, Mano Brown.

A abertura do programa já demarca o espaço de concessão oferecido por Brown, quando ele reforça que Djonga é um historiador e verbaliza sua admiração por seus estudos, construindo-se, assim, uma conversa amistosa de concordâncias. Desta forma, o *rapper* mais jovem tem liberdade para assumir o papel não apenas de artista de hip hop, mas também de admirador de Mano Brown e de estudioso que argumenta com dados e fatos sobre as dificuldades do povo negro e periférico.

#### **4.5.4 Glória Maria no *Mano a Mano***

No décimo sexto episódio da primeira temporada de *Mano a Mano*, o anfitrião Mano Brown se engaja em uma conversa profunda e reveladora com a renomada jornalista brasileira Glória Maria. A discussão abrange uma tópicos que incluem a carreira de Glória Maria, sua experiência como mulher negra na indústria da televisão e sua perspectiva sobre a cultura e a sociedade brasileiras.

Um dos temas centrais da discussão é a luta de Glória Maria contra o racismo e o sexismo em sua carreira. Ela fala abertamente sobre sua experiência de ser a única mulher negra em uma redação e sobre as críticas e o preconceito que enfrentou. A jornalista menciona explicitamente o preconceito racial que enfrentou durante a ditadura, citando comentários depreciativos feitos pelo presidente João Batista de Figueiredo: “Não deixem aquela *neguinha* chegar perto de mim” e “Aquela *neguinha* da Globo não pode chegar até aqui” (Glória Maria *apud* MANO A MANO, 2021). Esses incidentes não somente ilustram as barreiras que Glória Maria teve que enfrentar ao longo de sua carreira, mas também ressaltam a persistência do racismo e do sexismo na sociedade brasileira.

Outro tema importante é a visão de Glória Maria sobre a identidade e a autoexpressão. Ela fala sobre sua decisão de usar o cabelo *black power* e sua recusa

em se conformar com as normas estabelecidas. Ela também discute sua decisão de viajar e explorar o mundo, refletindo seu desejo de liberdade e autodescoberta.

Gloria Maria: Eu quando comecei na televisão, usava o cabelo black power, porque eu queria usar, não porque ninguém me falou do movimento negro, eu usei porque achava lindo e queria ser assim; usei anos, de todas as maneiras: grande, pequeno curto, careca, da maneira que eu queria. Depois, deu. Não quero mais. Porque eu faço da minha vida e do meu corpo o que eu quero e não o que as pessoas querem. Se daqui a pouco eu resolver colocar black power de novo, eu boto, se eu não quiser, eu não boto. Educo minhas filhas assim: elas fazem o que quiser do cabelo delas. Quando eu falei que elas foram educadas para serem livres, é livre em todos os sentidos, a qualquer preço e é um preço caro, altíssimo hoje porque as pessoas te cobram (Glória Maria *apud* MANO A MANO, 2021, s./p.).

O episódio também aborda as mudanças na mídia e na sociedade brasileiras. Brown questiona Glória Maria sobre sua visão acerca da mídia atual, e ela responde que a Globo permitiu que ela fosse quem ela é e que não deve nada à emissora. Essa declaração sugere uma visão mais matizada da mídia, reconhecendo tanto suas limitações quanto suas oportunidades.

Glória Maria: A globo permitiu eu ser quem eu sou e estar onde eu estou, porque ela acreditou no meu talento, ela investiu no meu talento. Então ela não me deve nada e eu não devo nada a ela, absolutamente nada. Porque o que ela investiu em mim como pessoa, como profissional, eu dou de volta, porque eu dou audiência, eu dou a coisa mais importante: que se chama credibilidade. Você pode ter tudo, mas credibilidade você não compra, você não fabrica (Glória Maria *apud* MANO A MANO, 2021, s./p.).

De forma inusitada, o episódio caminha para uma inversão de papéis. A jornalista entrevistada aproveita a oportunidade para fazer algumas perguntas para Mano Brown, perguntas essas que nos auxiliam na argumentação desta pesquisa. Sua indagação permeia de forma curiosa o novo posicionamento de Brown com as mídias, bem como sua reinvenção como artista.

Glória Maria para Mano Brown: “Eu quero que você faça uma pergunta da sua alma para mim. [...] Ih, já se enrolou, vou fazer minha pergunta para você. Mano Brown, todo marrento, não dá entrevista pra ninguém. Eu achava você um cara gato. Eu falava: ‘Cara, eu tava toda ansiosa para te entrevistar’. Mano Brown, você que é um cara que não gosta de mídia e agora tá fazendo esse podcast. É uma coisa que está dando uma mudança na sua vida, óbvio. É uma mudança que pode substituir ou acrescentar à sua música, ou você acha que depois dessa experiência de entrevistador, a sua música de alguma maneira pode mudar ou vai mudar?”

Mano Brown: Essa pergunta é excelente, eu tinha pensado sobre isso. Pensei sobre isso: será que minha música vai mudar, ou será que as pessoas vão passar a me ver diferente? Porque, vê bem, tem gente que fala assim: ‘Nossa, até que o Brown é inteligente. Tinha uma aura de burrice em volta de mim

grande, que eu associava ao racismo. Aí eu tenho esse negócio comigo. Tem e vou te dizer, mas tem uma coisa assim pejorativa sobre nós, homens da periferia que tem um jeito de falar específico, um jeito de se vestir específico e reivindica coisas específicas, o Brown teve a figura do ignorante ali.

Glória Maria: Mas você não é mais o cara da periferia de essência, a gente muda, tudo muda, a vida é uma eterna mudança. E eu quis falar essa coisa de gato, até na frente da tua mulher que tá aí, que exatamente é para quebrar, porque o cara da periferia gostaria de dar aquela coisa do machão e você chegou pensando: essa mulher é maluca. É lógico, a vida e o caminhar, talvez você tenha pensado em fazer o podcast porque você tava a fim de outros caminhos. Talvez seja a hora de você começar a mudar sua posição sobre a grande mídia, em relação a tudo. Você vai mudar?

Mano Brown: Então, eu percebo que a mídia mudou também, hoje é o evento da internet é uma mídia poderosíssima, que me dá a oportunidade de não entrar na mídia convencional que eu evitei tanto tempo, por exemplo, através da internet e o que me impulsionou a fazer isso. Meus amigos me falam: 'pô, você é o maior contador de história, você gosta de protagonizar, contar as histórias, porque você não faz um podcast contando história?' Aí eu falei com o pessoal, falei com o Jorge, a produção, foi no meio da pandemia, bem no começo, sem expectativa e a gente usando a cabeça para procurar maneiras de não ficar louco, de poder trabalhar e ser útil, e nem era um negócio de mudar de profissão, era de não ficar louco"

Glória Maria: E agora, depois de um ano que você tá fazendo isso, o que mudou?

Mano Brown: O que mudou foi que eu saí de uma zona de conforto, porque música é o que eu gosto de fazer no meu tempo, na minha casa, nos lugares que eu gosto e aqui eu tô me expondo a errar, a ser ridículo, procuro me cercar de gente competente para que eu não erre feio, mas se eu errar, a pessoa tem que perdoar também porque não é a minha profissão.

Glória Maria: Errar ninguém erra, é tentativa de acerto

Mano Brown: O lance é que eu gosto de falar, mas eu também gosto de ouvir, tô aprendendo muito aqui.

Glória Maria: Entrevista é uma coisa de mão dupla, ou você abre, ou você não abre. E eu abri, por isso aceitei vir aqui [...] E eu tenho o maior respeito e a maior admiração por você. Eu acredito nas pessoas que tem verdade e você tem. Se não fosse você, eu não teria feito (MANO A MANO, 2021, s./p.).

O trecho da entrevista acima transcrito retoma à análise do *ethos* discursivo de Mano Brown como um indivíduo negro e periférico, de posicionamento radical, que até então não praticava concessões com a grande mídia, confirmando sua linha discursiva, conversando com novos formatos midiáticos. Ao se colocar de maneira vulnerável em diferentes contextos, ele continua a praticar a atividade que lhe conferiu visibilidade: a narração de histórias.

Dessa forma, o último episódio da primeira temporada de *Mano a Mano* busca oferecer uma visão da vida e da carreira de Glória Maria marcada pela discussão quanto a aproximações e distanciamentos em relação a lutas sociais. Através de sua conversa com Brown, ela oferece *insights* valiosos sobre a luta contra o racismo e o sexismo, a importância da autoexpressão e a evolução da mídia brasileira.

#### 4.5.4.1 Grade analítica: falas e posicionamentos

Finalizando esta etapa de análises, com o episódio com Glória Maria no Mano a Mano, continuaremos considerando as camadas que compõem o programa, como o Spotify como plataforma de áudio, a marca Mano Brown, a contribuição artística do Racionais MC's, o coletivo Nós Mulheres da Periferia, e adicionar a representação das vozes de Glória Maria. Como uma jornalista negra que foi pioneira em muitos eventos, Glória Maria rompeu com a representação racial no meio midiático. O objetivo é compreender o posicionamento semântico-axiológico expresso pela combinação de vozes neste enunciado.

Participante	Posição semântico-axiológica assumida	Trecho identificado
Glória Maria	Assunção do orgulho da credibilidade que lhe foi conferida como jornalista	00:25:20 “Eu estudei na Escola Rivadávia Correia, que tem até hoje no centro da cidade, ali perto da Central do Brasil, onde tem o Ministério da Guerra e ali eu acompanhei muita coisa da ditadura, porque ali atrás tinha a delegacia de repressão e a gente estudava, muitas vezes fazendo exercícios na educação física e ouvindo os presos políticos apanharem. Então, eu participei de tudo, porque na época do Movimento Estudantil eu era uma menina de 14, 15 anos e enfim, minhas amigas, eu sempre fui muito precoce, a gente ia para o restaurante do calabouço para acompanhar as reuniões do Movimento Estudantil, mas para fala a verdade, não era só por motivo político; na verdade a gente ia também para paquerar os meninos. A gente ia com um olho no padre e o outro na missa. <b>A gente acompanhou a passeata dos cem mil com o mesmo espírito, mas a gente tava ali: no centro de tudo, e eu tenho um orgulho enorme de ter participado de todo esse momento brasileiro, ao vivo e a cores; então eu não tenho versão, eu tenho fatos.</b> ”
Glória Maria e Mano Brown	Reflexão sobre a falta de tempo em compreender a grandeza das oportunidades que tinha. Falta de consciência da	00:30:32 MB: “Como é ser a primeira, eu achei assustador, quando eu peguei essa informação com a Semayat que ela falou que era a primeira repórter negra, no Brasil, foi em 1970, quando eu nasci.

	relevância dos lugares que ocupava	<p>GM: Olha que safadeza, a data que ele nasceu, quando eu tava começando a ser repórter, quer dizer o que com isso?</p> <p>MB: Nada. O foco é o cofre (ri).</p> <p>GM: Você tá vendo que mauzinho (ri).</p> <p>MB: Não, mas ó: lindo. Tudo lindo. Ser a primeira, a Semayat marcou aqui: ela foi a primeira em várias coisas.</p> <p>GM: <b>Mano, eu nunca pensei que eu tava sendo a primeira, eu nunca tive tempo de pensar, eu ia.</b> É que tudo foi sendo assim, tão natural. Eu cheguei na televisão para ser rádio escuta e aí com uma semana já começaram a me mandar pra rua para começar a ser repórter. Na reportagem não saia no vídeo, eu ficava lá, escrevia e aí o Sérgio Chapelin e o Cid Moreira que liam e aí foi indo, foi indo, foi indo. <b>Eu não olhava e não imaginava que ali na redação só tinha eu (de pessoa negra), eu não olhava em volta, eu saia todo dia para trabalhar.</b> Ai daqui a pouco, depois de 4, 5 anos que eu estava lá, os repórteres começaram a aparecer no vídeo, eu fui a última, porque eu tinha medo, eu tinha insegurança. Uma coisa é quando você tá lá invisível, só aparecia minha mão segurando o microfone, a outra coisa é você ter que botar o rosto, aí o medo pintava. Até que um dia eu tive que fazer, também não pensei; depois da primeira vez, a coisa foi. <b>Porque não dava tempo para racionalizar: olha, eu tô aqui e tô sendo a primeira, vou fazer história.</b> Hoje, o que acontece, todo mundo faz história. Eu fico vendo, todo lugar, eu olho pra televisão pra todo o lado, todo dia tem uma história diferente. “</p>
Glória Maria	Crítica sobre os profissionais atuais que priorizam a exposição coletiva sobre a conquista individual	<p>00:32:40 “Eu nunca pensei em fazer história porque a história já estava ali. Então eu fico olhando e tenho alguns orgulhos, eu vejo uma geração de novos repórteres, de novos pretos em todas as áreas fazendo coisas maravilhosas. Mas <b>hoje, de maneira geral, as pessoas estão muito mais preocupadas em fazer história que simplesmente fazer.</b> Isso para mim é uma coisa muito angustiante, vamos fazer, vamos abrir caminho para outras pessoas, vamos em frente. <b>Essa preocupação, esse ego, essa vaidade de se dar importância e fazer história o tempo inteiro me cansa”</b></p>
Glória Maria e Mano Brown	Reflexão sobre as apropriações das conquistas de forma individualizada	<p>00:34:33</p> <p>MB: Sabia que é legal, meu? <b>A gente que não tem coragem de ostentar, a gente quando vê alguém ostentar a gente fica orgulhoso.</b> O meu camarada, Chandon,</p>

		<p>falou assim: 'O podcast tá em primeiro lugar, cê num estoura um champanhe, cê não comemora, cê não ostenta, cê não posta' eu falo: 'Mano, eu sou desconfiado – forte abraço, Chandon!' Ele: 'Pô, a gente sente falta de ver a vitória dos nossos' Eu falei: 'Pô, é verdade, mas eu não tenho essa coragem, talvez me falte coragem.</p> <p>GM: <b>“Comemorar uma vitória é diferente de você querer fazer história o tempo inteiro.</b> Comemorar você tem que comemorar, eu comemorei quando eu fui chamada para apresentar o fantástico. Por quê? Todo mundo falava dessa coisa de racismo, que o Fantástico só tinha loiras, aí eu tô lá. Eu comemorei com meus amigos e disse: caramba, vou apresentar o Fantástico, <b>fiquei feliz. Porque foi uma conquista da minha família, não foi uma conquista minha.</b> O que eles fizeram por mim deu certo. O fato de eles não terem me dado nada, exceto a liberdade, funcionou. Eles me deram a liberdade de eu ser quem eu quisesse ser.”</p>
Glória Maria	Assunção de sofrimento mesmo frente à dinâmica acelerada de trabalho, mencionada anteriormente	00:36:19 “Eu recebia cartas na redação: Como você, uma negra, não tem vergonha de estar aí tirando o lugar de mulheres brancas, lindas, para apresentar o programa e eu tinha que ficar com aquela carta na mão lendo 10, 20, 30 vezes. Não é um post que você vai lá e apaga. Eu acabava o Fantástico e recebia telefonemas: Essa neguinha aí tirando o lugar de brancas. <b>Eu sofri anos apresentando o Fantástico.</b> ”
Glória Maria e Mano Brown	Assunção do preço pago pela dedicação integral ao trabalho e reconhecimento das conquistas	00:38:10 GM: <b>“Pra falar a verdade, eu nunca tive tempo de curtir, não tive tempo de casar, não tive tempo de nada, eu só trabalhei e era feliz assim, até que eu tive as minhas filhas, aí a minha vida mudou.</b>  MB: Só fez história  GM: É (ri). Eu fui fazendo, eu fui fazendo, cada hora que eu via mais um país, eu falava: eu quero é isso. <b>Eu tinha um sentimento de gratidão por eu estar ali conquistando aquilo tudo sem ter pensado em conquistar.</b> ”
Glória Maria	Declaração sobre o trabalho como escape das dinâmicas de sofrimento vivenciadas com a família	00:39:10 <b>“Enquanto eu tava trabalhando, eu esquecia todos os problemas que eu tinha na minha família,</b> e que eram inúmeros – não vou entrar em detalhes, mas eram inúmeros. Então eu tinha que administrar toda a encrenca de uma família complicadíssima.”
Semayat Oliveira	Declaração sobre fatos para justificar a admiração pela entrevistada	01:31:24 “Eu acho que para conectar com o fato que você começou falando nesse bloco que é a maior entrevistadora do Brasil e várias vezes você falou que gosta de gente,

		ama tá com gente e tem uma entrevista com a Madonna, que teoricamente ela deu 4 minutos de entrevista e depois você conquistou muito mais que 4 minutos. <b>Então tá essa energia, você traz aqui e citou e tem a ver com essa conexão que você consegue gerar com as pessoas e é impressionante.</b>
Glória Maria	Conscientização da posição majoritária da população negra no Brasil, firmando o discurso de compreensão de seu privilégio	01:37:43 “Aqui eu levo minhas filhas no teatro, somos só nós [negras]; no cinema, somos basicamente só nós, vou num lugar chique, somos só nós. <b>Então eu queria que elas vissem que tem lugar que o preto é maioria.</b> Fomos na África do Sul, ficamos num hotel maravilhoso, fomos em restaurantes maravilhosos e elas só viam pretos em volta da vez. E elas diziam: - Mamãe, nossa, aqui tem muito preto mesmo, por que no Brasil não tem? Eu digo: - tem minha filha, mas eles não vão nos lugares que a gente vai, por causa de cultura, de educação, de falta de condição financeira. Não tem de maneira geral, <b>o preto do Brasil ainda ocupa as posições inferiores. [...]</b> <b>Elas têm noção que elas são privilegiadas.</b> ”

Tabela 4. Categorizações de participantes e posições semântico-axiológicas assumidas em *Mano a Mano entrevista Glória Maria*. Autoria nossa.

Ao analisar as sinalizações contidas nas transcrições, nota-se a interação específica das vozes sociais representadas, condicionada pelas especificidades materiais do gênero discursivo *podcast de entrevista*. As camadas indissociáveis dos personagens do enunciado são evidentes em toda a conversa. As vozes sociais, referindo-se aos horizontes semântico-axiológicos que cada participante do *podcast* assume durante o episódio, são particularmente notáveis. Glória Maria, por exemplo, fala a partir dos horizontes de jornalista negra pioneira, de mulher que desafiou normas estabelecidas e de viajante em busca de autodescoberta.

Ao longo de sua fala, é possível apreender a explicitação de certas fragilidades que Glória Maria carrega consigo, mesmo ao longo de um discurso de orgulho, da falta de percepção inicial da magnitude dos espaços que estava ocupando no começo de sua carreira. A identificação das posições semântico-axiológicas assumidas direciona a interpretação de uma voz social que outrora esteve em uma família negra cheia de problemas, desprovida de recursos, mas que a direcionou para uma vivência de trabalho intenso, reconhecida pela “falta de tempo de se casar ou curtir” (Glória

Maria *apud* Mano a Mano, 2021, s.p), mas que, ao mesmo tempo, trouxe grande visibilidade para sua carreira.

Já a análise de posições semântico-axiológicas dos entrevistadores Mano Brown e Semayat Oliveira conectam-se com Glória Maria através da expressão de sua admiração pela profissional, sobretudo por parte da consultora jornalística, que faz questão de demarcar, em suas falas, a satisfação que sente ao fazer parte daquela conversa, pautando e descrevendo a entrevistada com inúmeros elogios e reconhecimentos.

Finalmente, o episódio compreende um enunciado caracterizado pela discussão da posição do negro no ambiente de trabalho, de relações de orgulho e/ou reconhecimento nesses espaços e de suas dificuldades em se apropriar das conquistas e ocupação de lugares de destaque.

#### **4.6 Discussão de resultados**

Ao revisitar os resultados das análises realizadas, observamos que esses achados revelam importantes características que constituem a essência do podcast. A encenação do encontro de vivências partilhadas por rappers negros, a busca pelo entendimento por meio de experiências comuns na infância, como observado no caso de Holiday, e a inversão de papéis aliada ao compartilhamento de relatos sobre dificuldades profissionais, no caso de Glória Maria, são exemplos dessas características. Esses resultados pontuais não só proporcionam uma visão clara das dinâmicas presentes no podcast, mas também estabelecem o pano de fundo para uma discussão mais ampla sobre os significados subjacentes e as implicações dessas interações.

Os significados compartilhados na representação periférica auxiliam na concessão e representação das vozes sociais, que são muitas vezes marginalizadas e excluídas das discussões e reflexões na sociedade (PERUZZO, 2016). Por meio desses significados compartilhados, é possível compreender as perspectivas e experiências das comunidades periféricas e, assim, trabalhar em prol de uma sociedade mais inclusiva e igualitária – sobretudo em uma perspectiva cultural midiática. A análise dialógica proposta na pesquisa propôs entender como esses

significados podem ser construídos e representados, neste caso, no *podcast Mano a Mano*, por meio das vozes sociais presentes nas conversas.

A compreensão discursiva dos episódios do *podcast Mano a Mano* que contaram com as participações de Karol Conká, Djonga, Fernando Holiday e Glória Maria permitiu a identificação das vozes sociais presentes nas conversas e suas respectivas posições semântico-axiológicas. A partir dessa análise, foi possível compreender como as vozes sociais interagem em um ambiente de diálogo, refratado pelas especificidades materiais do gênero discursivo *podcast de entrevista*.

As análises dialógicas discursivas revelam uma abordagem que ultrapassa o roteiro de entrevistas proposto, focando nas declarações individuais carregadas de vozes sociais. Essas vozes, marcadas pelos desafios enfrentados na periferia, abordam temas como a vida da mulher negra, o estereótipo de resistência em relacionamentos, a luta dos indivíduos periféricos para reconhecer e ocupar seus espaços de direito e as diferenças de ideias políticas. Elas refletem profundamente sobre as condições sociais do grupo negro e periférico.

A proposta de produção midiática do *podcast Mano a Mano* viabilizou condições de se aprofundar em políticas públicas, através de posicionamentos favoráveis e contrários dos entrevistados, ganhando espaço para criação de identificações através de vivências afetivas mútuas, levando a um final reflexivo e repleto de pontos de contato e concordância.

Por fim, a análise dialógica de episódios do programa *Mano a Mano* evidencia a importância da interação entre diferentes vozes sociais presentes em uma conversa para a construção de um discurso mais completo e representativo da realidade. Nesse contexto, a representação de vivências periféricas articuladas a diferentes vertentes de lutas sociais permite dar voz a grupos historicamente marginalizados e promover a diversidade de perspectivas e ideias.

## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo desta dissertação, buscamos explorar o universo do podcast *Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown, com ênfase na orquestração de vozes sociais e na representação periférica. A dissertação buscou entender como essas vozes interagem e são representadas neste produto midiático, e como a plataforma do podcast pode servir para fortalecer a representação e criação de significados de grupos historicamente marginalizados, especificamente os sujeitos periféricos.

Para atingir este objetivo, buscamos compreender a partir do arcabouço teórico, a construção conceitual e dinâmica dos movimentos sociais, através das décadas e seus desdobramentos até a compreensão de uma perspectiva latino-americana, o que impacta diretamente no entendimento dos movimentos dentro das periferias do Brasil. Intentamos também observar as articulações conceituais ao entorno da representação da cultura periférica, mais especificamente no âmbito da cena *hip-hop* a partir da contribuição do grupo Racionais MC's e Mano Brown.

Avançamos sobre o conceito de podcast, onde discutimos as potencialidades do formato na representação e orquestração de vozes sociais marginalizadas. Foi analisada a dinâmica de como essas vozes interagem entre si e como são representadas, com destaque para o gênero discursivo do podcast de entrevistas.

Esta dissertação foi conduzida através de uma análise dialógica dos enunciados do podcast *Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown. O processo de análise envolveu a identificação e o exame das diferentes vozes sociais presentes no podcast e de como essas vozes interagem entre si. Através dessa análise, foi possível identificar as tensões presentes na interação dessas vozes sociais, bem como os desafios enfrentados pelos indivíduos das comunidades periféricas para ocupar espaços de destaque.

Além disso, a análise também permitiu examinar as maneiras pelas quais o estilo dialógico é usado na construção de um discurso que representa as tensões sociais existentes. Isso contribuiu para uma melhor compreensão de como o podcast funciona como uma plataforma para dar voz a grupos historicamente marginalizados.

A análise sugere que o podcast *Mano a Mano* contribui para a criação de um espaço onde as vozes das comunidades periféricas podem ser ouvidas e compreendidas. Isso é evidenciado pelo compromisso do apresentador, Mano Brown,

em abrir diálogos com uma variedade de convidados, muitos dos quais compartilham experiências de vida em comunidades marginalizadas.

Há uma clara aproximação quando Mano Brown tenta construir um terreno comum com os entrevistados, reconhecendo a sua experiência como indivíduos de comunidades periféricas. No entanto, também há momentos de distanciamento, principalmente quando surgem divergências ideológicas.

Por exemplo, no episódio com o vereador Fernando Holiday, embora haja uma concordância geral sobre a experiência compartilhada de ser negro e periférico, há uma clara tensão causada por suas diferenças políticas. Este episódio destaca o desafio de equilibrar a representação de diversas posições semântico-axiológicas enquanto se navega pelas complexidades de suas divergências.

Analisando a trajetória do podcast *Mano a Mano*, apresentado por Mano Brown, percebe-se a real dimensão dessa produção midiática em termos de representação e amplificação de vozes sociais que, em geral, encontram-se à margem do mainstream. O podcast se estabelece como um espaço de diálogo e construção de significados, abrindo espaço para a voz da periferia e contribuindo para a quebra de estereótipos e preconceitos.

Segundo Lago Souza e Scabin (2023, p. 135), “é decisiva a trajetória de Mano Brown enquanto artista-entrevistador preocupado em ouvir e compreender os problemas colocados para as juventudes periféricas, ao lado da vocação dialogal do gênero discursivo podcast de entrevistas”. Além disso, a vocação dialógica do formato de podcast de entrevistas é fundamental. Brown se destaca como narrador de histórias, mas principalmente como ouvinte atento de narrativas periféricas. O podcast *Mano a Mano*, portanto, não só funciona como um instrumento discursivo que permite o acesso a debates de relevância político-social, mas também estabelece intercâmbios discursivos com o campo político.

A dialogização de vozes associadas a diferentes posicionamentos semântico-axiológicos é um traço estilístico distintivo de *Mano a Mano*. A gênese dessa configuração estética específica de vozes parece residir na afirmação de pertencer a uma mesma coletividade, semelhante ao que Kehl (2000, p. 212) aponta sobre o uso da palavra "mano" na música "Capítulo 4, versículo 3" dos Racionais MCs. Segundo a autora, essa palavra guarda “uma intenção de igualdade, um sentimento de fratria, um campo de identificações horizontais”. Nessa perspectiva, *Mano a Mano* segue a linha já observada no repertório dos Racionais: "unir e incluir" todos em um discurso

compartilhado e coletivo (OLIVEIRA; SEGRETO; CABRAL, 2013). Argumentamos que, no caso deste podcast, esta proposta estético-política se concretiza justamente na maneira como as vozes que compõem os episódios são organizadas: numa fraternidade utópica de manos e manas.

A perspectiva do MANO, enquanto fratria, se materializa de maneira significativa na tessitura desse podcast. Mano Brown, ao assumir o papel de mediador, promove um espaço de diálogo que celebra a diversidade, a coletividade e a irmandade. O uso do termo "mano", que na cultura hip-hop brasileira é sinônimo de irmandade e identificação comunitária, reflete a busca por uma solidariedade que transcende as barreiras da desigualdade social.

Nesse sentido, o podcast *Mano a Mano* nos ofereceu uma visão valiosa sobre a riqueza e a complexidade das vozes sociais na sociedade brasileira e sua representação/refração na cultura midiática contemporânea. O indivíduo periférico é plural: homens, mulheres, idosos, crianças, brancos, pretos, pardos, todos em busca de um sentido para seguir e se reconhecer. Ao consolidar nos processos midiáticos esta demarcação, podemos avançar em direção à consideração das vozes sociais em uma condição solidária, conferindo legitimidade aos grupos que, mesmo em maioria, ainda carecem de representação e compartilhamento de significados.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

### Livros e artigos

ABERS, Rebecca Neaera. **Ativismo institucional**: criatividade e luta na burocracia brasileira. Brasília: Editora UnB, 2021.

ALONSO, Angela. **As teorias dos movimentos sociais**: um balanço do debate. Lua Nova: Revista de Cultura e Política, São Paulo, vol. 76, p. 49-86, out/2009. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-64452009000100003> Acesso em: 26 mar 2023.

AMOSSY, Ruth. **Imagens de si no discurso**: a construção do ethos. São Paulo: Contexto, 2005.

ARAUJO, Annyelle de Santana. **As noções de enunciado para Bakhtin, Foucault e Pêcheux**. Linguagem: Estudos e Pesquisas, Catalão-GO, vol. 18, n. 1, p. 181-206, jan/jun 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufcat.edu.br/lep/article/view/35042/18680> Acesso em: 16 abr 2024.

ASSIES, Willem; BURGWAL, Gerrit; SALMAN, Ton. **Structures of power, movements of resistance**. Amsterdã: CEDLA, 1990.

BAKHTIN, Mikhail. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARENDT, Eric. **Freedom of speech**. Oxford: Oxford University, 2009.

BERRY, Richard. **Will the iPod kill the radio star?** Profiling podcasting as radio. Convergence: The International Journal of Research into New Media Technologies, vol.12, n.2, p. 143-162, 2006.

BONINI, Tiziano. **A “segunda era” do podcasting**: reenquadrando o podcasting como um novo meio digital massivo. Radiofonias – Revista De Estudos Em Mídia Sonora, vol.11, n.1, p.13-32, julho/2020. Disponível em: <https://periodicos.ufop.br/radiofonias/article/view/4315> Acesso em: 13 ago 2023.

\_\_\_\_\_. **La radio nella rete**: storia, estetica, usi sociali. Milan: Costa & Nolan, 2006.

BRASIL. [Constituição (1988)]. Constituição da República Federativa do Brasil de 1988. Brasília, DF: Presidência da República, [2023]. Disponível em:

<https://portal.stf.jus.br/constituicao-supremo/artigo.asp?abrirBase=CF&abrirArtigo=194#:~:text=Disposi%C3%A7%C3%B5es%20Gerais-.Art.,previd%C3%A7%C3%A3o%20e%20%C3%A0%20assist%C3%A7%C3%A3o%20social>  
Acesso em: 26 mar 2023.

BRESOLIN, Keberson; SILVA, Maicon da. **Mundo da vida e direito**: uma abordagem a partir de Habermas. AUFKLÄRUNG, João Pessoa, vol.7, n.esp., p.155-174, dez/2020. Disponível em: <

<https://periodicos.ufpb.br/ojs2/index.php/arf/article/view/55701/32345>> Acesso em: 05 jun 2023.

BUFARAH JUNIOR, Álvaro. **Podcast e as novas possibilidades de monetização na radiodifusão**. Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora. Mariana – MG, vol. 11, n. 1, p. 33-48, jan./abr. 2020.

CARDOSO, Fernando Henrique; FALETTO, Enzo. **Dependência e desenvolvimento da América Latina**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. Tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne - 8ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1999.

\_\_\_\_\_. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Tradução Carlos Alberto Medeiros – 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

\_\_\_\_\_. **O poder da comunicação**. Tradução de Vera Lúcia Mello Joscelyne – 4ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2019.

COHEN, Jean. **Strategy or identity: new theoretical paradigms and contemporary social movements**. Social Research, vol. 52, n.1, pp. 663-716, ago/1985.

D'ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. **Bailes blacks: música e sociabilidade nas noites paulistanas**. Trabalho apresentado na 29ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 03 e 06 de agosto de 2014, Natal/RN. Disponível em: [https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402015036\\_ARQUIVO\\_BailesBlack\\_musicaesociabilidadenasnoitespaulistanas.pdf](https://www.29rba.abant.org.br/resources/anais/1/1402015036_ARQUIVO_BailesBlack_musicaesociabilidadenasnoitespaulistanas.pdf) Acesso em: 30 jan 2024.

D'ANDREA, Tiarajú Pablo. **A formação das sujeitas e sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Dandara Editora, 2022.

D'ANDREA, Tiaraju Pablo. **A formação das sujeitas e dos sujeitos periféricos: cultura e política na periferia de São Paulo**. São Paulo: Editora Dandara, 2022.

DEO, Anderson; MAZZEO, Antonio Carlos; ROIO, Marcos Del (organizadores). **Lenin: teoria e prática revolucionária**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

DIAS, Camila Caldeira Nunes. **PCC: hegemonia nas prisões e monopólio da violência**. Revista Percurso, São Paulo, vol. 38, n.1, p. 33-44, nov/2012. Disponível em: [https://www.espen.pr.gov.br/sites/espen/arquivos\\_restritos/files/migrados/File/RevPercurso.pdf](https://www.espen.pr.gov.br/sites/espen/arquivos_restritos/files/migrados/File/RevPercurso.pdf). Acesso em: 15 mai 2023.

DOMINGUES, Petrônio. **Movimento negro brasileiro: alguns apontamentos históricos**. Revista Tempo [internet], vol.12, n.23, p. 100–122, mar/2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-77042007000200007> Acesso em: 30 jan 2024.

DOURADO, Maria Oliveira. **Breve consideração sobre o pragmatismo de Pierce**. Revista Kínesis, Vol. X, nº 25, p.312-322, dezembro/2018. Disponível em < <https://revistas.marilia.unesp.br/index.php/kinesis/article/view/8609/5544>> Acesso em: 26 mar 2023.

DUARTE, André de Macedo; CÉSAR, Maria Rita de Assis. **Michel Foucault e as lutas políticas do presente**: para além do sujeito identitário de direitos. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 19, n. 3, p. 401-414, jul./set. 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/pe/a/9gxZdSVBsQNwzJz8snNZLvP/?lang=pt>> Acesso em: 16 fev 2023.

EAGLETON, Terry. **A ideia da cultura**. São Paulo: Editora Unesp 2011.

FARACO, Carlos Alberto. **Linguagem & diálogo**: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin. São Paulo: Parábola Editorial, 2022.

FERREE, Myra Marx. **Mobilization and meaning**: toward an integration of social psychological and resource perspectives on social movements. *Social Inquiry*, Connecticut, vol. 55, n.1, p. 38-51, jan/1985. Disponível em: < <https://doi.org/10.1111/j.1475-682X.1985.tb00850.x>> Acesso em: 16 fev 2023.

FERREIRA, Maria Beatriz. **A linguagem e os processos de enunciação, dialogismo e polifonia**. *Olhar de Professor* [internet], vol. 7, n. 1, pp.67-75, nov/2004. Disponível em: < <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=68470105>> Acesso em: 15 abr 2024

FOCHI, Marcos Alexandre Bazeia. **Hip hop brasileiro**: tribo urbana ou movimento social? *FACOM*, São Paulo, n° 17, junho/2007. Disponível em: < [https://www.faap.br/revista\\_faap/revista\\_facom/facom\\_17/fochi.pdf](https://www.faap.br/revista_faap/revista_facom/facom_17/fochi.pdf)> Acesso em: 26 mar 2023.

FOREWAKER, Joe. **Theorizing social movements**. Colorado: Pluto Press, 1995.

FREITAS, Guaciara Barbosa de. **A cultura na (da) periferia e a periferia na (da) mídia**. *Políticas Culturais em Revista*, Bahia, vol. 2, n. 2, p. 34-49, jul/2009. Disponível em: < <https://periodicos.ufba.br/index.php/pculturais/article/view/4273>> Acesso em: 16 fev 2023.

GAMBARO, Daniel. **Experiências midiáticas de escuta**: como o rádio se insere no ecossistema midiático atual. *Revista FAMECOS*, Porto Alegre, v. 28, p. 1-15, jan/dez 2021.

GARCIA, Walter. **Ouvindo Racionais MCs**. *Teresa revista de Literatura Brasileira*, São Paulo, vol. 4, n. 5, p. 166-180, mar/2004. Disponível em: < <https://www.revistas.usp.br/teresa/article/view/116377>> Acesso em: 28 mai 2023.

\_\_\_\_\_. **Sobre uma cena de “Fim de semana no Parque”, do Racionais MC’s**. *Estudos Avançados*, São Paulo, vol.25, n. 71, p.225-235, dez/2011 Disponível em < <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/10608/12350>> Acesso em: 12 fev 2024.

\_\_\_\_\_. **Elementos para a crítica da estética do Racionais MC’s (1990 – 2006)**. *Ideias*, [internet], vol. 4, n. 2, p. 81–108, dez/2013. DOI: 10.20396/ideias.v4i2.8649382. Disponível em:

<https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649382> Acesso em: 18 jul 2022.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos movimentos sociais: paradigmas clássicos e contemporâneos**. 11 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014a.

\_\_\_\_\_. **Novas teorias dos movimentos sociais**. 5 ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014b.

GUIMARÃES, Antonio Sérgio Alfredo. **Como trabalhar raça em sociologia**. Educação e Pesquisa, São Paulo, vol. 29, n. 1., jan/jun 2003. Disponível em: < <https://travessia.emnuvens.com.br/travessia/article/view/647/597> > Acesso em: 27 mai 2023.

HEISE, Nele. **On the shoulders of giants?** how audio podcasters adopt, transform and reinvent radio storytelling, MOOC Transnational Radio Stories, 2014. Disponível em: < [https://hamburgergarnele.files.wordpress.com/2014/09/podcasts\\_heise\\_public.pdf](https://hamburgergarnele.files.wordpress.com/2014/09/podcasts_heise_public.pdf) > Acesso em: 17 fev 2024.

HERSCHMANN, Micael; KISCHINHEVSKY, Marcelo. **A “geração podcasting” e os novos usos do rádio na sociedade do espetáculo e do entretenimento**. Revista FAMECOS, Porto Alegre – RS, vol. 19, n. 2, p. 410-437, mai/ago 2012.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. Métodos de pesquisa qualitativa aplicada à comunicação radiofônica. In: MOURA, Cláudia Peixoto de; LOPES, Maria Immacolata Vassallo de (orgs.). **Pesquisa em comunicação: metodologias e práticas acadêmicas**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2016.

LAFARGUE, Paul. **O capital: extratos por Paul Lafargue**. São Paulo: Conrad Editora, 2005

LAGO-SOUZA, Jennifer Aline do. **Método de análise do podcast Mano a Mano sob a perspectiva dialógica de Bakhtin: significados compartilhados na representação periférica/n**: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, n. 45, 2022, João Pessoa: UFPB – 5 a 9/9/2022. Disponível em: < [https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link\\_aceite/nacional/11/0816202318155664dd3c8cdabde.pdf](https://sistemas.intercom.org.br/pdf/link_aceite/nacional/11/0816202318155664dd3c8cdabde.pdf) > Acesso em: 15 ago 2023.

LAGO-SOUZA, Jennifer Aline do; SCABIN, Nara Lya Cabral. **Vozes periféricas em diálogo: política e utopia no podcast Mano a Mano**. Culturas Midiáticas, [internet], v. 20, p. 116–137, dez/2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/cm/article/view/67812> . Acesso em: 24 mai 2024

LIMA, Nathan Willin *et al.* **A teoria do enunciado concreto e a interpretação metalinguística: bases filosóficas, reflexões metodológicas e aplicações para os estudos das ciências e para pesquisas em educação em ciências**. Investigações em Ensino de Ciências, Porto Alegre – RS, vol. 24, n. 3, pp. 258-281, dez/2019. Disponível em: <

<https://pdfs.semanticscholar.org/ef19/d5d4be27207e3cf6b56fda107ac79d3f7886.pdf>  
> Acesso em: 20 abr 2024.

LUKÁCS, Georg. **Histoire et conscience de classe**. Paris: Arguments, 1960.

MACHADO, Lia Pinheiro. **Alcance e limites das teorias da modernização**. Revista Administração de Empresas, São Paulo, vol.10, n. 3, (s.p.), set/1970 Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-75901970000300008> . Acesso em: 26 mar 2023.

MADSEN, Virginia. Voices-Cast: A report on the new audiosphere of podcasting with specific insights for public broadcasting. in: **Australian and New Zealand Communication Association Conference**. Brisbane - ANZCA, vol. 09, p. 1191-1210, jul/2009. Disponível em: < <https://research-management.mq.edu.au/ws/portalfiles/portal/17154626/mq-16890-Publisher+version+%28open+access%29.pdf>> Acesso em: 28 mai 2023.

MAINGUENEAU, Dominique. **Doze conceitos em análise do discurso**. Org. Sirio Possenti e Maria Cecilia Perez de Souza-e-Silva. São Paulo: Parábola Editorial, 2010.

\_\_\_\_\_. **Novas tendências em análise do discurso**. Campinas: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Variações sobre o ethos**. São Paulo: Parábola, 2020

MANDARINO, Thiago Marques. **Alienação, ideologia e consciência de classe: movimentos sociais e partidos de esquerda na encruzilhada**. Revista da Sociedade Brasileira de Economia Política, Niterói – RJ, v. 64, n.1, setembro-dezembro 2022. Disponível em: < <https://revistasep.org.br/index.php/SEP/article/view/958/469>> Acesso em: 26 mar 2023.

MARTIN-BARBERO, Jesus. **Dos meios às mediações: comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 1997.

MARTÍN-BARBERO, Jesús; REY, Germán. **Os exercícios do ver: hegemonia audiovisual e ficção televisiva**. São Paulo: SENAC-SP, 2001.

MEHERET, Juliana; YAMAMOTO, Eduardo Yuji. **A identidade nacional no cinema novo e na pós retomada**. Trabalho apresentado na IJ 04 - Comunicação audiovisual do XX Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sul, realizado de 20 a 22 de junho de 2019. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/sul2019/resumos/R65-0336-1.pdf>> Acesso em: 12 fev 2024.

MOREIRA, Diego Gouveia. **Periferia na Rede Globo: o gosto dos outros**. V ENECULT - Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura 27 a 29 de maio de 2009a Faculdade de Comunicação/UFBA, Salvador-Bahia-Brasil. Disponível em: < <https://cult.ufba.br/enecult2009/19322.pdf>> Acesso em: 19 mai 2024.

\_\_\_\_\_. **Coproduções na Rede Globo**: protagonismo da periferia, sob a ótica da elite. Revista Fronteiras – Estudos Midiáticos. São Leopoldo – RS, vol.1, n. 3, p.211-218, setembro/dezembro 2009. Disponível em: <https://revistas.unisinus.br/index.php/fronteiras/article/view/5057/2306> Acesso em: 19 mai 2024.

MUSSIO, Simone. **Um olhar alteritário em Bakhtin**: o estudo do enunciado como forma de diálogo. SOLETRAS – Revista do Departamento de Letras da FFP/UERJ, São Gonçalo – RJ, vol.1, n. 30, p. 178-190, jul-dez 2015. Disponível em: < <https://www.e-publicacoes.uerj.br/soletras/article/view/16522/15928>> Acesso em: 16 abr 2024.

OLIVEIRA, Acauam Silvério. O evangelho marginal dos Racionais MC's. In: **Racionais MC's: Sobrevivendo no Inferno**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018.

OLIVEIRA, Leandro Silva de; SEGRETO, Marcelo; CABRAL, Nara Lya Simões Caetano. **Vozes periféricas**: expansão, imersão e diálogo na obra dos Racionais MC's. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, São Paulo, vol.56, p. 101-126, jun/2013. DOI: <http://dx.doi.org/10.11606/issn.2316-901X.v0i56p101-126> Acesso em: 12 fev 2024.

PERUZZO, Cicilia M. Krohling. Mídias e desigualdade (Prefácio). In: CIRINO, J. Antônio; BRAGA, Claudomilson (Orgs.). **Mídias e desigualdade**. Goiânia : PPGCoM/Gráfica da UFG, 2016.

PICOLOTTO, Everton Lazzaretti. **Movimentos sociais**: abordagens clássicas e contemporâneas. CSOnline Revista Eletrônica de Ciências Sociais [internet], vol. 1 n. 2, p. 156-177, nov. 2007. Disponível em: < <https://periodicos.uff.br/index.php/csonline/article/view/17048>.> Acesso em: 14 mar 2024.

PINHO, Livia Cristine Figueiredo; LIMA, Elizabeth Gonzaga. **Ler com os ouvidos**: as narrativas ficcionais no podcast “Contador de Histórias”. XVII Enecult – Encontro de Estudos Multidisciplinares em Cultura, 27 a 30, jul. 2021. Salvador, Bahia. Disponível em: < <http://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-568/132166.pdf>> Acesso em: 17 fev 2024.

PIVEN, Francis Fox; CLOWARD, Richard A. Normalizing collective protest, in MORRIS e Muller. **Frontiers in social movement theory**, pp 301-325. Yale University Press: Cumberland – RI, 1992.

PRIMO, Alex. **Para além da emissão sonora**: as interações no podcasting. Intexto, Porto Alegre – RS, vol. 2, n.13, p. 1-23, jul/dez 2005. Disponível em: < <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/26568/000547622.pdf>> Acesso em: 15 mar 2023.

PUZONE, Vladimir; MARIA, Fábio de. **Entre o marxismo ortodoxo e a teoria crítica**: notas sobre a participação de Karl Wittfogel no Instituto de Pesquisa Social

sob a direção de Max Horkheimer. Ideias, [internet], vol. 7, n. 2, p. 17–36, mar/2017. DOI: 10.20396/ideias.v7i2.8649494. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/ideias/article/view/8649494> Acesso em: 26 mar 2023.

ROTOLO, Tatiana de Macedo Soares. **Autonomia popular e socialismo democrático no pensamento político de Rosa Luxemburgo**. Cadernos de Ética e Filosofia Política, São Paulo, vol.9, p. 131-146, fev/2006. Disponível em: < <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/praxis/372/Rosa%20Luxemburgo.pdf?sequence=1&isAllowed=y>> Acesso em: 28 jan 2023.

SALVO, Fernanda Ribeiro. **Marginalidade urbana em cena: o advento do gênero favela no cinema brasileiro**. Animus – Revista Interamericana de Cultura Midiática, Santa Maria -RS, vol. 11, n. 22, s.p., dez/2012. Disponível em: < <https://periodicos.ufsm.br/animus/article/viewFile/3033/pdf>> Acesso em: 13 fev 2024.

SCHERER-WARREN, Ilse. **Redes de movimentos sociais**. São Paulo: Edições Loyola, 1993.

SCHIMIDT, Carlos. **Exploração, superexploração, dependência e luta de classes: uma análise com base na visão de distribuição de Marx**. Revista REBELA, Florianópolis-SC, vol. 3, n. 1, p. 1-17, out/2013. Disponível em: <https://ojs.sites.ufsc.br/index.php/rebela/article/download/2740/1935> Acesso em: 14 mai 2023.

SCORSOLINI-COMIN, Fabio. **Diálogo e dialogismo em Mikhail Bakhtin e Paulo Freire: contribuições para a educação à distância**. Educação em Revista: Belo Horizonte, v. 30, n. 03, p. 245-265, Julho – Setembro 2014. Disponível em: < <https://www.scielo.br/j/edur/a/lj7rRzQdhmVFwJFpVmf55GNF/?format=pdf&lang=pt>> Acesso em: 15 abr 2024.

SILVA, Gabriel Leandro; SOUZA, Renan Bernardino de; MOREIRA, Jaqueline Costa Castilho. **Significados da copa do mundo de futebol: sentimentos e manifestações de torcedores**. Colloquium Vitae, vol. 8, n. Especial, p. 82-89, Jul–Dez 2016. DOI: 10.5747/cv.2016.v08.nesp.000269. Disponível em: < <https://www.unoeste.br/site/enepe/2016/suplementos/area/Vitae/Educa%C3%A7%C3%A3o%20F%C3%ADsica/Significados%20da%20Copa%20do%20Mundo%20de%20Futebol%20sentimentos%20e%20manifesta%C3%A7%C3%B5es%20dos%20torcedores.pdf>> Acesso em: 12 fev 2024.

SILVA, João Dejene Assunção da Silva.; OLIVEIRA, Diogo Lopes. **Audiodocumentário no cenário podcasting: por um rádio independente e de caráter social**. Radiofonias — Revista de Estudos em Mídia Sonora, Mariana-MG, v. 11, n. 01, p. 182-199, jul./dez. 2020. Disponível em: < [https://www.academia.edu/43543265/Audiodocument%C3%A1rio\\_no\\_cen%C3%A1rio\\_o\\_podcasting\\_por\\_um\\_r%C3%A1dio\\_independente\\_e\\_de\\_car%C3%A1ter\\_social](https://www.academia.edu/43543265/Audiodocument%C3%A1rio_no_cen%C3%A1rio_o_podcasting_por_um_r%C3%A1dio_independente_e_de_car%C3%A1ter_social)> Acesso em: 17 fev. 2024.

SILVA, José Pereira da. **Estudos Bakhtinianos sobre dialogismo, gêneros, discurso e enunciado**. Linguagem em (Re)vista, Niterói, vol.11, n.21, jan/jun. 2016. Disponível em: <http://www.filologia.org.br/linguagememrevista/21/04.pdf> Acesso em: 15 jul 2023.

SILVA, Lara Ferreira; OLIVEIRA, Luizir. **O papel da violência simbólica na sociedade por Pierre Bourdieu**. Revista FSA: Teresina/PI, v. 14, n. 3, art 9, p. 160-174, mai-jun. 2017. Disponível em: < <http://www4.unifsa.com.br/revista/index.php/fsa/article/view/1342/1249>> Acesso em: 01 mai 2024.

SIMMEL, Georg. **Questões fundamentais da sociologia: indivíduo e sociedade**. Tradução: Pedro Caldas. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SOUZA-PILEGGI, Jennifer Aline do Lago. **Mano Brown: (auto)representações e mediações na construção de uma figura midiática**. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, n. 45, 2022, João Pessoa: UFPB – 5 a 9/9/2022. Disponível em: < <https://portalintercom.org.br/anais/nacional2022/resumo/0723202213024662dc1ba67a077.pdf>> Acesso em: 15 ago 2023.

STERNE, Jonathan; MORRIS, Jeremy; BAKER, Michael Brendan; FREIRE, Ariana Moscote. **The politics of podcasting**. Fibreculture Journal, [internet], vol. 13, jul/2008. Disponível em: < <https://thirteen.fibreculturejournal.org/fcj-087-the-politics-of-podcasting/>> Acesso em: 17 fev 2024.

TOURAINÉ, Alain. **The study of social movements**. Social Research, [internet], vol. 52, n. 4, pp 749-787, dez/1985. Disponível em: < [https://www.ses.unam.mx/docencia/2017II/Touraine1985\\_AnIntroductionOfTheStudyOfSocialMovements.pdf](https://www.ses.unam.mx/docencia/2017II/Touraine1985_AnIntroductionOfTheStudyOfSocialMovements.pdf)> Acesso em: 14 mar 2023.

VICENTE, Eduardo. **Do rádio ao podcast: as novas práticas de produção e consumo de áudio**. Trabalho apresentado ao GT de Cultura das Mídias do XXVII Encontro Anual da Compós, Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte – MG, 05 a 08 de junho de 2018.

VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima. Efeito colateral do sistema. In: **Racionais MC's: entre o gatilho e a tempestade**, org. VIEIRA, Daniela; SANTOS, Jaqueline Lima, 2-30. São Paulo: Perspectiva, 2023.

VOLÓCHINOV, Valentin. **Marxismo e filosofia da linguagem**. Tradução de Sheila Grillo e Ekaterina Vólkova Américo. São Paulo: Editora 34, 2021

WOODWARD, Kathryn. "Identidade e diferença: uma introdução conceitual". In: SILVA, Tomaz T.; HALL, Stuart; WOODWARD, Kathryn. **Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais**. 15.ed. Petrópolis: Vozes, 2014. p. 7-72.

ZENTENO, Raúl Benitez (org.). **As classes sociais na América Latina**. São Paulo: Editora Paz e Terra, 1977.

### Teses e dissertações

CAMOLEZE, Jean Marcel Caum. **Arquivos e movimentos sociais**: um estudo da produção de documentos populares no setor nacional de educação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST). Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Universidade Estadual Paulista (Unesp), 2022. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/234955> Acesso em: 05 jun 2023.

D'ALLEVEDO, Pedro Tadeu Faria. **1958, o ano que não terminou**: memória e performance na cena do baile black nostalgia paulistano. Tese (Doutorado em Sociologia) – Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2017. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/bitstream/123456789/11835/1/Arquivototal.pdf> Acesso em: 30 jan 2024.

DUARTE, Michelle Raphaelli Camargo. **O podcast como elemento de plataformização no jornalismo**: uma análise sobre a produção dos podcasts “Café da manhã”, “Durma com essa” e “O assunto”. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) – Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio Grande do Sul. 2021. Disponível em: <  
[http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9837/Michelle%20Raphaelli%20Camargo%20Duarte\\_.pdf?sequence=1&isAllowed=y](http://repositorio.jesuita.org.br/bitstream/handle/UNISINOS/9837/Michelle%20Raphaelli%20Camargo%20Duarte_.pdf?sequence=1&isAllowed=y)> Acesso em: 17 fev 2024.

GRECCO, Anderson da Costa e Silva. **Racionais MC's**: música, mídia e crítica social em São Paulo. Dissertação (Mestrado em História Social). PUC São Paulo, São Paulo, 2007.

MELO, José Radamés Benevides de. **Vozes sociais em construção**: dialogismo entre Diário do hospício, O cemitério dos vivos, de Lima Barreto, outros enunciados e outras vozes sociais. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, 2017.

SILVA, Janaina Bezerra. **O corpo periférico**: reflexões sobre espaço, pertencimento e visibilidade social. Artigo (Especialização em Mídia, Informação e Cultura) – Universidade de São Paulo, 2020. Disponível em: <  
[https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2021/01/projeto\\_pesquisa\\_janaina\\_final.pdf](https://celacc.eca.usp.br/sites/default/files/media/tcc/2021/01/projeto_pesquisa_janaina_final.pdf)> Acesso em: 13 fev 2024.

SILVA, José Carlos Gomes. **Rap na cidade de São Paulo**: música, etnicidade e experiência urbana. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) – Universidade Estadual de Campinas, São Paulo, 1998. Disponível em: [https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/silva\\_j\\_-\\_rap\\_na\\_cidade\\_de\\_sao\\_paulo.pdf](https://ceapg.fgv.br/sites/ceapg.fgv.br/files/silva_j_-_rap_na_cidade_de_sao_paulo.pdf) Acesso em: 13 fev 2024.

## Sites, blogs e portais

AGÊNCIA SEBRAE. **Setor de produção de podcast está em expansão no Brasil**, 2023. Acesso em: < <https://agenciasebrae.com.br/cultura-empREENDEDORA/entretenimento/setor-de-producao-de-podcast-esta-em-expansao-no-brasil-confira-dicas-do-sebrae/>> Acesso em: 13 ago 2023.

FUNDAÇÃO SEADE SP TIC. **A popularização do podcast**. Disponível em: < <https://sptic.seade.gov.br/wp-content/uploads/sites/16/2022/12/Sptic-dezembro-2022-popularizacao-podcast.pdf>> Acesso em: 13 ago 2023.

GSHOW. **Karol Conká comenta cancelamento durante BBB: 'a maior rejeição que tive de lidar foi a minha'**, 2023. Disponível em: <https://gshow.globo.com/tudo-mais/tv-e-famosos/noticia/karol-conka-comenta-cancelamento-durante-bbb-a-maior-rejeicao-que-tive-de-lidar-foi-a-minha.ghtml> Acesso em: 02 mai 2024.

MIDIACULT, UNESP. **Entrevista com Roger Chartier**: representações das práticas, práticas da representação. Entrevista concedida a Valéria dos Santos Guimarães. Youtube, 2021. Disponível em: <[https://youtu.be/Y3B\\_DgEOK1q](https://youtu.be/Y3B_DgEOK1q)> Acesso em: 01 mai 2024.

NEAMP PUC. **Lideranças políticas**: Fernando Holiday, 2022. Disponível em: <<https://neamp.pucsp.br/liderancas/fernando-silva-bispo>> Acesso em: 15 ago 2023.

NEIVA, Eduardo. **Dicionário Houaiss de comunicação e multimídia**. São Paulo: Publifolha: Instituto Antonio Houaiss, 2013.

NÓS MULHERES DA PERIFERIA. **Equipe, 2023**. Disponível em <https://nosmulheresdapериферia.com.br/equipe/> Acesso em: 15 jul 2023.

REDE BRASIL ATUAL. Mano Brown fala de sonho funk, história do *rap* e de arte ante Bolsonaro, 2018. Disponível em: <https://www.redebrasilatual.com.br/cultura/mano-brown-do-papel-da-arte-no-governo-bolsonaro-ate-a-historia-do-rap-nacional/> Acesso em: 18 jul 2022

## Revistas não acadêmicas e jornais

ALMEIDA, Renato Souza. **Cultura de periferia na periferia**, 2011. Le Monde Diplomatique Brasil, agosto, p. 36-37. Disponível em: <https://quilombodosopapo.redelivre.org.br/files/2015/09/Cultura-de-periferia-na-periferia.pdf>> Acesso em: 13 fev 2024.

DÁVILA, Sérgio. Raivosos, racionais, Racionais MC's. Revista Folha de São Paulo, São Paulo, 17 abr. 1994. Disponível em: <https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=12396&keyword=Mano%2CBrown&anchor=5643454&origem=busca&originURL=&pd=e045e9cdaf144b596f088a0025c2923b> Acesso em: 20 jul 2022.

ENCICLOPÉDIA ITAÚ CULTURAL DE ARTE E CULTURA BRASILEIRA. **Mano Brown**, 2021. Disponível em:

<https://enciclopedia.itaucultural.org.br/pessoa530982/mano-brown>. Acesso em: 18 jul 2022.

FOLHA DE S. PAULO. **CD radicaliza experiência de ‘Sobrevivendo no Inferno’**, 2002. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=15407&keyword=Brown%2CMano&anchor=101262&origem=busca&originURL=&pd=> Acesso em: 20 jul 2022

\_\_\_\_\_. **Popularidade do podcast sobe no isolamento social**, 2021. Disponível em: < <https://www1.folha.uol.com.br/seminariosfolha/2021/08/popularidade-do-podcast-sobe-no-isolamento-social.shtml>> Acesso em: 13 ago 2023.

\_\_\_\_\_. **Racionais de boutique**, 2013. Disponível em:

<https://acervo.folha.com.br/leitor.do?numero=19620&keyword=Mano%2CBrown&anchor=5893731&origem=busca&originURL=&pd=98d568f07f0e55c3fec00b65bc9d8f0c> Acesso em: 20 jul 2022.

## Podcasts

MANO A MANO. **Mano Brown entrevista Djonga**. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistado: Djonga. [S.I]: Spotify, out. 2021. Podcast. Disponível em: ≤

<https://open.spotify.com/episode/3HMYP3BnWpfmPWlrWLi77i?si=035502c200134617>> Acesso em: 15 jul 2023.

\_\_\_\_\_. **Mano Brown entrevista Fernando Holiday**. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistado: Fernando Holiday. [S.I]: Spotify, set. 2021.

Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/2MdfHSziNAbsdCdj8ZmXVD?si=b5d6ea96367b4fa7> Acesso em: 15 jul 2023.

\_\_\_\_\_. **Mano Brown entrevista Glória Maria**. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistada: Glória Maria. [S.I]: Spotify, dez. 2021. Podcast. Disponível em: ≤

<https://open.spotify.com/episode/7Cp1UH7ummJ0VS0Hw9PuNG?si=659d078498eb4af1>> Acesso em: 14 abr 2024.

\_\_\_\_\_. **Mano Brown entrevista Karol Conká**. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistada: Karol Conká. [S.I]: Spotify, ago 2021. Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/27XkW9BQhnlKEYRvrXLoF8?si=64103b2b001648a6> Acesso em: 14 abr 2024.

\_\_\_\_\_. **Mano Brown entrevista Emicida**. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistado: Emicida. [S.I]: Spotify, ago 2021. Podcast. Disponível em:

<https://open.spotify.com/episode/6afoNgIhLRQDMV8ioK5h53?si=a5624d8485c142fe>  
Acesso em: 14 abr 2024.

\_\_\_\_\_. **Mano Brown entrevista Lula**. Entrevistadores: Mano Brown e Semayat Oliveira. Entrevistado: Lula. [S.l]: Spotify, set 2021a. Podcast. Disponível em: <https://open.spotify.com/episode/0tIWq1FO7REyWexal16lz5?si=ebbdb2eb5de74822>  
Acesso em: 14 abr 2024.

PODPAH. **MANO BROWN #351**. Entrevistadores: Mitico e Igã. Entrevistado: Mano Brown. Spotify, mar 2022. Podcast. Disponível em: <  
<https://open.spotify.com/episode/6hx4DSCCTiNUKX5E0NgjM?si=957677948a024a36>  
> Acesso em: 8 mar 2022.

PODPAH. **EDI ROCK #227**, 2021. Entrevistadores: Mitico e Igã. Entrevistado: Edi Rock. Spotify, set 2021. Podcast. Disponível em:  
<<https://open.spotify.com/episode/56eaKFczazlJ8BdvETa7Zw?si=b1f630a6b622426a>  
> Acesso em: 12 fev 2024.